

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Elisângela Liberatti

**ARA, CHICO; AW, CHUCK: UMA TRADUÇÃO
FUNCIONALISTA DE QUADRINHOS DO CHICO BENTO**

Florianópolis
2012

Elisângela Liberatti

**ARA, CHICO; AW, CHUCK: UMA TRADUÇÃO
FUNCIONALISTA DE QUADRINHOS DO CHICO BENTO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução: Teoria, Crítica e História da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Liberatti, Elisângela L.

Ara, Chico; Aw, Chuck: [dissertação] : uma tradução
funcionalista de quadrinhos do Chico Bento / Elisângela L.
Liberatti ; orientador, Lincoln Paulo Fernandes -
Florianópolis, SC, 2012.

157 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução de Quadrinhos. 3.
Funcionalismo Alemão . 4. Tradução de pseudodialeto . I.
Fernandes , Lincoln Paulo. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Graziella e Humberto Liberatti, por serem a base que me mantém motivada a continuar e a acreditar em mim. O apoio incondicional de vocês é o que me trouxe até aqui. Agradeço ao meu namorado e companheiro, Ricardo Tonsig, por estar sempre ao meu lado e pelos incontáveis votos de confiança. Obrigada por entrar nesta jornada comigo. Vocês são, sem dúvida, meus maiores amores. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

Agradeço à empresa Maurício de Sousa Produções, e mais especificamente à Yara Maura Sousa, por autorizarem esta pesquisa e serem tão colaborativos. Sem a ajuda de vocês, este projeto não existiria.

Sou grata ao meu orientador, prof. Dr. Lincoln Fernandes, pelo conhecimento passado e por possibilitar a realização de um sonho. Agradeço a confiança em mim depositada. Agradeço aos membros da banca, prof.^a. Dr.^a. Meta Zipser, prof. Dr. Marcos Morgado e Prof. Waldomiro Vergueiro por aceitarem meu convite, colaborando, assim, com meu trabalho.

A todos os meus amigos da PGET, que me ajudaram a enxergar que, apesar de o caminho ser longo e árduo, não estou sozinha. Agradeço especialmente à Michelle pela paciência e disposição em dividir comigo parte de seu conhecimento acadêmico – com certeza, sua contribuição ajudou de forma significativa na evolução deste trabalho. Meus agradecimentos à Carol e Thaís, companheiras de conversa e estudo, que sempre me ajudaram. Agradeço também à Vanessa e seu marido, William Hanes, que, de muito boa vontade, se mostraram prestativos e dispostos a solucionar minhas dúvidas.

Agradeço ao grupo de pesquisa Tradução e Corpora (TraCor) pelas discussões sempre tão agradáveis e ricas. Sou grata à Capes pelo incentivo financeiro que permitiu que eu dedicasse mais tempo à pesquisa. Obrigada, PGET e professores, pelo aprendizado rico e contínuo que adquirei cada vez que piso nos corredores do programa.

RESUMO

Esta pesquisa situa-se na intersecção entre Estudos da Tradução, tradução de quadrinhos e funcionalismo nordiano (1991). Seu objetivo é propor uma tradução comentada com enfoque funcionalista de duas histórias em quadrinhos (HQs) do Chico Bento, no par linguístico português-inglês, sob a perspectiva teórico-metodológica do funcionalismo nordiano e do conceito de pseudodialecto caipira sugerido por Bagno (2011). A tradução da variação linguística presente nos quadrinhos do Chico Bento faz-se importante para a área de Estudos da Tradução pelo fato de que (pseudo)dialetos caracterizam e marcam o usuário da língua e, portanto, são elementos significativos em traduções cujo propósito seja a manutenção no texto alvo (TA) das características linguísticas presentes no texto fonte (TF). Com isso, é papel do tradutor identificar o propósito do (pseudo)dialecto presente no TF e assegurar que tal propósito mantenha-se consistente na tradução. Partindo-se do princípio de que as HQs do Chico Bento buscam retratar, ficcionalmente, a vida do caipira brasileiro e que a fala dos personagens seja uma tentativa de representação do cenário caipira dessas histórias, a tradução proposta busca manter o pseudodialecto caipira representado nas HQs, além de adaptar tais HQs ao público a quem o TA se destina, conceito da teoria funcionalista de Nord.

PALAVRAS-CHAVE: tradução, histórias em quadrinhos, Chico Bento, funcionalismo nordiano, pseudodialecto caipira.

ABSTRACT

This research is situated at the intersection between Translation Studies, comics' translation, and Nord's functionalist approach (1991). Its objective is to propose a functionalist translation with commentary of two Chuck Billy's comics, in the linguistic-pair Portuguese-English, from the theoretical and methodological perspective of Nord's functionalist approach and the concept of hillbilly (pseudo)dialect suggested by Bagno (2011). The translation of the linguistic variation present in Chuck Billy's comics is important to the Translation Studies area because (pseudo)dialects characterize and mark the language user, being meaningful elements in translations in which the purpose is the maintenance in the target text (TT) of the linguistic characteristics present in the source text (ST). Therewith, it is the translator's role to identify the purpose of the (pseudo)dialect present in the ST and ensure that such purpose is still consistent in the translation. Assuming that Chuck Billy's comics try to fictionally portray the life of a Brazilian hillbilly and that the character's speech is an attempt to represent the hillbilly scenario of such comics, the proposed translations try to maintain the hillbilly (pseudo)dialect represented in the comics, as well as to adapt such comics to the public to whom the TT is destined, a concept from Nord's functionalist approach.

KEYWORDS: translation; comics; Chuck Billy; Nord's functionalist approach; hillbilly (pseudo)dialect.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	21
1.1.	Mapeamento da pesquisa.....	26
1.2.	Contexto de investigação: Chico Bento e Li'l Abner.....	27
1.3.	Importância e propósito deste estudo.....	31
1.4.	Objetivos, hipóteses e perguntas de pesquisa.....	35
2.	OBJETO DE ESTUDO.....	37
2.1.	(Re)conhecendo o objeto de estudo: as HQs do Chico Bento e seu criador.....	37
2.2.	A fala não padrão em Chico Bento: o termo <i>pseudodialecto caipira</i> para fins deste estudo.....	40
3.	REVISÃO DE LITERATURA.....	43
3.1.	As histórias em quadrinhos dentro da literatura infanto-juvenil.....	43
3.2.	A tradução de histórias em quadrinhos.....	47
3.2.1.	Tradução de HQs: aspectos e limitações.....	48
3.3.	A tradução de (pseudo)dialetos e suas limitações.....	60
3.4.	Funcionalismo alemão: o modelo de Nord.....	67
4.	MÉTODO.....	81
4.1.	Categorias de análise.....	84
4.1.1.	Fatores extratextuais.....	84
4.1.2.	Fatores intratextuais.....	92
4.2.	Procedimentos de Análise.....	104
5.	TRADUÇÃO COMENTADA.....	105
5.1.	Estrutura da Tradução Comentada.....	105
5.2.	As traduções propostas.....	105
5.2.1.	Tradução comentada da HQ “Um homem de negócios”.....	107
5.2.2.	Tradução comentada da HQ “A chamada oral”.....	129
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
	REFERÊNCIAS.....	153
	ANEXOS.....	163
	ANEXO 1 – Termo de autorização cedido pela MSP em 2010.....	164
	ANEXO 2 – Termo de autorização cedido pela MSP em 2012.....	165
	ANEXO 3 – Quadrinhos do personagem Zé da Roça.....	166

LISTA DE FIGURAS

Fig. I – Capitão América acertando um soco em Hitler.....	23
Fig. II – Quadrinhos Chico Bento, 1963.....	39
Fig. III – Quadrinhos Chico Bento, 2005.....	40
Fig IV – Quadrinhos do Chico Bento em português.....	52
Fig V – Quadrinhos do Chico Bento em inglês.....	53
Fig VI – Quadrinhos do Chico Bento em português.....	54
Fig VII – Quadrinhos do Chico Bento em inglês.....	54
Fig VIII – Quadrinhos do Chico Bento em português.....	55
Fig IX – Quadrinhos do Chico Bento em inglês.....	56
Fig. X – Quadrinhos de mangá.....	58
Fig. XI – Tiras de Li'l Abner em inglês.....	62
Fig. XII – Tiras de Li'l Abner em inglês.....	63
Fig. XIII – Tira de Li'l Abner em português.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Quadro teórico-metodológico baseado em Williams & Chesterman (2002).....	27
Quadro II – Funções da linguagem.....	76
Quadro III – Modelo de Nord aplicado à HQ <i>Um homem de negócios</i>	98
Quadro IV – Modelo de Nord aplicado à HQ <i>A chamada oral</i>	101

LISTA DE ABREVIATURAS

HQs: Histórias em Quadrinhos

LA: Língua Alvo

LF: Língua Fonte

LIJ: Literatura Infanto-Juvenil

MSP: Maurício de Sousa Produções

TA: Texto Alvo

TF: Texto Fonte

1. INTRODUÇÃO

Histórias em quadrinhos (HQs) são basicamente definidas como desenhos feitos em quadros, com uma sequência, que podem conter textos verbais e/ou não verbais (figuras). Os primeiros registros de histórias sequenciais são desenhos feitos no interior das cavernas, na Idade da Pedra. Acredita-se que "... desde que o homem aprendeu a contar histórias por meio de desenhos, já se fazia HQ". (BONINI, 2008, paginação irregular). O surgimento oficial das HQs ocorreu no final do século XIX, nos Estados Unidos, e está ligado à emergência dos meios de comunicação em massa e também a um aumento do número de leitores da mídia impressa:

A primeira história em quadrinhos (HQ) moderna foi criada pelo artista americano Richard Outcault em 1895. "A linguagem das HQs, com a adoção de um personagem fixo, ação fragmentada em quadros e balões de texto, surgiu nos jornais sensacionalistas de Nova York com o Yellow Kid [...]", diz o historiador e jornalista Álvaro de Moya, autor do livro *História da História em Quadrinhos*. A tirinha de Outcault fez tanto sucesso que os grandes jornais nova-iorquinos entraram em pé de guerra para ter o Yellow Kid em suas páginas. Mas é claro que esse formato original para contar uma história não surgiu na cabeça de Outcault de uma hora para outra. Se a gente for buscar as primeiras raízes das HQs, podemos chegar às pinturas rupestres feitas pelos homens pré-históricos, que serviam para contar, por exemplo, como eram suas aventuras nas caçadas (QUEM inventou a histórias em quadrinhos? Paginação irregular. [2012?]. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-inventou-a-historias-em-quadrinhos>).

As HQs, como hoje são conhecidas, começaram a aparecer em forma de tirinhas¹, em suplementos de jornais de grande circulação, aos

¹ HQs e tirinhas devem ser diferenciados: o formato é a principal diferença entre esses gêneros. As tirinhas possuem formato reduzido, contendo apenas alguns

domingos. Histórias desenhadas passaram a ter grande aparição em meios impressos no começo do século XX. Na Europa, eram publicadas, em sua maioria, em revistas infantis. Seu principal intuito não era o entretenimento, mas sim a educação, servindo como um meio de introdução da criança ao mundo da leitura e da escrita. Em contraste com as HQs norte-americanas, as primeiras publicações européias não possuíam balões, e sim narrações escritas embaixo das figuras, que eram subordinadas à palavra escrita (ZANETTIN, 2008).

Já nos Estados Unidos, as tirinhas não se dirigiam exclusivamente ao público infantil, atingindo tanto crianças quanto jovens e adultos. Em 1930, os gibis viraram um fenômeno comercial e artístico nesse país, devido a sua forma fácil de comunicação. Eram publicações baratas em formato menor do que os jornais e possuíam, normalmente, de 16 a 32 páginas coloridas. As primeiras aparições de gibis continham coleções de tirinhas e depois passaram a conter publicações periódicas com histórias originais.

A primeira publicação brasileira de HQs se deu em 1869, de autoria do italiano Ângelo Agostini. Em 1905, ainda no Brasil, cria-se a revista *O Tico-Tico*, marco do quadrinho nacional. No século XX nascem os primeiros personagens com características nacionais: Chiquinho, Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Em 1937, Roberto Marinho entra na área dos quadrinhos, com o jornal *O Globo*. Mas foi somente em 1951, mais de oitenta anos após surgirem no Brasil, que os quadrinhos² passam a ser considerados pela primeira vez como uma linguagem, a partir da *Primeira Exposição Internacional de Quadrinhos*, ocorrida no Brasil. A exposição, que aconteceu na cidade de São Paulo, foi criada por cinco jovens artistas: Álvaro de Moya, Jayme Cortez, Syllas Roberg, Reinaldo de Oliveira e Miguel Penteadó. Sua finalidade não era o lucro, mas sim mostrar ao público o caráter elucidativo, didático, técnico e artístico das HQs, apresentando-as como

quadros (três, normalmente). Na maioria das vezes, são publicadas em jornais. Exemplo de tiras: última página dos gibis da turma da Mônica. Já as HQs são uma evolução das tirinhas, sendo histórias com maior número de quadros, com começo, meio e fim. A tirinha seria, então, uma história curta, e a HQ, uma história longa. Para a tradução comentada realizada neste trabalho, utilizo o gênero das HQs, ou seja, não serão utilizadas tirinhas para a proposta aqui apresentada (ALCÂNTARA, [20--?] e SANTOS & SILVA, 2010).

² O termo “quadrinhos”, aqui, é genérico – termo guarda-chuva, podendo englobar, com isso, os diversos gêneros desta arte (tiras, HQs, cartuns, charges, etc.)

uma nova linguagem, uma nova arte (disponível em: <http://quadrinhos.wordpress.com/category/comics-quadrinhos/desenhistas/alvaro-de-moya/> e <http://planetamongo.wordpress.com/2011/06/18/a-primeira-a-gente-nunca-esquece/>).

Na década de 40, com a explosão da Segunda Guerra Mundial, surgem os maiores heróis internacionais conhecidos no universo dos quadrinhos: Super-Homem, Batman e Capitão América (BERANGER, FERREIRA & FIRMINO, 2008). O Super-Homem apareceu em 1938, mas Capitão América foi um dos primeiros heróis a trazer histórias mais engajadas na luta contra o nazismo, inspirando, então, outros super-heróis. Nessa época, era usual a produção de capas de gibis mostrando ditadores do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) sendo socados ou ridicularizados pelos super-heróis: Hitler e seus aliados, Mussolini, Tojo (primeiro-ministro japonês na época do ataque a Pearl Harbor) e o então imperador japonês Hiroíto (VILELA³, [20--?], paginação irregular). A seguir, capa de um gibi do Capitão América agredindo Adolf Hitler.

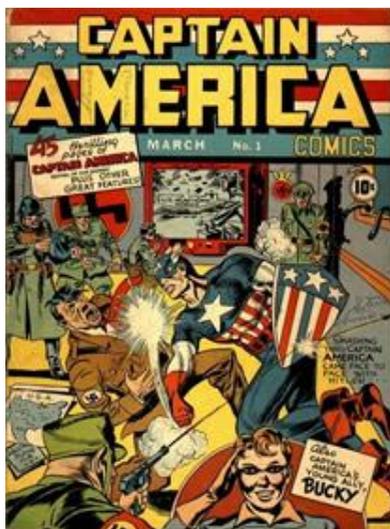


Fig. I – Capitão América acertando um soco em Hitler. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/historia/quadrinhos-e-2-guerra-mundial-capitao-america-e-os-roteristas-judeus.jhtm>.

³ Túlio Vilela, formado em História pela USP, é professor da rede pública do estado de São Paulo e um dos autores do livro "Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula" (Editora Contexto).

Praticamente todos os gibis da época da Segunda Guerra tinham como roteiro heróis engajados no esforço de guerra. Enquanto a maioria dos estadunidenses preferia manter-se neutra em relação a que lado apoiar (judeus ou nazistas), os criadores dos gibis de super-heróis resolveram assumir simpatia por um dos lados, o dos judeus. Isso se deu por dois motivos: o primeiro deles era que os nazistas davam ótimos vilões para as HQs, e as HQs de super-heróis sempre contaram com a presença de grandes vilões. E o segundo motivo é que grande parte dos criadores dessas HQs era composta por judeus, tendo eles, então, razões pessoais para fazer propaganda contra o nazismo. “Muitos dos roteiristas e desenhistas eram filhos ou netos de imigrantes judeus pobres que, para fugir de perseguições na Europa, resolveram migrar para os Estados Unidos” (VILELA, [20--?], paginação irregular).

Em 1950, a Editora Abril traz ao Brasil o Pato Donald e o Zé Carioca, criados por Walt Disney. Nessa mesma época, surgem as adaptações dos clássicos de romances da literatura para os quadrinhos, criando-se, também, os heróis nacionais, com a finalidade de combater a concorrência americana. Na década de 60 surgiram vários quadrinistas brasileiros e, conseqüentemente, inúmeros personagens.

Nessa época, Maurício de Sousa, criador da *Turma da Mônica*, turma mais famosa do Brasil, aparece em cena (BERANGER, FERREIRA & FIRMINO, 2008). Maurício começou a escrever quadrinhos em 1959, publicando tirinhas de jornal aos domingos, intituladas *Bidu*. As histórias da *Turma da Mônica* narram as aventuras de um grupo de amigos de aproximadamente seis anos de idade, na vizinhança ficcional do ‘Bairro do Limoeiro’, em São Paulo. Essa vizinhança foi inspirada no bairro de Cambuí, em Campinas, e na cidade de Mogi das Cruzes, onde Maurício viveu durante sua infância.

Em 1970, Maurício cria HQs em formato de revista de banca, com *Mônica*, que foi lançada com tiragem de 200 mil exemplares. Dois anos depois, veio a revista do *Cebolinha* e, nos anos seguintes, as revistas do *Chico Bento* (lançada em 26 de agosto de 1982), do *Cascão*, da *Magali*, etc. Maurício criou diversos outros personagens além da *Turma da Mônica* e do *Chico Bento*. Entre eles, podemos citar: *Tina*, *Horácio*, *Penadinho*, *Papa-Capim*, *Piteco*, *Astronauta*, entre outros.

Maurício de Sousa Produções (MSP) é o nome da empresa que produz projetos (entre eles, HQs) ligados à *Turma da Mônica* e demais personagens, incluindo os personagens da revista *Chico Bento*. Atualmente, as criações e produções da MSP são conhecidas e comercializadas tanto no Brasil quanto internacionalmente, e os leitores

brasileiros contam, também, com gibis da Turma da Monica em Inglês e em Espanhol nas bancas do país (disponível em: www.monica.com.br). As HQs de Maurício são traduzidas para cinquenta idiomas diferentes e vendidas em mais de cento e vinte países, entre eles Estados Unidos, Itália, Indonésia e Espanha (disponível em: <http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=4&id=22>). Segundo Beranger (2008, paginação irregular),

As produções de Maurício de Sousa estão presentes no mercado mundial. São distribuídas e traduzidas para [...] [países da] Europa, [d]a Ásia e [d]a América do Norte (Estados Unidos). Para a aceitação de seu trabalho nessas localidades, além da tradução dos textos, houve uma adequação de algumas histórias e personagens àquelas realidades, usando as referências internacionais.

Apesar do grande número de personagens de HQs e do fato de os quadrinhos serem distribuídos mundialmente, a produção de conhecimento acadêmico na área ainda tem um longo caminho a percorrer. Dentro desse cenário de carente conhecimento na área de quadrinhos e de tradução de quadrinhos, o presente estudo tem como intuito realizar uma tradução comentada⁴ de duas HQs da revista *Chico Bento*, no par-linguístico português - inglês. A teoria funcionalista de Nord informa as escolhas tradutórias presentes no TA, sendo que a tradução proposta busca manter a fala não padrão existente no TF, que, para fins deste estudo, chamo de *pseudodialeto caipira*⁵, uma vez que a linguagem utilizada em *Chico Bento* representa uma fala não autêntica, e sim ficcional, artística.

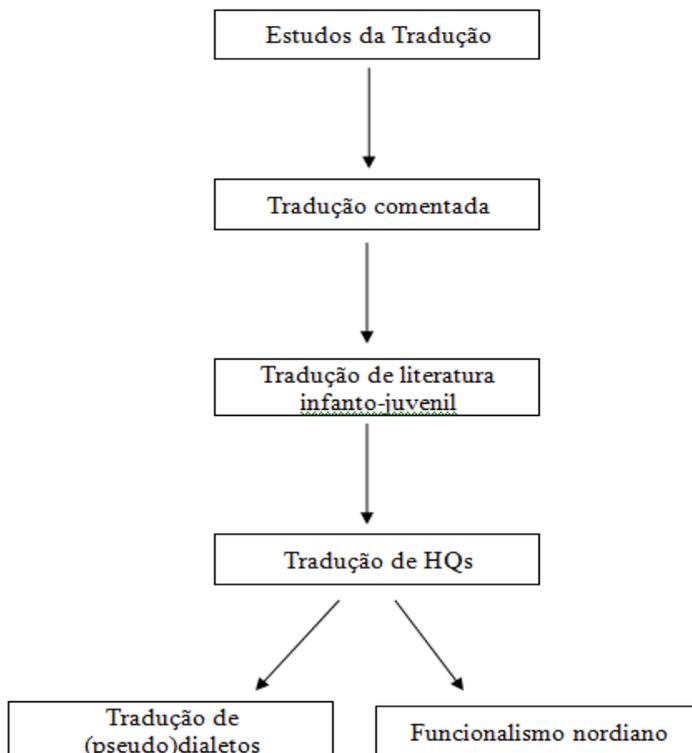
⁴ Os comentários realizados sobre a tradução são relativos aos casos em que o TF apresenta marcas culturais brasileiras e que, para a tradução com base na teoria funcionalista, o TA foi adaptado de forma a se buscar atingir seu (suposto) público leitor. São também realizados alguns comentários sobre a tradução do pseudodialeto caipira.

⁵ O termo *pseudodialeto caipira* foi cunhado por Marcos Bagno (2011) e é abordado mais detalhadamente na seção 2.2, pág. 40: “A fala não padrão em *Chico Bento*: o termo *pseudodialeto caipira* para fins deste estudo”.

Os conceitos a serem utilizados neste trabalho serão, basicamente, o funcionalismo alemão de Nord (1991), a tradução de HQs de Zanettin et. al (2008) e conceitos de literatura infanto-juvenil adotados por Azenha (2008), Fernandes (2004), Meireles (1984), Oittinen (2000), Vergueiro (2009), entre outros.

1.1. Mapeamento da pesquisa

Inserida nos Estudos Descritivos da Tradução, a configuração teórico-metodológica da presente pesquisa é realizada na interface entre tradução com comentário e tradução de literatura infanto-juvenil (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002). O projeto concentra-se em três eixos distintos: (i) tradução comentada, (ii) tradução de HQs (ii) e (iii) tradução de (pseudo)dialetos. Os três eixos são explorados no par lingüístico português – inglês, em que a fonte de dados são HQs de Chico Bento, de Maurício de Sousa (Língua Portuguesa do Brasil), e quadrinhos de Li'L Abner, de Al Capp (Língua Inglesa). O funcionalismo alemão de Nord é a ferramenta teórico-metodológica utilizada na tradução proposta. Assim, tem-se o seguinte quadro teórico-metodológico com base em Williams & Chesterman (2002):



Quadro I – Quadro teórico-metodológico baseado em Williams & Chesterman (2002)

1.2. Contexto de investigação: Chico Bento e Li'l Abner

O contexto geral desta investigação é a tradução de HQs. Uma das primeiras menções a tradução de HQs na disciplina de Estudos da Tradução aparece em 1960, em Jakobson, quando o autor cita os quadrinhos como um exemplo de tradução intersemiótica (ZANETTIN, 2008, p. 9). Já Celotti afirma que

Está levando muito tempo para Os Estudos da Tradução reconhecerem a especificidade dos quadrinhos: um espaço narrativo em que elementos pictóricos carregam significado não menos do que as mensagens verbais, sobre as

quais eles normalmente têm primazia [...]. Hoje, a literatura sobre tradução de quadrinhos é bastante fragmentada [...] ⁶ (CELOTTI, 2008, p. 33⁷).

É dentro desse contexto de escassa produção de conhecimento na área que essa pesquisa se insere.

O contexto de investigação específico desse estudo diz respeito às HQs da Turma do Chico Bento, turminha que teve seus primeiros personagens criados em 1961 por Maurício de Sousa. Os primeiros personagens a aparecerem nas historinhas foram Hiro e Zé da Roça. Já Chico foi criado em 1963, surgindo como personagem secundário no *Diário da Noite*, que circulava em São Paulo, na década de 60. Em seguida, Chico ganhou espaço nas páginas de um suplemento semanal de quadrinhos, no *Diário de São Paulo*. Ali, estréia como personagem principal, em cores. Em agosto de 1982, o personagem ganhou sua própria revista, que leva seu próprio nome. Os quadrinhos são escritos até os dias atuais. Chico é um menino de aproximadamente seis anos, sendo que as HQs contam com personagens da mesma faixa etária de Chico – seus colegas – e também com personagens adultos (pais, padre, professora, vendedores, avó, etc.).

Os quadrinhos do Chico Bento contam a história de uma turma de caipiras. Os personagens de Chico Bento representam a rotina diária do que supostamente seria o típico caipira brasileiro, e essa representação é reforçada pela variação linguística presente na fala dos personagens. Uma vez que toda linguagem é tida como uma forma de representar o mundo, a linguagem em Chico Bento nada mais é do que uma tentativa de reforçar a representação do ambiente rural apresentado nas HQs. Quanto a isso, Cintrão aponta que

Os textos ficcionais que trabalham a construção de personagens, incluindo-se aqui histórias em quadrinhos e literatura infantil, frequentemente se valem, em diálogos, de marcas de dialetos

⁶ As citações em língua estrangeira são traduzidas por mim. Os respectivos originais encontram-se em notas de rodapé.

⁷ “It is taking Translation Studies a long time to recognize the specificity of comics: a narrative space where pictorial elements convey meaning, no less than verbal messages, over which they often have primacy [...]. Today, the literature on the translation of comics is quite fragmented [...]”

regionais e registros (entre mais e menos formais, por exemplo), para caracterizar suas personagens ou as próprias relações interpessoais entre personagens (2008, p. 2727).

Dentro desse contexto, esta pesquisa tem como intuito realizar uma tradução comentada de quadrinhos do Chico Bento, tendo como ferramenta teórica e metodológica o funcionalismo nordiano e buscando-se manter o pseudodialecto caipira representado nessas HQs, a fim de se manter a caracterização linguística de seus personagens. No *website* da Turma da Mônica há disponíveis três HQs do Chico Bento e suas respectivas traduções, sendo que as HQs originais foram escritas em 1999, 2001 e 1983, e traduzidas em 1999, 2001 e 2002, respectivamente. Essas traduções já realizadas pela equipe de tradutores da Maurício de Sousa Produções (MSP) são uma das bases para a tradução comentada sugerida nesse estudo.

Além disso, os quadrinhos⁸ de Li'l Abner são outra fonte na qual a tradução proposta neste estudo se baseia. Produzidas no período entre 1934 e 1977, as historinhas de Li'l Abner são de autoria de Al Capp (1909–1979) e têm grande impacto cultural nos Estados Unidos. Buscam representar de forma satírica o que seria o típico caipira estadunidense (em inglês, *hillbilly*). O cenário em que se passa a maioria das histórias é a cidade ficcional de Dogpatch (em português: Brejo Seco), em Kentucky. De todos os cartunistas que representaram o *hillbilly* estadunidense, Capp foi o de maior sucesso e que mais atingiu a cultura popular estadunidense. Nas décadas de 40 e 50, as tirinhas de Capp circulavam em aproximadamente novecentos jornais nos Estados Unidos e em cem jornais fora do país. Isso fez de Al Capp o cartunista mais bem pago da época, estimando-se um total de 250 mil dólares anuais, em 1947 (HARKINS, 2005).

Como pode ser observado, Capp foi um notório cartunista que, com os quadrinhos de Li'l Abner, buscou representar tanto linguística quanto extralinguisticamente o típico *hillbilly* que vive na região das montanhas dos Apalaches, nos Estados Unidos. Em comunicação pessoal com Julie Capp, filha do autor, foi-me explicado que a fala de Li'l Abner, criada por Al Capp, não representa um dialeto oficial de alguma região específica do país. A fala dos personagens em Li'l Abner foi criada de forma não sistemática, representando simplesmente uma

⁸ Tanto as tirinhas quanto as HQs de Li'l Abner.

fala não padrão dos personagens do cenário ficcional específico das HQs de Li'l Abner. Al Capp criou essa fala não padrão ouvindo e tentando reproduzir em papel o que soava a seus ouvidos. Os diálogos em Li'l Abner foram escritos usando-se uma aproximação do dialeto sulista estadunidense, de forma cômica, ficcional e artística. Capp afirma, em comunicação pessoal, que

Li'l Abner é de um cenário fictício, Dogpatch, em ou em torno de Kentucky, onde seu criador, Al Capp, viajou, pedindo carona, quando jovem. Estou razoavelmente certa, no entanto, de que o dialeto que os Dogpatchers usavam não era um dialeto "oficial" – era mais provavelmente a impressão de um sotaque desconhecido – para um menino criado no meio urbano de Connecticut, e desenvolveu-se em um dialeto de seu próprio estilo caipira (CAPP, 2011, comunicação pessoal⁹).

E complementa:

[...] posso dizer que o dialeto falado em Dogpatch é um dialeto ficcional, baseado espontaneamente na forma como as pessoas falavam e como soava a meu pai. O resto faz parte do processo criativo - nada "técnico", tenho certeza, embora fundamentalmente sulista (CAPP, 2011, comunicação pessoal¹⁰).

⁹ Li'l Abner is from a fictional setting, Dogpatch, in or around Kentucky, where his creator, Al Capp, traveled, hitchhiking, as a young man. I am fairly sure, however, that the dialect the Dogpatchers spoke was not an "official" one - more likely sort of impression of an unfamiliar accent - for a boy brought up in urban Connecticut, and developed into a dialect of its own-hillbilly style.

¹⁰ I can only say that the dialect spoken in Dogpatch is a fictional one, based loosely on the way the people spoke and how it sounded to my father. The rest is part of the creative process - nothing "technical", I am sure, although fundamentally southern.

A MSP utiliza os quadrinhos de Li'l Abner como base para as traduções do Chico Bento pelo fato de as falas dos personagens em Li'l Abner serem representadas com inglês não padrão, em que o autor buscou reproduzir um inglês caipira estadunidense. Assim sendo, pode-se afirmar que seus personagens utilizam um pseudodialecto caipira do inglês americano para se comunicarem (por ser uma fala artística e não autêntica), assim como acontece nas HQs do Chico Bento. Com isso, faz-se viável a utilização de Li'l Abner como uma das bases para a tradução proposta.

As duas HQs citadas – Chico Bento e Li'l Abner – são utilizadas neste estudo com o propósito de buscar manter no TA as representações do caipira presentes no TF, tanto em âmbito linguístico quanto em âmbito cultural. As traduções propostas nesta pesquisa são duas HQs do Chico Bento, intituladas: *Um homem de negócios* (disponível em: www.monica.com.br) e *A chamada oral* (disponível em: revista Chico Bento, número 61, Brasil, 2012. Págs. 36 a 41. Maurício de Sousa Editora – Panini Comics. Maurício de Sousa Produções). Feitas tais considerações, passa-se, então, à subseção que discorre sobre a importância e o propósito desta pesquisa.

1.3. Importância e propósito deste estudo

Considerando-se que a tradução de HQs tem recebido pouca atenção acadêmica na área de Estudos da Tradução (ET), a importância desta pesquisa é contribuir com a área de intersecção entre LIJ (literatura infanto-juvenil) e ET, mais especificamente na área de tradução de quadrinhos. Apesar do incontestável fato de que HQs gozam de admiração internacional, contando com diversos temas, personagens e escritores, a produção de conhecimento acadêmico na área é limitada, principalmente quando se fala em traduções de tal gênero.

É dentro desse contexto de escassa pesquisa na área de tradução LIJ que este trabalho se insere. Até o momento, segundo pesquisa realizada no *website* do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), no programa há apenas um estudo sobre tradução de quadrinhos, intitulado *A metáfora situacional na HQ Mafalda: análise dos contextos tradutórios*, sob autoria de Marina Ubeda Souto, concluído em 2011. Em relação ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), até o presente momento foram encontradas vinte e uma teses e dissertações sobre Chico Bento, objeto de estudo desta pesquisa; porém, nenhuma dessas pesquisas está relacionada à área de Estudos da

Tradução. A seguir, são expostas a autoria, o título e o ano de conclusão de cada uma dessas pesquisas:

- Adriana Lemes. *A Escola do Chico Bento: Representações do Universo Escolar em Histórias em Quadrinhos de Maurício de Souza* [sic]. 2005;
- Ana Maria de Amorim Viana. *Software educativo, muito prazer*. 2004;
- Clarisse Barbosa dos Santos. *Quadrinhos e Chico Bento: um texto caleidoscópico*. 2002;
- Claudia Aparecida Teodoro. *O simulacro do caipira nas histórias em quadrinhos de Chico Bento*. 2007;
- Cristiana de Almeida Fernandes. *O mito em Maurício de Sousa*. 2006;
- Daniela Amaral Silva Freitas. *O discurso da educação escolar nas Histórias em Quadrinhos de Chico Bento*. 2008;
- Elaine Ferrari Antunes. *O falar caipira de Chico Bento*. 2000;
- Franciele Aline Parrilla. *Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade? A representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos do Chico Bento*. 2006;
- Geisa Fernandes D'Oliveira. *De Jeca a Bento: identidade nacional nos quadrinhos de Maurício de Sousa*. 2005;
- Giovana Scareli. *Educação e histórias em quadrinhos: a natureza na produção de Maurício de Sousa*. 2003;
- Juliano Ricciardi Floriano Silva. *O espaço geográfico expresso nas histórias em quadrinhos: uma experiência com Chico Bento*. 2004;
- Luciana Eisenbach Nunnes. *Estudo semiótico da história em quadrinhos "Chico Bento em: aniversário na escola" de Maurício de Souza* [sic]. 2003;
- Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes. *Crianças de papel: a infância nos quadrinhos de Maurício de Souza* [sic]. 2008;
- Maria de Fátima Cardoso Gomes. *Chico Bento na escola: um confronto entre a produção de "maus" e "bons" alunos e suas representações*. 1995;
- Maria de Lourdes Del Favero Cório. *O personagem "Chico Bento", suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a modernidade*. 2006;
- Mariana Ramalho Procópio. *O ethos do homem do campo nos*

quadrinhos de Chico Bento. 2008;

- Mario Benedito Sales. *História em quadrinhos e escola: uma luta ou parceria?*. 2002;
- Naila Lins da Silva. *A abordagem da variação linguística na 3ª fase da Educação de Jovens e Adultos e suas implicações para o ensino*. 2010;
- Rogerio Elias Marim. *Histórias de Chico Bento: discussões acerca de algumas práticas escolares quando mobilizadas na contexto midiático das HQs*. 2011;
- Silvano Alves Bezerra da Silva. *A Pedagogia do Chico Bento: o caipira e o seu uníverso no discurso das histórias em quadrinhos*. 1998.

Além disso, foram encontradas catorze pesquisas com o tema *tradução de quadrinhos*, mas nenhuma delas envolvendo os quadrinhos do Chico Bento. São elas:

- Carlos José dos Santos Filho. *História em quadrinhos e cinema: passagens da imagem-texto à animação em Batman*. 2003;
- Chris Benjamin Natal. *Graphic Novels: Literatura Visual - Livros e Álbuns de adaptações Literárias para Histórias em Quadrinhos*. 2001;
- Denise Lourenço de Oliveira. *Fanzine: procedimentos construtivos em mídia tátil impressa*. 2007;
- Giovana Santana Carlos. *O(s) fã(s) da cultura pop japonesa e a prática de Scanlation no Brasil*. 2011;
- Pedro Vicente Figueiredo Vasconcellos. *Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas*. 2006;
- Rafael Giardini Lenzi. *Ressemantizações mitológicas nos quadrinhos: estudo semiótico de Conan, O Bárbaro*. 2007;
- Rosa Cristina Frederico. *Hércules do Sertão - uma Tradução Intersemiótica de Guimarães Rosa*. 2003;
- Thelma Medice Nobrega. *Sob o signo dos signos: uma biografia de Haroldo de Campos*. 2005.

Levando-se em consideração o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, faz-se possível concluir, então, que a pesquisa proposta para este estudo é relevante para a área, uma vez que, no Brasil, até o momento da redação deste trabalho, não há estudos acadêmicos em

nível de mestrado ou doutorado envolvendo a *tradução de quadrinhos do Chico Bento*.

Dentro deste contexto, o presente projeto propõe-se traduzir duas HQs de Chico Bento no par linguístico português – inglês com base no funcionalismo nordiano (1991), buscando-se a manutenção nos TA dos aspectos linguísticos concernentes ao pseudodialecto caipira presente nos TF. O pseudodialecto caipira é utilizado pelos personagens da revista com a finalidade de fidelização do cenário rural em que ocorrem as histórias do Chico Bento, e, com isso, é essencial que seja mantido na tradução.

A visão da MSP não é diferente da minha quando se trata de homogeneização da fala não padrão presente em Chico Bento. Em comunicação pessoal com a empresa, recebi um contrato de tradução das HQs. A primeira cláusula, quando se trata das traduções do Chico Bento, é uma exigência de manutenção da fala não padrão dessas HQs para a língua em que o texto for traduzido. Ou seja, a MSP não concorda com a neutralização da fala do personagem no TA.

Outro propósito deste estudo é a criação de um corpus de pequena escala que servirá de base para a tradução proposta neste projeto e que será alimentado à medida que a tradução for realizada¹¹. Tal fato permitirá o possível uso do corpus de pequena escala em futuros projetos que envolvam traduções do pseudodialecto caipira no par linguístico português – inglês (ver Método – pág. 81).

Assim, esta pesquisa tem como principal intuito acrescentar conhecimento ao escasso material existente na área de tradução de HQs, oferecendo aparato teórico e metodológico para a área e auxiliando pesquisas e traduções futuras, bem como contribuir para a desmarginalização da LIJ e da tradução de LIJ (ver seção 3.1, *As Histórias em Quadrinhos dentro da Literatura Infanto-Juvenil*, p. 33).

¹¹ Nos Estudos da Tradução, um corpus pode ser alimentado de tempos em tempos, ficando maior à medida que textos forem sendo adicionados a ele.

1.4. Objetivos, hipóteses e perguntas de pesquisa

1.4.1. Objetivos

1.4.1.1. Objetivo geral:

Realizar uma tradução comentada, com bases funcionalistas, de duas histórias em quadrinhos do Chico Bento, mantendo-se no TA uma fala não padrão da língua inglesa.

1.4.1.2. Objetivos específicos:

I. Investigar até que ponto o conceito trazido pelo funcionalismo alemão de leitor-receptor como meta final na tradução auxiliou as escolhas tradutórias apresentadas nesta pesquisa;

II. Criar um corpus paralelo bilíngue de pequena escala com o intuito de auxiliar a tradução proposta neste projeto, e que também possa ser utilizado em pesquisas e traduções futuras.

1.4.2. Hipóteses:

As hipóteses levantadas para esta investigação são as seguintes:

I. A fala não padrão é conservada nas traduções do Chico Bento, mantendo-se, com isso, a consistência do TA em relação à variante linguística existente no TF; e

II. O TA atinge seu (suposto) público receptor, por meio de adaptações (culturais) realizadas no ato tradutório dos textos em português para os textos em inglês.

1.4.3. Perguntas de pesquisa:

De acordo com os objetivos e hipóteses listados acima, o presente estudo propõe-se a responder às seguintes perguntas:

I. O aparato teórico-metodológico auxiliou a tradução proposta?

II. Tal tradução pode ser considerada uma tradução funcionalista¹²?

¹² O objetivo, aqui, não é comprovar a *funcionalidade* do texto na recepção, uma vez que, para isso, seria necessária uma análise dos resultados alcançados

do TA nos (supostos) leitores das traduções propostas (já que quem decide a funcionalidade de um texto é o seu receptor). Assim, com base nas informações preenchidas nas tabelas do modelo de Nord (pp. 64 e 66), criou-se um contexto de recepção *ideal*, utilizando-se de elementos na tradução capazes de torná-la um texto funcional, ou seja, que, teoricamente, funcione para o leitor final, o qual é *hipotético*.

2. OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo desta investigação é composto por HQs do Chico Bento, escritas por Maurício de Sousa, e quadrinhos de Li'l Abner, escritos por Al Capp. As HQs do Chico Bento utilizadas como base para este estudo são compostas por três HQs que já foram traduzidas pela MSP (disponíveis em www.monica.com.br), no paralinguístico português – inglês. Com isso, a análise dessas traduções foi utilizada para a criação de um corpus de pequena escala que tem como intuito auxiliar as traduções aqui propostas. Quanto às HQs de Li'l Abner, elas serviram como base para as traduções já existentes, realizadas pela MSP, e, por isso, ainda serão utilizadas como uma das bases para as traduções comentadas propostas neste projeto.

2.1. (Re)conhecendo o objeto de estudo: as HQs do Chico Bento e seu criador

Maurício de Sousa é o cartunista criador de diversos personagens dos quadrinhos brasileiros, dentre eles Chico Bento. Maurício nasceu em 1935, em Santa Isabel, interior paulista. Passou parte de sua infância em Mogi das Cruzes, também no interior paulista, e outra parte viveu em São Paulo, capital. Desde muito jovem, Maurício estudava, trabalhava na rádio, ensaiava canto e dança e desenhava cartazes e pôsteres. Seu grande sonho era se dedicar profissionalmente ao desenho, chegando a fazer ilustrações para jornais de Mogi das Cruzes. Como queria desenvolver técnica e arte, saiu de Mogi, cidade que morava, e dirigiu-se a São Paulo em busca de emprego, levando amostras de alguns de seus trabalhos.

A princípio, Maurício não conseguiu emprego na área dos quadrinhos, trabalhando, então, como repórter policial no jornal *Folha da Manhã*. Após cinco anos, largou o emprego de repórter policial e resolveu dedicar-se inteiramente à arte. Sua primeira grande criação que o levaria definitivamente a ser um cartunista foi em 1959, com uma série de tiras do Bidu, que ofereceu ao próprio jornal no qual trabalhava, como tentativa de ser aprovado. Nos anos seguintes, Maurício criou diversas outras tiras: tiras do Cebolinha, do Piteco, do Chico Bento, do Penadinho, entre outras, criando, também, páginas tipo tablóide que teriam publicação semanal: Horácio, Raposão, Astronauta.

O personagem Chico Bento foi inspirado em um tio-avô de Maurício de Sousa. Chico é um representante do sujeito da vida rural, nascido na roça, e tanto sua fala caipira quanto suas tradições, costumes

e cultura demonstram isso. Ao deparar-se com a afirmação de que criou o Chico Bento inspirando-se em Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato, Maurício afirma que

Quanto às conclusões dos pesquisadores sobre semelhanças do Chico com o Jeca Tatu, fica por conta desses mesmos pesquisadores. Eu, mesmo, nunca pensei em aproximar as duas imagens. Mas essas conclusões talvez sejam provocadas pela origem dos dois personagens: Chico é uma *montagem de características que vi e vivi* na minha infância, nas cidades de Mogi das Cruzes e Santa Isabel. Bem na área do Vale do Paraíba. E o Jeca Tatu é um personagem criado pelo Lobato, a partir de observações que ele fazia de roceiros do mesmo Vale do Paraíba. Uma ou outra coisa em termos de hábitos, costumes, uma ou outra coisa em termos de moldura, deve ser semelhante. Mas definitivamente Chico Bento é mais um tio-avô meu, *roceiro* da região do Taboão (entre Mogi e Santa Isabel), que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas de quem conheci inúmeras histórias hilariantes, contadas pela minha avó. Era uma espécie de Pedro Malazartes, tanto que aprontava. E tinha um irmão gêmeo, Zé Bento, que no início ignorei, para as histórias em quadrinhos. Posteriormente, quando senti que o Chico Bento precisava de um outro personagem para a geração de situações mais cômicas, fui buscar o tal gêmeo. Que batizei de Zé Lelé. Nas historinhas, ele é apenas um amigo do Chico (disponível em: <http://www.monica.com.br/Maurício/cronicas/cron269.htm>. Grifos meus).

Os quadrinhos do Chico Bento contam a história de uma turma de moradores caipiras da fictícia Vila Abobrinha, a qual representa uma típica cidade do interior de São Paulo. Esses personagens, por serem moradores da zona rural, não falam de acordo com a norma padrão da língua portuguesa do Brasil. Nos quadros a seguir, nota-se uma evolução da língua Portuguesa padrão para a língua não padrão no

decorrer dos anos: em 1963, Chico praticamente não utilizava um pseudodialecto caipira, o que foi sendo adaptado e mudado até os dias atuais. Na próxima seção, passa-se ao tema do pseudodialecto caipira utilizado nos quadrinhos do Chico Bento.



Fig. II – Quadrinhos Chico Bento, 1963. Disponível em:
<http://www.monica.com.br/Maurício/cronicas/cron269.htm>
 © 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



Fig. III – Quadrinhos Chico Bento, 2005. Disponível em:

<http://www.monica.com.br/index.htm>

© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados

2.2 A fala não padrão em Chico Bento: o termo *pseudodialeto caipira* para fins deste estudo

Uma vez que o propósito deste trabalho envolve tradução comentada de um texto que possui uma variante linguística não padrão, fez-se de vital importância uma definição terminológica da linguagem utilizada em Chico Bento. O termo proposto pelo professor, linguista e tradutor Marcos Bagno (2011), em comunicação pessoal, foi o *pseudodialeto caipira*. Tal escolha é esclarecida a seguir.

Em primeiro lugar, não se pode chamar de *dialeto*¹³ *caipira* a fala de Chico Bento, uma vez que, segundo Bagno,

A "fala" do Chico Bento não corresponde a nenhuma entidade sociolinguística real: ela é, de fato, uma tentativa de representação, nem uma

¹³ Dialeto é definido como "... falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece [...] uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialetos, quando há divergência apreciável de traços linguísticos secundários entre zonas desse território" (CÂMARA JUNIOR, Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 95). O conceito de dialeto está ligado à visão de que as línguas não são apenas estruturas que surgem ao acaso e descontextualizadas, ao contrário da visão estruturalista de Saussure (1916). Por meio da abordagem sóciolinguística, entende-se que as estruturas de uma língua estão ligadas a fatores históricos e geográficos, sendo inseridas em um contexto social. (disponível em: <http://ava.cesad.ufs.br/cat/PDF/Linguistica/Linguistica%20Aula%208.pdf>).

representação propriamente dita ela é. Não cabe chamar de "dialeto caipira" porque só podemos usar a palavra "dialeto" quando se trata de uma *fala autêntica*. Além disso, grande parte do suposto "caipira" do Chico Bento é mera representação ortográfica de traços fonéticos característicos de todos os brasileiros, ou pelo menos da maioria deles. Por exemplo, escrever "di" a preposição "de", [utilizar] "nóis" [ao invés de] "nós", etc. E [...] [quanto] [à]s concordâncias, nós sabemos que mesmo os brasileiros mais letrados deixam de fazer as concordâncias quando estão em fala distensa (BAGNO, 2011, em comunicação pessoal. Grifos meus).

Em entrevista realizada em 2011, o linguista ressalta, ainda, que

É preciso sempre deixar bem claro que as historinhas do Chico Bento [...] não são uma representação fiel de nenhuma variedade linguística verdadeira. Em todas essas manifestações o que existe é uma *representação artística* de uma variedade linguística imaginada pelo autor. Por isso, optei pela denominação de "pseudodialecto", porque não é um dialeto verdadeiro, é um dialeto "falso", "fingido", no sentido usado por Fernando Pessoa ao dizer que "o poeta é um fingidor". É a recriação artística de uma representação imaginária que o autor tem do que seja a variedade linguística que ele tenta representar (BAGNO, 2011, p. 210. Grifos meus).

Bagno, ao discorrer sobre a fala não padrão utilizada na revista do Chico Bento, afirma que "O desenhista [Maurício de Sousa] não tem nenhuma obrigação de representar fielmente a fala de seus personagens, até porque uma representação cem por cento fiel só poderia ser feita por meio de transcrições fonéticas detalhadas, o que simplesmente tornaria as revistas ilegíveis!" (2007, p. 122). Segundo o autor, a finalidade da representação da fala dos personagens em Chico Bento é criar uma atmosfera característica da vida no campo, inserindo, assim, o leitor em

um universo cultural e social diferente daquele representado convencionalmente pela ortografia padrão.

A partir do exposto, justifica-se o termo sugerido por Bagno e acatado neste estudo. Além disso, conforme Bagno afirma acima, grande parte da variante linguística de Chico Bento são representações ortográficas “... de traços fonéticos característicos de todos os brasileiros, ou pelo menos da maioria deles.”, ou seja, marcas de oralidade (“di”, “si” e “os minino”, por exemplo). Porém, para este estudo, é considerado pseudodialeto caipira tudo o que variar da norma escrita padrão.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 As Histórias em Quadrinhos dentro da Literatura Infanto-Juvenil

O objeto de estudo desta pesquisa são HQs; mais especificamente as HQs do Chico Bento. Anselmo traz uma definição de HQs que contribui para a conceituação deste gênero. Segundo a autora,

As HQ são, a um só tempo, a arte e o MCM¹⁴ que, usando predominantemente *personagens irrealis*, desenvolvem uma sequência dinâmica de situações, numa narrativa rítmica em que o texto, quando este existe, tanto pode aparecer como legenda abaixo da imagem, como em outros espaços a ele destinados ou em balões ligados por um apêndice à pessoa que fala (ou pensa). Para atingir sua finalidade básica – a rapidez da sua compreensão – as HQ lançam mão de símbolos, onomatopéias, códigos especiais e elementos pictóricos [...] (ANSELMO, 1975, p. 38, grifos meus).

Diferentemente de quando foram criadas, hoje em dia as HQs podem visar atingir diferentes audiências. Segundo Vergueiro¹⁵ (2009), atualmente as HQs podem segmentar-se, tendo, com isso, públicos-alvo diferenciados: quadrinhos escritos para crianças, para meninas adolescentes, para meninos mais velhos, para adultos, e assim por diante. Diz ele que, no Brasil, são os adolescentes, entre 13 a 25 anos, que mais lêem HQs. As crianças também se dedicam à leitura, mas não de forma intensiva e regular. Com isso, nota-se que as HQs em geral têm como principais públicos-alvo crianças e jovens, como afirma Vergueiro (2009, paginação irregular):

¹⁴ Meios de Comunicação de Massa.

¹⁵ Coordenador do Núcleo de Pesquisas de História em Quadrinhos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP.

As crianças naturalmente gostam dos quadrinhos, se identificam com a narrativa. Afinal, a linguagem dos quadrinhos se aproxima muito do universo das crianças e também dos adolescentes. Felizmente, aqui no Brasil, temos uma forte produção infantil [basicamente assinada por Maurício de Sousa] que está facilmente disponível no mercado e ao alcance de boa parte dos leitores. A leitura é fácil e prazerosa. Se compararmos com a de outros países, a produção de quadrinho infantil brasileiro é bastante significativa. Nos EUA, por exemplo, não se publica mais quadrinho infantil. Lá, as histórias são voltadas [somente] para os jovens.

No Brasil, portanto, tem-se uma ampla vertente de quadrinhos destinada ao público infantil e juvenil, e Maurício de Sousa é o grande contribuinte para tal. Como já explicitado acima, o objeto de estudo desta pesquisa enquadra-se no gênero de literatura infanto-juvenil e, por isso, faz-se essencial a definição de literatura infanto-juvenil, bem como esclarecimentos sobre quais critérios são usados para considerá-la como tal.

A distinção entre a literatura infanto-juvenil e a literatura adulta refere-se ao público receptor da obra, como explica Coelho (2000, p. 29): “Em essência, sua natureza é a mesma que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança”. Com isso, entende-se que a literatura infanto-juvenil e a adulta possuem conteúdos semelhantes, porém, esta é direcionada para adultos e aquela, para a criança e o jovem. Apesar de a LIJ primar pelo uso de linguagem mais simples se comparada à literatura adulta (no que diz respeito à estrutura sintática e ao léxico), não deve ocorrer a redução artística nessas obras. Além disso, a LIJ e sua tradução possuem alto nível de complexidade, uma vez que a (tradução de) LIJ envolve diversos sistemas interligados operando em sua concepção/tradução – a (tradução de) LIJ passa por diferentes instâncias de controle e censura: pais, professores, editores, escolas, críticos literários, etc.

Oittinen (2000, p. 2) vê a “... literatura infanto-juvenil como literatura lida silenciosamente pela criança e em voz alta para criança”. Já Meireles (1984) afirma que as definições de literatura infanto-juvenil podem ser divididas em quatro casos situacionais:

1. Textos de tradições orais (fábulas e contos de fadas): inicialmente direcionadas para adultos em meados do século XVII, foram posteriormente compiladas por escritores e dedicadas ao público infantil;
2. Obras inicialmente produzidas para crianças, mas que após um tempo passaram a ser de uso comum (ex: *As Aventuras de Telêmaco*, de Fenelon, obra escrita em 1694);
3. Obras que, originalmente, não foram escritas para crianças, mas que com o passar do tempo tornaram-se alvo de leitura para esse público, sendo adaptadas ou reduzidas (ex: *Aventuras de Robinson Crusóé*, de Daniel Defoë, publicada em 1719);
4. Livros escritos especialmente para crianças, cujo objetivo era o de entreter, transmitir noções morais e apresentar temas apropriados às respectivas faixas etárias.

Além da divisão de Meireles (1984), Shavit (1999) propõe uma quinta categoria: obras que são escritas para *ambos* os públicos: o adulto e a criança. Nesse caso, o autor dirige-se tanto à criança quanto ao adulto, por meio da temática e da estrutura, agradando, desta forma, a ambos.

Por fim, temos o conceito de LIJ trazido por Fernandes (2004). Segundo esse autor, literatura infanto-juvenil é vista como

[...] um gênero escrito e publicado, se não exclusivamente para crianças, então pelo menos levando-as em consideração, incluindo o romance ‘juvenil’ – que é voltado para os leitores jovens e os adolescentes mais velhos (p. 5¹⁶).

Assim, pode-se afirmar que as HQs de Chico Bento enquadram-se no gênero de LIJ, pois: sua leitura é “... fácil e prazerosa” (VERGUEIRO, 2009); possuem recursos mais simples do que um texto de literatura adulta (CUNHA, 2006); são histórias escritas especialmente para crianças, com o intuito de entreter, transmitir noções morais e apresentar temas que são apropriados às respectivas faixas etárias

¹⁶ “[...]a genre written and published, if not exclusively for children, then at least bearing them in mind, including the ‘teen’ novel – which is aimed at the young and late adolescent readers”.

(OITTINEN, 2000); e, também, são HQs escritas levando-se a criança em consideração (FERNANDES, 2004), uma vez que o público infantil é a audiência primeira que se objetiva atingir com os quadrinhos de Maurício de Sousa.

Ao se enquadrar no gênero de LIJ, este trabalho pretende contribuir, então, não somente com a área de tradução de quadrinhos, mas também com a área de tradução de LIJ, que sofre grande preconceito quanto a sua legitimidade. Sobre a marginalidade da LIJ, Lajolo e Zilberman (1984) afirmam que

As relações da literatura infantil com a não-infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 11 apud AZENHA, 2008, p. 107).

Já Neuman (1979) comenta que

O *status* social do tradutor na República Federal da Alemanha é extremamente modesto, em especial aquele do tradutor de livros infantis. Nos países socialistas, ele é considerado um especialista qualificado; entre nós, costuma-se, antes, lançar sobre uma pessoa que traduz livros para a criança e o jovem a desconfiança de que ele fracassou profissionalmente em algum outro campo (NEUMANN, 1979, p. 115, apud AZENHA, 2008, p. 107).

Com isso, espera-se que esta pesquisa colabore com a inserção da tradução de LIJ e de HQs em uma área de interesse central, reconhecida como campo legítimo de estudo, contribuindo para que essa área ganhe

seu merecido respeito tanto acadêmico e científico quanto do público em geral.

3.2 A tradução de Histórias em Quadrinhos

Durante parte do século XX, os quadrinhos estadunidenses foram os mais traduzidos pelo mundo, sendo publicados na Europa, na América do Sul e na Ásia. Segundo Zanettin (2008), isso contribuiu para que as convenções norte-americanas dos quadrinhos tornassem-se, em sua maioria, convenções internacionais e mundialmente conhecidas, sendo essas as mais utilizadas por tradutores do mundo todo. Ainda segundo Zanettin (2008), outra contribuição para que as histórias em quadrinhos estadunidenses exerçam grande influência nos quadrinhos mundiais é o fato de elas terem introduzido gêneros e modelos (temas, estilos de desenho, convenções visuais) que foram incorporados em tradições e culturas de outros países.

Traduções entre duas ou mais línguas são essenciais para possibilitar a difusão de textos entre países de línguas e culturas distintas, e isso não é diferente em relação à tradução de HQs, que também constituem um texto. De acordo com Lopes (2006, paginação irregular), “História em quadrinhos [...] é uma forma de arte que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos”. Partindo-se do princípio de que histórias em quadrinhos são distribuídas no mundo todo, necessitando-se de tradutores para esta disseminação, faz-se de grande valia estudos de procedimentos adotados pelo tradutor no que tange a certos aspectos linguísticos concernentes à língua em uso.

Traduções com comentário são de grande valor para enriquecimento da área de tradução (de quadrinhos). Esse tipo de trabalho pode abranger diversos aspectos linguísticos existentes tanto no texto de partida quanto no texto de chegada, trabalhando com processos cognitivos do tradutor, tomadas de decisão, relações de poder e censura, aspectos culturais de ambas as línguas, questões ideológicas, questões regionais, entre outros.

Levando-se o supracitado em consideração, e também tendo em mente que a questão do gênero textual auxilia a tradução de qualquer texto, passe-se à discussão dos aspectos e limitações da tradução de quadrinhos.

3.2.1. Tradução de HQs: Aspectos e limitações

Jogos de palavras, rimas, trocadilhos, expressões populares, provérbios, dialetos, entre outros, são aspectos considerados problemáticos no ato tradutório; tais aspectos podem alcançar um nível mais complexo do problema quando se trata de tradução do gênero quadrinhos, mais especificamente do subgênero HQs, devido a alguns fatores que serão analisados a seguir.

O primeiro aspecto enfrentado pelo tradutor de HQs é a presença da imagem nessas histórias. Antes de 1980, a tradução de quadrinhos levava em consideração apenas os elementos linguísticos das histórias (ou seja, os textos verbais), ficando as imagens negligenciadas. Foi só a partir dos anos 80, quando os Estudos da Tradução estabilizaram-se como uma disciplina, que as imagens passaram a ser percebidas como algo a ser considerado nas traduções. Apesar disso, até hoje há estudiosos da tradução que acreditam em uma universalização das imagens, declarando que os significados do texto não verbal (imagens, cores, gestos, etc.) são os mesmos em diferentes culturas, e, por isso, defendem a manutenção do texto não verbal ao se traduzir um texto:

A crença sobre a existência de um tipo de Esperanto visual baseia-se no pressuposto de que, diferentemente dos arbitrários signos linguísticos, imagens apresentam uma similaridade direta à realidade que representam. No entanto, Eco (1972:202) [...] demonstrou que imagens possuem um código que é governado por convenções, e essas convenções podem ser moldadas por limitações culturais. Isso também significa que as representações visuais de objetos, gestos, expressões faciais, etc. somente podem ser interpretadas corretamente se o significado desses elementos foi definido na cultura em particular (cf. Eco1987:65) (KAINDL, 2004, *in* VENTOLA et al., p. 183¹⁷, 2004).

¹⁷ The belief that there is a kind of visual Esperanto is rooted in the assumption that, unlike arbitrary linguistic signs, pictures exhibit a direct similarity to the reality they represent. However, Eco (1972:202) [...] has demonstrated that pictures have a code which is governed by conventions, and these conventions may be shaped by cultural constraints. This also means that the visual

Além de Eco, Zanettin (2008) afirma que as convenções dos quadrinhos mostram que não há *apenas uma* ‘linguagem’ das HQs, sendo que cada região desenvolve suas próprias convenções e estilos ligados ao ritmo de leitura, estilo dos desenhos, assunto abordado e tema. Cada uma dessas variedades regionais pode ser vista como um “dialeto” da linguagem dos quadrinhos.

Zanettin (2008) defende a ideia de que, diferentemente do que alguns estudiosos afirmam, as imagens não têm um significado universal e nem sempre são elementos que podem permanecer imutáveis na tradução. Essa interação entre as falas e os desenhos nas HQs, vista pela perspectiva errônea de que imagens têm o mesmo significado em todas as culturas, leva a muitos erros de tradução e más traduções, devido ao fato de alguns tradutores não darem devida atenção às figuras e a suas interconexões com os textos verbais.

Zanettin (2008) afirma que a tradução de HQs vai além da tradução dos textos verbais, tendo-se que levar em consideração, também, os sistemas semióticos envolvidos no processo:

[...] [tradução de quadrinhos] não envolve a comparação de uma língua (ou qualquer outro sistema semiótico) com outro sistema semiótico; ela envolve a passagem do texto ‘a’, elaborado de acordo com um sistema semiótico ‘A’, ao texto ‘b’, elaborado de acordo com um sistema semiótico ‘B’. (ZANETTIN, 2008, p. 12, citando ECO e NERGAARD, 1998:221¹⁸).

Seguindo essa perspectiva, Celotti afirma que os

representation of objects, gestures, facial expressions, etc. can be interpreted correctly only if the significance of these elements has been defined in the particular culture (cf. Eco1987:65).

¹⁸ [...] it does not involve comparing a language (or any other semiotic system) with another semiotic system; it involves passing from a text ‘a’, elaborated according to a semiotic system ‘A’, into a text ‘b’, elaborated according to a semiotic system ‘B’.

Quadrinhos são um espaço narrativo em que imagens e palavras carregam significado e juntamente criam a história, com o tradutor “lendo” o significado dos elementos pictóricos e suas diferentes relações com as mensagens verbais [...] (p. 33, *in* ZANETTIN et. al, 2008¹⁹).

Os quadrinhos são, acima de tudo, textos visuais (compostos pelos desenhos, chamados de signos icônicos), que podem ou não incluir componentes verbais (as palavras, chamadas de signos simbólicos). A imagem, nos quadrinhos, predomina sobre o texto verbal. Com isso, tradução de quadrinhos se dá dentro do contexto de interpretação das imagens, sendo que a linguagem é *apenas um* dos sistemas envolvidos na tradução de quadrinhos. Originais e suas respectivas traduções baseiam-se em diferentes sistemas de signos visuais, ao passo que cada língua possui uma cultura visual diferenciada: “A tradução de quadrinhos para outra língua é primeiramente sua tradução para outra *cultura visual...*” (ZANETTIN, 2008, p. 12²⁰, grifos meus).

A tradução de quadrinhos não envolve somente transferência de uma língua a outra(s), mas também interpretações de outros sistemas de signos, tais como tradições culturais diferenciadas e diferentes convenções concernentes às HQs, que estão condicionadas a dimensões de espaço e tempo. A imagem dialoga com o texto e com o leitor, principalmente nos casos em que o autor é o próprio ilustrador. Por meio dela, o público infanto-juvenil desvenda o restante do enredo e decifra as pistas deixadas pelo autor e pelo ilustrador.

Segundo Joosen (2006), a ilustração é mais um desafio para o tradutor em nível macro, e diz respeito à relação estabelecida entre as figuras e o texto, o visual e o verbal. A partir disso, faz-se necessária interatividade entre texto e imagem, conforme O’Sullivan (2002, p. 63) expõe:

¹⁹ Comics are a narrative space where both pictures and words convey meaning and jointly create the story, with the translator “reading” the meaning of the pictorial elements and their different relationships with the verbal messages [...]

²⁰ “The translation of comics into another language is primarily their translation into another visual culture”.

Em traduções de livros infanto-juvenis, as adaptações culturais normalmente restringem-se às palavras ou às imagens. Mas a adaptação de uma sem consideração da outra em um livro ilustrado, que depende de seu humor na interação de ambos os meios, pode gerar incongruências.²¹

Com isso, a análise de imagens faz-se indispensável para a tradução de quadrinhos. Após uma análise da tradução, por vezes é necessário alterar as ilustrações para adequar à realidade cultural do público alvo ou inserir palavras. Segundo Riccaldone, há casos em que o texto não verbal pode ser mantido na tradução, utilizando-se algumas adaptações para que textos verbal e não verbal continuem congruentes; porém, algumas vezes não há outra saída a não ser a reedição das imagens no TA:

O processo de reelaboração do texto para solucionar os jogos estéticos costuma ser trabalhoso, mas muitas vezes pode ser resolvido por meio de adaptações ou traduções que priorizam o som ou forma das palavras em detrimento do significado. Se o significado das palavras faz alusão ou interage de algum modo com a imagem, tal tradução torna-se ou sem sentido ou diminui as possibilidades de leitura daquele momento específico (RICCALDONE, 2010, paginação irregular).

A partir do previamente exposto, percebe-se claramente que a linguagem não verbal tem papel crucial nos quadrinhos, sendo bastante significativa a ponto de não ser ignorada na tradução, uma vez que os textos verbais dialogam com os textos não verbais. Com isso, o objeto de análise deste estudo é a linguagem – o texto-verbal, mas tal texto

²¹ “In translations of children’s books, cultural adaptations are usually confined to either words or images. But adaptation of one without thought to the other in a picture book that depends for its humor on the interaction of both media can result in incongruities”.

conecta-se ao texto não verbal, o qual *influencia diretamente* as decisões tomadas no ato tradutório, como é o exemplo da possibilidade de tradução de *goiaba* por *pear* (*pera*), assunto abordado mais adiante.

Outro exemplo da influência direta do texto não verbal na tradução de HQs é a tradução realizada pela equipe da MSP em relação à palavra *saci*: no quadro em que a figura folclórica aparece, o tradutor opta por manter esse nome no TA para a Língua Inglesa, e adiciona uma nota de rodapé para explicar para o público leitor o que significa a palavra *saci*, pois esse é um termo fortemente ligado à cultura brasileira e, portanto, não entendido pelo público-alvo (ver figuras IV e V). Já no quadro em que Chico Bento faz menção ao pulo do saci, mas não há a imagem do saci no quadro, o tradutor pôde optar por adaptar tal léxico a uma palavra conhecida do vocabulário do público-alvo: *sapo*, mantendo-se, com isso, a alusão ao pulo, mas utilizando-se uma figura conhecida internacionalmente (ver figuras VI e VII).



Fig IV. Disponível em

<http://www.monica.com.br/comics/unicorni/pag15.htm>

© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

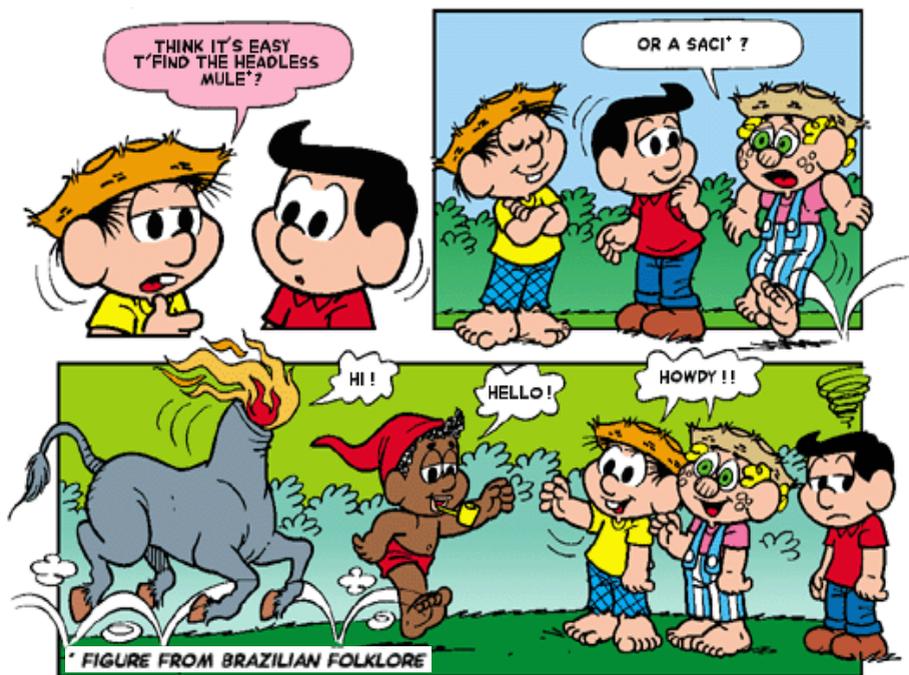


Fig. V. Disponível em
<http://www.monica.com.br/ingles/comics/unicorni/pag15.htm>
© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



Fig. VI. Disponível em:

<http://www.monica.com.br/comics/formigas/pag6.htm>

© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

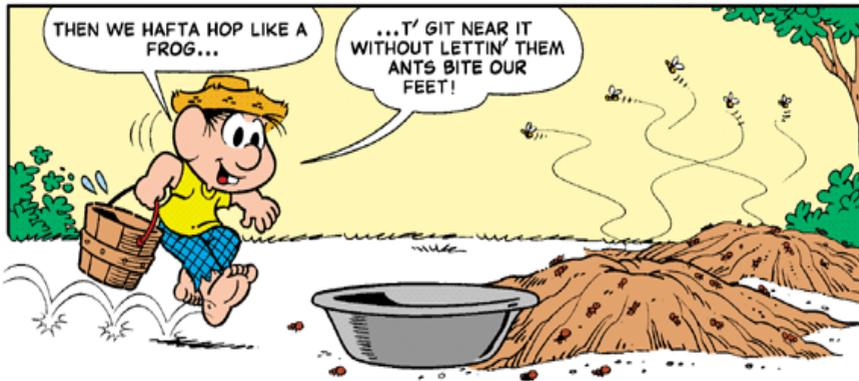


Fig. VII. Disponível em:

<http://www.monica.com.br/ingles/comics/formigas/pag6.htm>

© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

As figuras VIII e IX, a seguir, mostram a tendência a uma tradução funcionalista, uma vez que se adapta para o suposto leitor do TA o conteúdo presente no TF, a fim de que o texto cumpra sua função e seja compreendido por tais leitores: "... ropa di festa junina!", neste caso, é traduzido por "... dress from last year's school play" (em tradução livre: "vestido da peça do ano passado na escola").

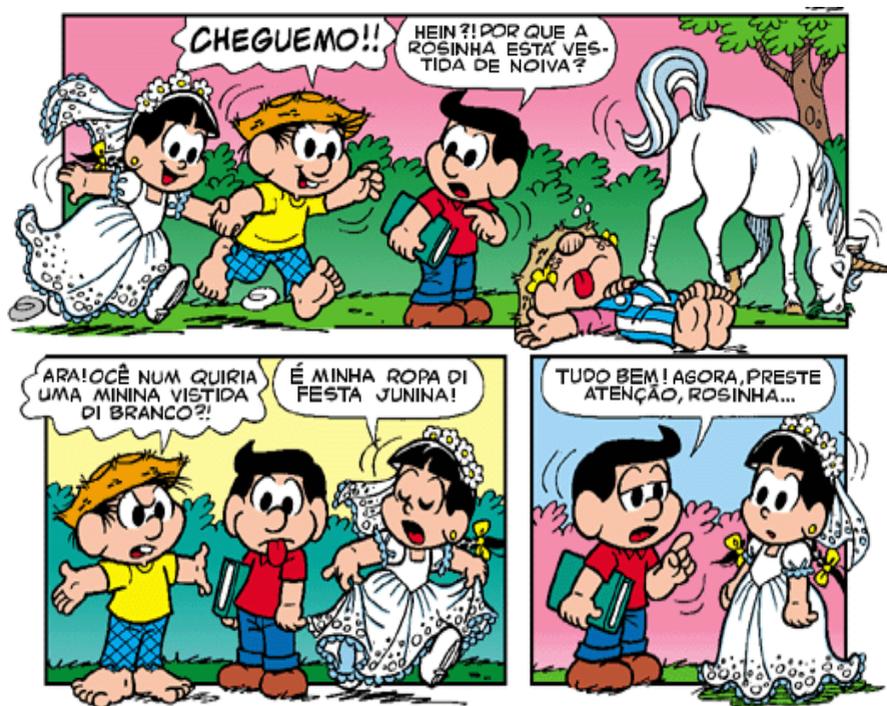


Fig. VIII. Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/unicorni/pag8.htm>
 © 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

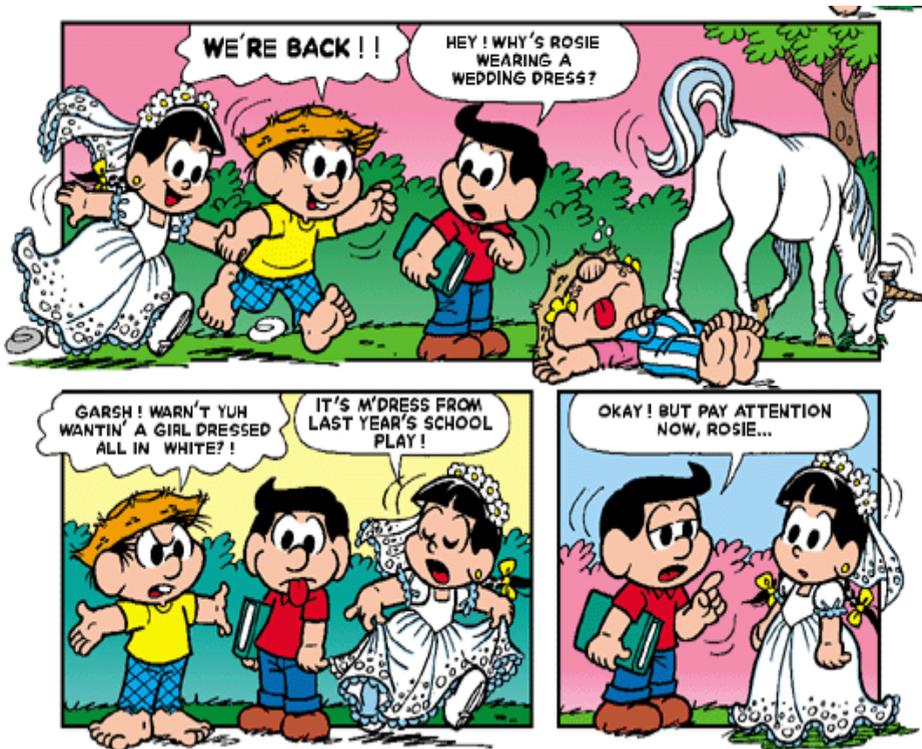


Fig. IX. Disponível em

<http://www.monica.com.br/ingles/comics/unicorni/pag8.htm>

© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

Com isso, o conceito de festa junina, evento fortemente marcado na cultura brasileira, foi substituído por um evento conhecido do público do TA: uma peça de teatro na escola. O que permitiu tal substituição foi a presença dos signos imagéticos nas tiras e o que eles podem representar para cada cultura. Apesar de a noiva ser uma tradição cultural inerente à festa junina brasileira, o que justifica a personagem dizer, no TF, que o vestido é da festa junina, no TA, adaptado para a cultura estadunidense, o vestido de noiva também pode fazer referência a uma peça de teatro, o que poupou o tradutor de ter de usar recursos como a nota de rodapé para explicar um evento brasileiro ou mesmo de adicionar um acontecimento na própria história para contextualizar as imagens.

Apesar da perspectiva acima exposta, de que para se traduzir HQs podem ser necessárias mudanças nas figuras, há de se atentar ao fato de

que, algumas vezes, editoras não estão dispostas a mudar algo além do texto verbal, pois mudanças editoriais exigem custos e tempo extras. Esse é um dos motivos pelos quais a tradução de quadrinhos pode vir a ser algo bastante dificultoso.

Outro fator que impõe limitações à tradução de HQs é o fato de estas serem fortemente governadas por convenções. Com isso, comportamentos e objetos específicos a uma cultura podem levar a problemas de compreensão no TA (KAINDL, *in* VENTOLA et al., 2004). Isso pode gerar grandes dificuldades tradutórias, como, por exemplo:

I. O texto traduzido não caber em seus respectivos balões/títulos/paratextos/legendas: textos traduzidos tendem a ser mais longos do que seus originais (explicitação²²), e, por isso, podem não caber no espaço designado a eles. Uma saída para tal fenômeno seria a diminuição do tamanho da fonte, mas ainda assim algumas vezes o texto traduzido continua a ser grande demais para o espaço disponível;

II. A mesma convenção gráfica pode ter diferentes significados em diferentes culturas, i.e., o formato do balão pode representar algo diferente em outra cultura, o que causa grande falha na transmissão da intenção do autor, uma vez que o próprio formato do balão tem importância na transmissão da mensagem, servindo para expressar sentimentos, emoções, ideias, etc. Por exemplo, em revistas ocidentais, que têm convenções influenciadas por padrões norte-americanos, os balões de pensamento são assim representados: , ao passo que em mangás esses balões são representados de maneira diferente (veja figura

²² A explicitação (*explicitation*) é um dos Universais da Tradução, noção desenvolvida por Blum-Kulka (1986), Mona Baker (1993), Laviosa-Braithwaite (1998), entre outros pesquisadores. Esse é um fenômeno tradutório que consiste basicamente na “explicação” de elementos implícitos do TF, culminando em textos traduzidos mais longos do que seus respectivos textos fontes. Os autores afirmam que os textos traduzidos geralmente são maiores do que os textos originais, independente de língua, gênero e registro relacionados. A explicitação é um comportamento natural do tradutor. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca/apresentacoes/apresentacao_SIC_2007_LIMA_ALMEIDA.pdf e 150.162.1.115/index.php/traducao/article/download/5980/5684.

abaixo), o que acarreta na falha de compreensão do real significado do balão por parte dos leitores em geral. Por outro lado, em mangá o balão  representa diálogo sussurrado e não pensamento;



Fig. X: Os balões presentes na figura X representam o pensamento da personagem. No mangá, o balão de pensamento não tem o formato de nuvem como nos quadrinhos ocidentais.

Figura disponível em <http://www.masquemario.net/htm/tipografia.htm>

III. Presença de figuras fortemente marcantes da cultura fonte: quando essas imagens criam barreiras à interpretação de uma HQ traduzida e são mantidas nas histórias, o tradutor tem de fazer adaptações para que o público-alvo entenda a mensagem passada, mas não pode se esquecer de que o texto verbal tem de fazer referência às imagens ou complementá-las, lembrando-se de que falas e imagens não podem se contradizer.

Outro fator limitante na tradução de quadrinhos é o fato de os mesmos seguirem diferentes padrões de formato de publicação no mercado internacional. Esses padrões podem envolver diferenças em layout; tamanho e formato das páginas; disposição dos painéis; direção de leitura (por exemplo, nos mangás japoneses, em que a leitura é “ao contrário” se comparada às revistas ocidentais); cores; representação de diálogos, pensamentos, movimentos, proporções e metáfora visuais; tamanho dos balões e legendas.

Segundo Celotti, “Quadrinhos são produtos culturais, e cada cultura concebe quadrinhos de maneira própria: tamanho, periodicidade, preços, layout das páginas, cores e assim por diante, todos componentes que podem ser marcadamente diferentes” (2008, p. 35²³). Os quadrinhos, quando traduzidos, podem (e devem) ser adaptados para irem ao encontro dos hábitos de leitura e expectativas do público-alvo.

De acordo com Celotti (2008), muitas HQs traduzidas apresentam dificuldade de inserção em outros países, e isso não se dá somente devido à “boa” ou “má” tradução; a tradução de HQs traz outras questões também importantes, ligadas a fatores culturais, econômicos, políticos e psicanalíticos, que podem afetar o sucesso de suas distribuições em diferentes países.

Uma vez que as HQs do Chico Bento são consideradas LIJ, conforme explicitado nesta subseção, pode-se, então, afirmar que a tradução de quadrinhos – os destinados ao público infanto-juvenil – também sofra com as limitações na tradução de LIJ. Uma dessas limitações é o fato de que a criança é ainda um ser em formação, e, normalmente, não tem conhecimento amplo de outras culturas, uma vez que seu conhecimento de mundo geralmente é menor do que o de um adulto. Sobre isso, Klingberg afirma que

Um problema quando a ficção infantil é traduzida é que alguns elementos do contexto cultural, obviamente, não são conhecidos na mesma medida para os leitores do texto alvo como para os leitores do texto fonte. Quando o tradutor não faz nada sobre isso, o grau de adaptação do texto alvo vai ser menor do que o do texto fonte. O texto alvo, então, facilmente se tornará difícil de entender, ou menos interessante para seus leitores do que o texto fonte para seus leitores²⁴ (KLINGBERG, 1986, p.11).

²³ “Comics are cultural products, and each culture conceives comics in its own way: size, periodicity, prices, layout of pages, colours and so on, all components which can be markedly different”.

²⁴ A problem when children’s fiction is translated is that some elements of cultural context obviously are not known to the same extent to the readers of the target text as to the readers of the source text. When the translator does nothing about this, the degree of adaptation of the target text will be less than that of the source text. The target text will then easily become difficult to understand, or less interesting to its readers than the source text to its readers.

É dentro do contexto acima demonstrado, de produção e recepção textuais com foco no leitor do TA, que o funcionalismo de Nord (1991) faz-se de grande valia para esta pesquisa. Ao se traduzir LIJ, seja quadrinhos ou outro gênero, é importante que se leve em consideração as diferenças existentes entre as culturas envolvidas, e que o público infanto-juvenil pode não ter conhecimento de culturas diversas da sua. Para se manter o interesse e o entendimento do leitor do TA, algumas adaptações culturais podem ser a melhor opção no ato tradutório. O que se busca fazer, então, na tradução aqui proposta, é uma adaptação cultural²⁵ a fim de se atingir o entendimento e se manter o interesse do leitor do TA.

3.3. A tradução de (pseudo)dialeto e suas limitações

Além das limitações existentes na tradução de HQs, outro fator tradutório deixa este trabalho mais desafiador: a tradução do pseudodialeto caipira (definido na subseção 2.2, pág. 40), característica marcante da variante não padrão em Chico Bento.

A tradução de dialetos em geral é algo revelador e pouco explorado na área de Estudos da Tradução. Segundo Hatim e Manson (1990), “A representação em uma língua fonte de um dialeto específico cria um problema inevitável: qual dialeto da Língua Alvo usar?”²⁶ (HATIM & MANSON, 1990, p.4). É dentro desse contexto de tradução de dialetos, no caso o pseudodialeto caipira, que a tradução proposta nesta pesquisa se realiza.

A tradução de dialetos é bastante delicada pelo fato de que um dialeto é carregado de *marcas sociais, históricas, culturais e econômicas*, e isso não se faz diferente com a fala não padrão do Chico Bento. Com isso, um dialeto – ou pseudodialeto – utilizado por certo

²⁵ Levando-se em consideração todos os exemplos já citados da relação texto/imagem, acredito que a domesticação do texto para seu leitor final seja uma estratégia bem vinda a fim de se atingir o público infanto-juvenil dos quadrinhos em questão. O que se busca fazer na tradução proposta é, na medida do possível, domesticar o texto para seu (hipotético) público-alvo, ou seja, o leitor infanto-juvenil estadunidense. A estratégia de domesticação pode ocorrer na medida do possível na tradução de quadrinhos, e, conseqüentemente, na tradução aqui proposta, devido à presença das imagens nas HQs, que, conforme já mencionado, desempenha papel importante no texto verbal e na tradução.

²⁶ The representation in a ST of a particular dialect creates an inescapable problem: which TL dialect to use?

personagem diz muito sobre suas características pessoais, características estas que, sendo bastante significativas, são importantes a ponto de serem levadas em conta no ato tradutório. Se neutralizadas no TA, tais marcas poderiam descaracterizar as principais qualidades do(s) personagen(s).

As traduções de Li'l Abner para o português brasileiro são exemplos da neutralização da fala dos personagens. No Brasil, Li'l Abner é Ferdinando Buscapé, e

Ferdinando falava com um sotaque tipicamente caipira [no texto em inglês], mas esse sotaque não era traduzido no Brasil. Ou seja, entre nós, nosso herói falava gramaticamente perfeito. De certa forma, havia um consenso entre as editoras brasileiras para acertar a fala de Ferdinando e de todos os personagens que tinham algum sotaque, para evitar a acusação de professores e educadores de que os quadrinhos estavam deseducando (RIBEIRO, [20--?], paginação irregular, disponível em http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=3661).

Apesar do cenário rural das HQs de Li'l Abner, pode ser que o leitor brasileiro não o enxergue como um caipira tão fortemente representado da mesma forma que um leitor do TF, pelo fato da neutralização de sua fala. Abaixo, duas tiras de Li'l Abner em Inglês e uma tira em português, em que se faz possível notar a fala não padrão no texto em inglês e a fala padrão neutralizada no texto em português:



Fig. XI. Tira de Li'l Abner em inglês. Disponível em: <http://www.gocomics.com/lil-abner/2012/01/19>



Fig. XII. Tira de Li'l Abner em inglês. Disponível em:
<http://www.gocomics.com/lil-abner/2012/01/14>



Fig. XIII – Tira de Li'l Abner em português (Ferdinando Buscapé). Disponível em: <http://arte-hq-interdisciplinar.blogspot.com/>

A definição de Halliday para dialeto é que este é uma variante que (1985, p. 44²⁷),

A pessoa fala porque “pertence a” (vem de um lugar ou escolheu deslocar-se até ele) uma região, classe social, casta, geração, faixa etária, grupo sexual, ou outro grupo relevante dentro da comunidade.

A citação acima nos permite afirmar que um dialeto ou pseudodialeto é carregado de significados, uma vez que, por meio dele, seu usuário expressa, indiretamente, suas características, como, por exemplo, sua classe social, econômica, etc. Ora, se um (pseudo)dialeto faz mais do que apenas comunicar, como poderia ele ser simplesmente ignorado no ato tradutório? Levar em consideração um (pseudo)dialeto no ato tradutório não significa, necessariamente, substituí-lo por outro dialeto ou pseudodialeto no TA, mas sim estudar-se as possibilidades tradutórias do mesmo, e não simplesmente ignorá-lo. Por isso, friso minha posição favorável à manutenção, no TA, de marcas (pseudo)dialetais presentes no TF.

Na tradução do pseudodialeto caipira abordado neste estudo, há de se levar em conta que as HQs de Chico Bento representam fortemente a cultura caipira brasileira, englobando assuntos como festas tradicionais brasileiras (por exemplo, a festa junina), figuras folclóricas (o saci, por exemplo), entre outros. Segundo Cório (2006, p. 128),

Chico Bento representa a pureza, a simplicidade e a “falta de pressa” que podem caracterizar algumas pessoas que moram no interior do Brasil. Mora numa casa simples de um sítio perto de uma vila, com igreja, pracinha, coreto, escola rural, poucas casas e nenhum carro nas ruas. Um ambiente calmo e tranquilo onde todos se cumprimentam e se conhecem pelos nomes. Chico anda de pés no chão, chapéu de palha e calça curta. Fala do caipira típico, canta moda de viola.

²⁷ You speak because you ‘belong to’ (come from, or have chosen to move into) a particular region, social class, caste, generation, age group, sex group, or other relevant group within the community.

O professor José Roberto O’Shea, em entrevista à revista *Cadernos de Tradução*, comenta, ao ser questionado com a pergunta “Como você lidou com a questão dos dialetos, na tradução de, por exemplo, *Dublinenses* e de *Antonio e Cleópatra*? Existe algum tipo de política de imposição de padrões dialetais favoritos?”:

A questão do dialeto em tradução é extremamente complexa, e não há fórmulas mágicas. [...] Não se pode ignorar o dialeto, pois sabemos, pelo menos desde Bakhtin, que a fala é o componente decisivo no processo de construção de um personagem. Mais uma vez, a estratégia do tradutor é pautada pela situação dramática em si. Diante de um personagem cujas variantes lingüísticas expressam — caracterizam —, nitidamente, a sua condição sociocultural, o tradutor tenta produzir *efeitos textuais* semelhantes ao do original, seja por meio de desvios ou de afirmação da norma culta, dependendo, obviamente, da classe social e da formação cultural do falante em questão. Vale lembrar que, em se tratando de ficção, tanto para o autor quanto para o tradutor, a questão dialetal está a serviço da arte, da inventividade, e não da dialetologia. Flannery O’Connor, por exemplo, em ensaios e cartas, nega qualquer preocupação com a acuidade dialetal do discurso de seus personagens, e chega a afirmar que eles não falam, por exemplo, qualquer dialeto do leste do Tennessee. Para O’Connor, o objetivo da variação lingüística é *caracterizar* o personagem, e provocar efeitos textuais. No meu entendimento, o mesmo vale para a tradução (O’SHEA, 2001, pág. 395).

O pseudodialeto usado pelos personagens em *Chico Bento* tem a função de *caracterizar* o mundo caipira. A variante lingüística (e também as imagens) utilizada nos quadrinhos do *Chico Bento* tem a função de ajudar a construir a identidade dos personagens – no caso, representantes do mundo caipira. Sobre isso, Bagno discorre que

Se o Chico Bento passar a falar “segundo a norma culta”, ele simplesmente deixa de ser o Chico Bento! A graça do personagem está precisamente no seu linguajar, na sua visão de mundo característica da cultura rural, no seu apreço pela vida do campo, entre outros aspectos (2007, p. 123).

Na tradução dos quadrinhos do Chico Bento, a neutralização da fala também descaracterizaria o personagem. Se o ato tradutório simplesmente ignorasse o pseudodialeto caipira dessas HQs, homogeneizando o texto para uma fala padrão, o TA perderia grande parte do propósito presente no TF: o de representar uma zona rural, através do uso de um linguajar caipira. Assim, acredito na necessidade de uma *adaptação cultural* para os leitores-receptores das HQs do Chico Bento, a fim de que o texto os atinja, ou seja, que o texto *funcione* para o leitor-alvo. Acredito, também, na importância da manutenção do pseudodialeto caipira no TA, por meio da substituição do pseudodialeto em português por um pseudodialeto aproximado em inglês.

3.4. Funcionalismo alemão: o modelo de Nord

[...] Traduzir sem uma teoria é traduzir às cegas²⁸
(CHESTERMAN, 2000, p. 3²⁹)

A tradução comentada proposta neste trabalho utiliza como ferramenta teórico-metodológica a teoria funcionalista sugerida por Christiane Nord em 1991. A Teoria do Escopo (*Skopostheorie*), proposta por Vermeer (1978), é a teoria básica que dá fundamento ao funcionalismo moderno, sendo Vermeer o propulsor e mentor do funcionalismo. Segundo Vermeer, tradução não é um processo essencialmente linguístico, mas, sobretudo, um *processo cultural*. É a partir desse conceito que surge a Teoria do Escopo, na qual Vermeer defende que toda tradução possui um objetivo (skopos: palavra grega que significa *propósito*), e as escolhas tradutórias são determinadas pelo

²⁸ Citação retirada da dissertação de mestrado de Monique Pfau, defendida em 2010 na Universidade Estadual de Santa Catarina, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC).

²⁹ “[...] to translate without a theory is to translate blind”.

propósito comunicativo almejado pelo cliente (por exemplo: vender, instruir, convencer, etc.).

A *Skopstheorie* proposta por Vermeer defende a ideia de que a equivalência textual³⁰ não se prende ao TF, mas sim está ligada à *funcionalidade* dos TF e TA. Com isso, na abordagem funcionalista de Vermeer, o conceito de equivalência textual do TF em níveis lexical, sintático e semântico cai em desuso, uma vez que o autor propõe que a análise textual deve estar voltada à função do TA. Segundo o autor, o mesmo texto pode ser traduzido de maneiras diferentes, dependendo da função a que se destina.

Antes de Vermeer trazer a ideia de *Skopstheorie*, Katharina Reiß, em 1971, surge com o conceito de tipologia textual. De acordo com Reiß, há três tipos de textos: o informativo, o expressivo e o apelativo. O texto informativo é centrado no conteúdo, o texto expressivo é centrado na forma e o texto apelativo é centrado no apelo. A autora sugere, então, estratégias de tradução adequadas a cada tipo de texto. Segundo Nord, a obra de Reiß de 1971 (em português: “Possibilidades e Limites da Crítica de Tradução”) é a primeira obra funcionalista a ser criada. Embora Nord considere Reiß uma das responsáveis pela base da teoria funcionalista moderna, os conceitos de Reiß não se desenvolveram a ponto de trazer uma mudança de paradigma para os ET, assim como fez Vermeer, com seu conceito de equivalência textual.

Em 1991, Nord retoma as ideias sugeridas por Reiß (1971) e Vermeer (1978), sistematizando-as e aplicando-as à formação de tradutores e ao processo tradutório em si. Os objetivos de seu modelo de análise textual são: i. oferecer informações que auxiliem a compreensão e a análise do TF; ii. propiciar critérios capazes de informar estratégias de tradução, baseando-se na função do TA e iii. oferecer critérios para avaliar o TA (ZIPSER, 2002).

³⁰ Conforme Kenny (apud BAKER, 2001, p. 77), “As teorias baseadas na equivalência da tradução geralmente definem a equivalência como a relação entre um texto de partida (TP) e um texto de chegada (TC) que permite primeiramente que o TC seja considerado como uma tradução do TP”. Devido ao fato de a equivalência normalmente ocorrer apenas nos níveis lexical, sintático e de sentido, seu conceito gera problemáticas, uma vez que o contexto do texto de partida e o contexto do texto de chegada são diferentes, assim como o receptor, entre tantos outros fatores tanto extra quanto intratextuais que podem não ser os mesmos (ACCÁCIO, 2010, pág. 51).

Da mesma maneira que na Teoria do Escopo, o propósito é fator determinante das escolhas tradutórias. Porém, a autora vai além das teorias funcionalistas já propostas, sugerindo uma distinção básica entre *propósito* e *intenção*, de um lado, e *função*, de outro, uma vez que, segundo a autora, se quem decide a funcionalidade de um texto é o seu receptor, não há garantias de que um texto realmente alcance seu propósito comunicativo.

Para Nord, então, propósito e intenção estão ligadas ao *remetente* do texto, enquanto que função diz respeito ao *receptor* do texto (NORD, 2001). Quanto à relação entre intenção e função, a autora afirma que

Em uma situação ideal, a intenção do remetente irá ao encontro de seu objetivo, em que intenção e função seriam congruentes. Mas muitas vezes, especialmente nos casos em que as culturas de origem e destino são separadas por grande distância cultural, é realmente impossível que a intenção do remetente se torne a função do texto para o leitor alvo (2001, p. 153³¹).

Segundo a teoria funcionalista de Nord,

[...] o funcionalismo contempla [basicamente] a tradução como uma comunicação *intercultural*, na qual texto de partida e texto de chegada pertencem a *sistemas culturais distintos*, e por isso suas funções devem ser analisadas separadamente e de maneira pragmática, levando em consideração, sobretudo, a *situação de recepção* de cada um dos textos. Com efeito, os receptores dos textos de partida e chegada são, indubitavelmente, um dos princípios determinantes do escopo da tradução, visto que um texto é um ato comunicativo que só se completará no momento da recepção. Sob esse aspecto, o tradutor é um produtor de texto que, munido das intenções do produtor de texto da

³¹ “In an ideal situation, the sender’s intention will find its aim, in which case intention and function would be congruent. But very often, especially where source and target cultures are separated by a large cultural distance, it is actually impossible that the sender’s intention becomes the text function for the target readership”.

cultura de partida, produz, na cultura de chegada, um novo instrumento comunicativo (LEAL, 2006, p. 2, grifos meus).

Em seu modelo, Nord (1991) defende que o texto é uma *interação comunicativa*, em que cada situação específica determina *o que* e *como* as pessoas se comunicam. Segundo a autora, um texto traduzido dentro dos moldes funcionalistas deve *funcionar* para o leitor que se pretende atingir (ou seja, o leitor do TA). A tradução dentro dos moldes funcionalistas propostos por Nord seria, então, uma transferência não exclusivamente linguística, e sim uma transferência linguística e cultural.

De acordo com Nord, o encargo tradutório³² é o principal fator determinante para a realização de qualquer tradução. É o encargo tradutório que determinará o(s) propósito(s) visado(s) pela tradução, sendo o (suposto) receptor do TA elemento essencial na determinação de tal encargo.

A autora prega que a tradução, tanto em seu processo quanto em seu resultado, não é estática, uma vez que no processo tradutório ocorre o gerenciamento das variáveis tradutórias levando em consideração o encargo tradutório, e, enquanto resultado, a tradução só se realiza no momento da recepção ativa do destinatário. Ou seja: o texto (traduzido ou original) só realiza sua função ao ser lido por alguém. Ademais, Nord vê a tradução como ação (ZIPSER, 2002).

Com a finalidade de

[...] estabelecer a função do texto de partida dentro da cultura de partida, para então compará-la à provável função do texto de chegada na cultura de chegada e, por fim, identificar tanto os elementos que serão preservados, quanto aqueles que serão adaptados na tradução” (LEAL, 2006, p. 2),

Nord propõe um modelo de análise textual voltado à tradução. Tal modelo abrange duas categorias: os fatores extratextuais e os fatores intratextuais. Os fatores extratextuais dizem respeito à situação na qual o texto é produzido e utilizado, portanto, a análise desses elementos pode ser feita anteriormente à leitura do texto, simplesmente pela observação

³² Encargo de tradução consiste no conjunto de informações que o tradutor deve, ou pelo menos deveria, receber de seu cliente para que possa realizar a tradução: quem irá receber o texto, quando, onde, por que, com qual função textual, etc. (VERMEER, 1978, apud ACCÁCIO, 2010).

da situação em que o texto é utilizado. Já os fatores intratextuais estão relacionados ao próprio texto e devem ser analisados após a leitura do mesmo. Tanto para os fatores extratextuais quanto intratextuais, Nord sugere perguntas que devem ser respondidas durante o ato tradutório.

As perguntas sobre os fatores extratextuais são referentes ao emissor (quem?), à intenção do emissor (para quê?), à recepção (para quem?), ao meio (por qual meio?), ao lugar (onde?), ao tempo (quando?), ao propósito (por quê?) e à função textual (com qual função?). Já os fatores intratextuais referem-se ao tema (sobre qual é o tema?), ao conteúdo (o que?), às pressuposições (o que não?), à estruturação (em qual ordem?), aos elementos não verbais (com quais elementos não verbais?), ao léxico (com quais palavras?), à sintaxe (com quais tipos de sentenças?) e aos elementos suprasegmentais (em qual tom?). Todos esses elementos são sucintamente definidos a seguir, e, na seção 4 (“Método), são aprofundados na análise do objeto de estudo em questão.

3.4.1. Fatores extratextuais

3.4.1.1. Emissor

O emissor de um texto é *quem* (pessoa, instituição, etc.) “... utiliza o texto para transmitir uma mensagem para alguém e/ou para produzir determinado efeito” (NORD, 1991, p. 43³³).

3.4.1.2. Intenção do emissor

De acordo com Nord, a intenção do emissor pode não ser a mesma intenção do receptor de um texto, especialmente em textos literários, pois nesses textos o autor normalmente não descreve a realidade, e sim representa um mundo ficcional – como é o caso em Chico Bento – com a intenção de “... induzir a identificação da realidade pela descrição de um mundo ficcional” (ACCÁCIO, 2010, p. 70). Segundo Nord (1991), faz-se impossível levantar todas as intenções de um texto, uma vez que o conhecimento de mundo do leitor influencia as interpretações do texto. Sobre isso, Leal discorre que

³³ “... uses the text in order to convey a certain message to somebody else and/or to produce a certain effect”.

A identificação [...] [da] intenção [do autor] é dificultada por essa capacidade expressiva do texto, desencadeando interpretações diferentes em leitores com *background* variado. Além do mais, a tradução é composta de vários agentes que tornam a identificação da intenção do autor do T[F] mais complexa, já que cada um traz uma contribuição para o estilo, forma, entre outros (LEAL, 2007, apud ACCÁCIO, 2010, p. 70).

3.4.1.3. Receptor

O receptor, no funcionalismo, é quem recebe o texto final. O receptor do TA desenvolve importante influência na tradução de um texto, uma vez que o é receptor quem interpreta o sentido do texto, e a comunicação só se efetiva quando o texto é lido por seu receptor. Um mesmo texto pode ter um sentido para um receptor e sentido(s) diferente(s) para outro(s) receptor(es), ou até mesmo diferente(s) sentido(s) para o mesmo receptor, em épocas diferentes (NORD, 2001).

3.4.1.4. Meio

O meio é o “... veículo que transmite o texto ao leitor” (NORD, 1991, p. 62³⁴). Pode ser, por exemplo, o meio impresso, como textos publicados em jornais, revistas, livros, etc., o meio eletrônico (textos disponíveis na internet, por exemplo), entre outros. O meio é explorado mais profundamente na subseção 4.1 “Categorias de análise”, p. 74.

3.4.1.5. Lugar

Em relação ao lugar, Nord (1991) afirma que tanto o lugar de produção textual quanto o lugar de recepção textual são de importante mapeamento, uma vez que

A dimensão do espaço é particularmente importante na ocasião em que as línguas possuem várias variedades geográficas (como o espanhol falado na Espanha, em oposição ao falado na América Latina [...], e o Inglês falado na

³⁴ “...vehicle which conveys the text to the reader”.

Grã-Bretanha, em oposição ao falado nos Estados Unidos [...]). Se uma destas línguas é o idioma de origem, o local de produção do texto pode fornecer um sinal prévio para a variedade utilizada no TF, e se uma destas línguas é a língua-alvo, o local de recepção do texto determina a variedade que o tradutor deve usar na tradução (Nord, 1991, p. 67³⁵).

3.4.1.6. Tempo

Nord (1991) acredita que o tempo de produção tanto do TF quanto do TA sejam importantes, pois, como a autora aponta, qualquer língua se sujeita a mudanças de uso e normas no decorrer do tempo. O processo de mudança afeta, também, os tipos textuais, uma vez que certos gêneros estão relacionados a períodos específicos, como é o caso, por exemplo, de poemas épicos e feitiços mágicos em oposição a seriados de televisão e gibis. Dependendo da idade textual, tanto o receptor do texto quanto o tradutor podem vir a ter expectativas diversas em relação às características do texto em questão.

De acordo com Nord (1991, p. 72), a dimensão temporal influencia direta ou indiretamente as dimensões de:

- Emissor – o emissor está inserido no mesmo contexto temporal que o tradutor e o receptor?;
- Intenção;
- Audiência – quais as expectativas em relação ao texto, qual a distância temporal entre os receptores do TF e os receptores do TA?;
- Meio – formas históricas ou modernas de meio;
- Propósito;
- Fatores intratextuais – como, por exemplo, pressuposições, variedade histórica da língua, etc.

³⁵ “The dimension of space is of particular importance where languages exist in various geographical varieties (such as the Spanish spoken in Spain as opposed to Latin America [...], and the English spoken in Great Britain as opposed to the United States [...]). If one of these languages is the source language, the place of text production may provide a pre-signal for the variety used in the ST, and if one of these languages is the target language, the place of text reception determines the variety the translator has to use in the translation”.

3.4.1.7. Propósito

O propósito do texto diz respeito à razão pela qual o texto foi escrito. Nord (2001, p. 1³⁶) afirma que

Em tradução, o tradutor lida com um texto fonte produzido sobre influências da cultura fonte para uma audiência da cultura fonte. O que é dito e como é dito foi determinado por fins comunicativos do autor e sua avaliação da situação para a qual ele se destina. A tradução, no entanto, será usada em uma situação diferente determinada por condições da cultura alvo. É diferente em relação ao tempo e lugar (exceto em interpretação simultânea), às vezes em relação ao meio (a tradução da carta de São Paulo aos Coríntios é publicada em um livro chamado "O Novo Testamento"), e definitivamente em relação à audiência dirigida (por exemplo, o conhecimento geral e cultural do público alvo, seu histórico sociocultural, seus sistemas de valores e visão de mundo).

3.4.1.8. Função textual

Nord (1991) defende que a função textual deve ser analisada depois dos outros fatores, quando já se conseguiu juntar todas as

³⁶ In translation, the translator deals with a source text produced under source-culture conditions for a source-culture audience. What is said and how it is said was determined by the author's communicative purposes and his or her assessment of the situation for which it was intended. The translation, however, will be used in a different situation determined by target-culture conditions. It is different with regard to time and place (except in simultaneous interpreting), sometimes with regard to medium (the translation of Saint Paul's letter to the Corinthians is published in a book called "The New Testament"), and definitely with regard to the addressed audience (e.g., their general and cultural knowledge, there [sic] [their] sociocultural background, their value systems and world view).

informações possíveis sobre o texto trabalhado. De acordo com a pesquisadora, a intenção do emissor e as expectativas do receptor do texto são os fatores principais que influenciam a análise das funções de um texto. Porém, além desses fatores, existem outros, secundários, mas também importantes, que podem ajudar o tradutor a definir as funções de um certo texto: o emissor, o meio, o lugar, o tempo e o propósito. Nesta pesquisa, é utilizada a classificação de Jakobson quanto às funções textuais propostas na teoria funcionalista de Nord. Segundo o pesquisador, existem seis funções a que um texto está sujeito. São elas (HÉBERT, 2011; CHALHUB, 2003):

- Função referencial, focada no referente ou no contexto referido pelo texto – “o quê” deve ser informado;
- Função expressiva, focada no remetente, em suas emoções e atitudes em relação ao referente – a voz do autor;
- Função conativa, focada na orientação do texto em relação ao recipiente – manifestações que influenciam o receptor (elogios, recomendações, ordens, etc.);
- Função fática, que serve para “... estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação entre o emissor e o receptor, para verificar se o canal funciona, para atrair a atenção do interlocutor ou para confirmar sua atenção continuada” (JAKOBSON, 1960, p. 355, apud NORD, 1991, p. 42³⁷);
- Função metalinguística, usada para estabelecer concordância mútua sobre o código e
- Função poética, em que o foco é na mensagem propriamente dita.

Segue, abaixo, quadro das funções da linguagem, a fim de se deixar mais clara a teoria proposta por Jakobson:

³⁷ “... to establish, to prolong, or to discontinue communication between sender and recipient, to check whether the channel works, to attract the attention of the interlocutor or to confirm his continued attention”.

FATOR ALVO	FATOR FONTE	FUNÇÃO	EXEMPLO
Referente/Contexto	Mensagem	Referencial	A terra é redonda.
Remetente (emissor)	Mensagem	Expressiva	Eca!
Destinatário (receptor)	Mensagem	Conativa	Venha aqui.
Contato	Mensagem	Fática	Olá?
Código	Mensagem	Metalinguística	O que significa “paralelepípedo”?
Mensagem	Mensagem	Poética	“... a lua era um desparrame de prata” (Jorge Amado)

Quadro II – funções da linguagem – adaptado e traduzido de Hébert, 2011.

Nord (1991) e Chalhoub (2003) afirmam que um mesmo texto normalmente apresenta mais de uma função comunicativa: “Numa mesma mensagem, porém, várias funções podem ocorrer, uma vez que, atualizando concretamente possibilidades de uso do código, entrecruzam-se diferentes níveis de linguagem” (CHALHUB, 2003, p. 8). Chalhoub aponta ainda que “Numa dada mensagem é impossível observarmos as funções em estado puro — são articuladas entre si, cruzando-se o jogo hierárquico dessas funções” (2003. p. 11).

Apesar da concomitância de várias funções da linguagem em um mesmo texto, haverá apenas uma função principal, segundo Jakobson: “Há, pois, uma hierarquia de funções aplicada em cada mensagem e é sempre muito importante saber qual é a função primária e quais são as secundárias” (apud LOPES, 1991).

3.4.2. Fatores intratextuais

3.4.2.1. Tema

Reiss (1984, apud NORD, 1991, p. 93) categoriza o tema como sendo “Sobre o que é que o remetente fala?³⁸”. Thiel (1980, apud Nord, 1991) aponta que, por convenção, o tema deve ser indicado no título ou em alguma outra parte do texto. Nas HQs da Turma da Mônica, por exemplo, geralmente o tema é indicado logo no título da historinha.

³⁸ “What does the sender talk about?”

3.4.2.2. Conteúdo

Nord afirma que por conteúdo entende-se

[...] a referência do texto para objetos e fenômenos em uma realidade extralinguística, o que poderia facilmente tanto ser um mundo fictício como o mundo real. Essa referência é expressa principalmente pela informação semântica contida nas estruturas lexicais e gramaticais [...] usada no texto. Estas estruturas se complementam, reduzindo ambiguidades, e juntas formam um contexto coerente (NORD, 1991, p. 100³⁹).

3.4.2.3. Pressuposições

A pressuposição diz respeito ao que é *pressuposto* em relação ao conhecimento de mundo do suposto leitor e ao conhecimento prévio necessário para entender claramente a mensagem passada no texto. Uma vez que a comunicação é efetivada somente quando o texto é lido por seu receptor, segundo Nord (1991), a comunicação só pode ser bem sucedida caso o emissor e o receptor possuam o mesmo conhecimento prévio necessário para a transmissão efetiva da mensagem.

3.4.2.4. Estruturação

A estrutura textual abrange citações, notas de rodapé, exemplos, títulos, capítulos, parágrafos, orações simples e complexas, etc. A organização de tais elementos torna possível o reconhecimento do início e do final de um texto (ACCÁCIO, 2010), como, por exemplo, em HQs

³⁹ [...] the reference of the text to objects and phenomena in an extralinguistic reality, which could as easily be a fictitious world as the real world. This reference is expressed mainly by the semantic information contained in the lexical and grammatical structures [...] used in the text. These structures complement each other, reduce each other's ambiguity, and together form a coherent context.

da Turma da Mônica, em que o começo de uma historinha é sinalizado pelo título e seu final, pela palavra *fim*.

3.4.2.5. Elementos não verbais

Elementos muito ricos nas HQs, os elementos não verbais são os signos não linguísticos que são utilizados para suplementar, ilustrar, tirar a ambiguidade ou intensificar a mensagem do texto (NORD, 1991). A autora aponta que os elementos não verbais desempenham um papel complementar na comunicação verbal, conforme já mencionado anteriormente. Os elementos não verbais compreendem os elementos paralinguísticos da comunicação face a face (como, por exemplo, expressões faciais, gestos, qualidade da voz, etc.) e compreende também os elementos não linguísticos pertencentes a textos escritos (ex: fotos, ilustrações, logos, etc.).

3.4.2.6. Léxico

A seleção dos itens lexicais de um texto é determinada, em grande parte, pelas dimensões de tema e conteúdo (NORD, 1991). O léxico é explorado mais profundamente na subseção 4.1 “Categorias de análise”, pág. 84, em que se faz possível relacionar o tema e o conteúdo das HQs utilizadas neste projeto ao léxico presente nessas HQs.

3.4.2.7. Sintaxe

Em relação ao fator intertextual da sintaxe, Nord (1991, p. 129⁴⁰) sugere que

A construção e a complexidade das frases (Wilss, 1977), a distribuição das orações principais e das orações subordinadas no texto (Thiel 1978a), o comprimento das frases (Thiel, 1978b) e o uso da

⁴⁰ The construction and complexity of sentences (Wilss 1977), the distribution of main clauses and subordinate clauses in the text (Thiel 1978a), the length of the sentences (Thiel 1978b), the use of functional sentence perspective (Thiel 1974b) [...] are some of the features considered to be relevant to translation-oriented text analysis. Included here are both conventional sentence structures in certain text types [...] and intentionally selected sentence structures which are meant to produce a particular effect on the reader.

perspectiva funcional da sentença (Thiel, 1974b) [...] são algumas das características consideradas relevantes para a análise orientada à tradução de um texto. Incluem-se aqui estruturas de frases convencionais em determinados tipos de texto [...] e estruturas de frases intencionalmente selecionadas que se destinam a produzir um determinado efeito no leitor.

3.4.2.8. Elementos suprasegmentais

Os elementos suprasegmentais de um texto são todas as marcas de organização textual que se sobrepõem aos limites de segmentos lexicais ou sintáticos, sendo o elemento que dá o “tom” do texto. São elementos bastante presentes em HQs. Tais elementos podem ser categorizados como marcas de entonação, pausas, dispositivos gráficos que desempenham funções análogas na comunicação escrita – como pontuação, letras maiúsculas, palavras em itálico, etc. O enquadramento específico de um texto depende do meio pelo qual o texto é transmitido. Em meios escritos, os elementos suprasegmentais são sinalizados por meios óticos, tais como itálico, negrito, espaçamento, uso de aspas, parênteses, etc. (Nord, 1991).

3.4.2.9. Efeito do texto

O efeito está intimamente ligado à função, ao propósito e à intenção do texto. Nord (1991, p. 143⁴¹) afirma que

O efeito [...] deve ser considerado como uma categoria orientada ao receptor. Os leitores ou ouvintes [...] comparam as características intratextuais do texto com as expectativas construídas externamente, e a impressão que têm a partir disso, consciente,

⁴¹ Effect [...] has to be regarded as a receiver-oriented category. The readers or listeners [...] compare the intratextual features of the text with the expectations built up externally, and the impression they get from this, whether conscious or unconscious or subconscious, can be referred to as “effect”.

inconsciente ou subconscientemente, pode ser referida como "efeito".

A categoria do efeito não é, com isso, nem totalmente extratextual nem exclusivamente intertextual, segundo Nord. Ela está ligada ao usuário do texto, sendo uma categoria que liga o texto à situação em que tal texto esteja inserido.

4. MÉTODO

Uma vez que esta pesquisa lida com tradução anotada no par-linguístico português – inglês, considerando-se aspectos relativos à cultura da LA, a metodologia deste trabalho baseia-se no funcionalismo alemão de Christiane Nord. Basicamente, segundo o funcionalismo de Nord, traduções são vistas como uma ação comunicativa que considera três bases principais: as funções tanto do TF quanto do TA (ex: função informativa, função cômica, função educacional, etc.), o público leitor e o contexto de recepção do texto (a teoria funcionalista de Nord é mais bem explorada na subseção anterior – “Funcionalismo alemão: o modelo de Nord”).

Como o gênero textual abordado neste estudo são HQs, são utilizados conceitos de tradução de quadrinhos advindos de Federico Zanettin (et. al.) (2008). Segundo Zanettin (2008), a tradução de quadrinhos deve levar em consideração tanto os aspectos verbais quanto os aspectos não verbais presentes nos quadrinhos, sendo que o tradutor precisa estar apto a fazer adaptações no texto verbal quando necessário, para que se mantenham os textos verbais e não verbais em harmonia (uma vez que os textos verbal e não verbal dos quadrinhos não podem se contradizer e o texto não verbal normalmente permanece o mesmo na tradução).

Para fins desta pesquisa, é utilizado o conceito de LIJ adotado por Fernandes (2004), já citado na seção 3.1: *As histórias em quadrinhos dentro da literatura infanto-juvenil*, pág. 43. Tal definição foi selecionada por retratar bem o objeto de estudo desta pesquisa – HQs de Chico Bento –, uma vez que, apesar de os quadrinhos de Maurício de Sousa serem lidos por todas as faixas etárias, são as crianças que são levadas em conta, sendo consideradas o principal público a ser atingido por Maurício de Sousa.

É utilizado, também, o conceito de pseudodialecto caipira sugerido por Bagno (2011), explicado anteriormente, e o conceito de corpus proposto por Baker (1995). Segundo Baker, um corpus pode ser definido em três categorizações diferentes:

- (i) [...] [corpus] significa, fundamentalmente, uma coleção de textos armazenados em formato eletrônico e capaz de serem analisados automática ou semi-automáticamente em uma variedade de formas;

(ii) um corpus não é mais restrito a textos "escritos", incluindo tanto textos falados quanto textos escritos; e (iii) um corpus pode incluir um grande número de textos de fontes variadas, de muitos escritores e falantes e sobre uma infinidade de temas (1995, p. 225⁴²).

A primeira categorização trazida por Baker é a mais apropriada para este estudo, pois os textos das HQs de Chico Bento estão armazenados em formato eletrônico e são capazes de serem analisados automática ou semi automaticamente em formas variadas.

Por meio de correspondências eletrônicas trocadas com a vice-presidente internacional da MSP International, Yara Maura Silva, descobriu-se que:

1. Já existem três HQs traduzidas do Chico Bento para a Língua Inglesa. Essas histórias estão no *site* da Turma da Mônica: www.monica.com.br;

2. As histórias traduzidas pela MSP para a Língua Inglesa basearam-se nas HQs de Li'l Abner, personagem criado por Al Capp que representa o caipira estadunidense. Suas histórias retratam o cenário rural dos Estados Unidos. Com isso, fez-se pertinente basear-se em Li'l Abner, a fim de retratar fielmente o povo caipira do público a que se pretende atingir;

3. Por ora, não serão feitas mais traduções das HQs do Chico Bento por parte da equipe de tradutores da MSP; conclui-se, então, que somente três histórias terão sido traduzidas pela MSP até o término deste trabalho.

A partir do exposto, a tradução proposta para este trabalho baseia-se fundamentalmente em quadrinhos originais de Li'l Abner, por motivo já exposto anteriormente, e também nas três HQs já traduzidas pela MSP.

Essa pesquisa está dividida em seis etapas, sendo elas:

1. Levantamento de HQs na LF;

⁴² (i) [...] [it] means primarily a collection of texts held in a machine-readable form and capable of being analyzed automatically or semi-automatically in a variety of ways; (ii) a corpus is no longer restricted to "writings" but includes spoken as well as written text, and (iii) a corpus may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics.

2. Leitura e análise das histórias levantadas, focando-se em elementos linguísticos do pseudodialecto caipira da LF e da cultura brasileira;
3. Estudo linguístico de algumas HQs de Li'l Abner;
4. Criação de um corpus de pequena escala⁴³ a partir da análise das três HQs já traduzidas de Chico Bento, contidas no *website* da Turma da Mônica (o corpus de pequena escala serve como uma das bases⁴⁴ para a tradução comentada proposta nesse estudo);
5. Realização de traduções comentadas, considerando-se o pseudodialecto caipira e aspectos culturais do Brasil e dos Estados Unidos, utilizando o funcionalismo nordiano como embasamento teórico-metodológico;
6. Alimentação do corpus de pequena escala criado, conforme realização das traduções propostas.

Para a realização desta pesquisa, então, busca-se manter nas traduções propostas o pseudodialecto caipira existente nos dois TF selecionados, adotando-se as mesmas bases e estratégias que foram seguidas nas traduções já realizadas pela MSP, porém com um embasamento teórico-metodológico funcionalista e com o auxílio metodológico das ferramentas de corpus.

Ressalta-se, contudo, a relação indissociável existente entre língua e sociedade. De acordo com Lacerda (2010), cada língua (e também (pseudo)dialecto) está inserida em uma cultura e é definida histórica e socialmente. Com isso, ao se levar um dialecto (artístico/ficcional ou não) para outra cultura, não se pode recuperar totalmente o dialecto do TF no TA. O que se busca, no caso, é uma *aproximação* no TA do que o (pseudo)dialecto representa no TF. E isso não é diferente nesta pesquisa. O caipira brasileiro não é o mesmo que o caipira estadunidense, e o pseudodialecto caipira tanto do TF quanto do TA também não buscam afirmar que o sejam. O papel do tradutor, nesse caso, é intermediar culturas e variedades linguísticas diversas, buscando as soluções mais adequadas dentro de um contexto e de acordo com propósito a que se destina a tradução. Com isso, não há representação efetiva e total da(s) variedade(s) linguística(s) que caracterizam o TF, ou seja, o tradutor não poderá refletir em sua plenitude os (pseudo)dialectos

⁴³ Alinhamento dos textos fonte a alvo feito no programa Notepad ++.

⁴⁴ Utiliza-se o corpus descartável CasualConc, um concordanciador simples, como ferramenta de auxílio às traduções propostas (disponível em: <http://sites.google.com/site/casualconc/web-parallel-concordancer>).

que o autor do TF buscou representar em sua obra (LACERDA, 2010, pp. 137 a 139).

A seguir, passa-se às categorias de análise das HQs traduzidas para este projeto, utilizando-se a teoria funcionalista de Nord como ferramenta tradutória aplicada às HQs do Chico Bento.

4.1. Categorias de análise

Os fatores extratextuais e intratextuais do modelo de Nord, explanados na seção “Revisão de Literatura”, são analisados em relação às duas HQs traduzidas neste projeto. A seguir, a descrição de cada um desses fatores.

4.1.1. Fatores extratextuais

4.1.1.1. Emissor

O emissor das HQs *Um homem de negócios* e *A chamada oral* é a equipe da instituição MSP, empresa fundada pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa, que é presidente e supervisor geral do instituto MSP. A emissora das duas HQs traduzidas é Elisângela Liberatti, quem propõe a tradução para esta pesquisa.

4.1.1.2. Intenção do emissor

Quanto à intenção (ou intenções) dos quadrinhos produzidos pelas MSP, Maurício de Sousa afirma que

A Turma da Mônica tem uma preocupação muito grande com todos os temas mundanos. Ninguém pode acusá-la de ser alienada ou algo do gênero. Mas faço questão que todas as histórias sejam um momento de relax. Se vamos transmitir uma mensagem, que seja de forma suave e relaxada (SOUSA, apud HONOR, 2005, p.2).

No trecho acima já se pode perceber duas intenções do autor: a de entreter e a de “... trazer para as crianças uma maior compreensão da realidade do mundo”. As HQs de Maurício são carregadas de lições de

conduta e comportamento, o que nos leva a induzir que uma de suas intenções seja, também, a de educar. Azenha (2008), em seu artigo intitulado “Dependências, assimetrias e desafios na tradução para a criança e o jovem no Brasil”, afirma que

[...] os personagens da *Turma da Monica*, do escritor Maurício de Sousa, começam a ganhar o mundo. E o fazem para cumprir, em outras terras, uma função fundamental que a história atribuiu a esse gênero: *divertir e educar*, nem sempre e não necessariamente nesta ordem [...] (AZENHA, 2008, p. 98, grifos meus, exceto o primeiro).

O jornalista Davidson, em entrevista com Maurício de Sousa, corrobora a ideia de Azenha ao afirmar que

[...] o talento considerável de Maurício e seu espírito empreendedor são acompanhados por uma forte consciência social. O cartunista usa seus personagens favoritos não somente para entreter, mas também para educar” (DAVIDSON, 2004, paginação irregular⁴⁵).

Porém, há que se ter em mente que, conforme supracitado, não é possível levantar todas as intenções de um texto, sendo as intenções aqui levantadas apenas *algumas das possíveis interpretações* das intenções do autor e não a única interpretação correta de suas intenções. Com isso, entendo que as intenções de ambas as HQs selecionadas para este projeto sejam:

- Intenções do emissor do TF: Entreter; socializar⁴⁶; educar⁴⁷; introduzir a criança ao mundo da leitura;

⁴⁵ ... Maurício 's considerable talent and entrepreneurial drive are matched by a strong social conscience. The cartoonist uses his favorite characters not only to entertain but also to teach

⁴⁶ No sentido de permitir uma maior compreensão da realidade que nos cerca.

⁴⁷ Função educacional da Literatura Infanto-Juvenil.

- Intenção da emissora do TA: Entreter; socializar; educar; introduzir a criança ao mundo da leitura; adequar culturalmente ao público-alvo estadunidense os elementos da cultura brasileira existentes no TF⁴⁸.

4.1.1.3. Receptor

O receptor dos dois TF desta pesquisa é, primordialmente, o público infanto-juvenil brasileiro. O receptor do TA é *supostamente* formado pelo público infanto-juvenil estadunidense. Com isso, a tradução deve levar em conta as capacidades e limitações de leitura desse público. Segundo Azenha (2008), o público-alvo que a LIJ (e também as HQs deste trabalho) pretende atingir (crianças e jovens) sofre limitações ligadas a

[...] habilidades de compreensão e de discernimento em diferentes estágios de formação, [...] [possuindo] uma autonomia apenas relativa e [...] [estando] [...] mais à mercê das dependências a que esse gênero literário está exposto” (2008, p. 99).

É preciso ter em mente, então, tais limitações ao se pensar no suposto público receptor da tradução aqui proposta.

4.1.1.4. Meio

O meio de recepção do TF *Um homem de negócios* é a internet, uma vez que essa HQ encontra-se online (no website www.monica.com.br) e, *hipoteticamente*⁴⁹, sua tradução também seria publicada em meio online. O meio de recepção do TF *A chamada oral* é o meio impresso (gênero gibi: publicado na revista Chico Bento, número 61, Brasil, 2012. Págs. 36 a 41. Maurício de Sousa Editora – Panini

⁴⁸ A adequação é feita na medida do possível, uma vez que há casos em que a presença das figuras não permite tal adequação.

⁴⁹ O termo “hipoteticamente” foi cunhado pelo fato de este ser um trabalho acadêmico e não mercadológico. Com isso, as traduções aqui sugeridas não serão publicadas no website da turma da Mônica.

Comics. Maurício de Sousa Produções), e, também hipoteticamente, sua tradução seria publicada em meio impresso.

4.1.1.5. Lugar

Para a presente pesquisa, o lugar de recepção dos TF *Um homem de negócios* e *A chamada oral* é o Brasil, e o lugar de recepção dos TA são os Estados Unidos (hipoteticamente). Com isso, pode-se afirmar que a variedade linguística não padrão utilizada nos TF é o português brasileiro, e a variedade linguística não padrão utilizada nos TA é o inglês americano.

4.1.1.6. Tempo

Para este estudo, como o TF *Um homem de negócios* foi publicado em 2000 e o TA produzido em 2011, e o TF *A chamada oral* foi publicado em 2012 e o TA produzido também em 2012, pode-se afirmar que o emissor esteja inserido no mesmo contexto temporal que o tradutor e o receptor, sendo que a distância temporal entre os receptores dos TF e os receptores dos TA não é grande. Assim, a linguagem utilizada na criação dos TF não sofreu mudanças perceptíveis a ponto de afetar o entendimento da mensagem passada para o público dos TA.

4.1.1.7. Propósito

Para o objeto de análise em questão, o propósito das HQs do Chico Bento em geral não se faz muito diferente dos propósitos específicos das HQs traduzidas neste projeto. Com isso, delimitam-se os propósitos gerais dos quadrinhos do Chico Bento, primeiramente, e depois se passa para os propósitos especificamente referentes às HQs analisadas e às HQs traduzidas.

- Propósitos gerais das HQs do Chico Bento: entreter; transmitir valores morais, como o ensinamento sobre a importância de se respeitar a natureza e os animais; demonstrar a simplicidade da vida no campo; gerar riso; ensinar aspectos ligados à cultura caipira brasileira e à vida no campo.

- Propósitos específicos da HQ *Um homem de negócios* (TF): trazer para o público-alvo a questão da intertextualidade (uma vez que possui personagens de contos de fadas e Chico faz referência às HQs da

Magali); representar a forma de comércio no campo, em que pode haver troca de mercadorias ao invés de se usar somente dinheiro como forma de pagamento; passar conhecimento sobre a forma de se ganhar a vida no campo: por meio da colheita de verduras, frutas e vegetais; demonstrar a ingenuidade de Chico Bento em não reconhecer os personagens dos contos de fadas presentes na HQ e vender para eles mercadorias que não têm a ver com o que é conhecido desses contos; mostrar, no último quadro, os objetos relacionados a cada conto de fada que aparece durante a história. Propósitos específicos da HQ traduzida (*Businessman*): manter os propósitos da HQ original, ainda que minimizando as marcas culturais presentes no TF.

- Propósitos específicos da HQ *A chamada oral* (TF): transmitir algum conhecimento sobre a geografia do Brasil; passar o conceito de que é necessário estudar para ir bem na prova; demonstrar a confiança de Chico Bento em sua avó; passar valores sobre o relacionamento netos – avós; demonstrar a ingenuidade do Chico Bento em relação à simpatia. Propósitos específicos da HQ traduzida (*The oral test*): transmitir algum conhecimento sobre a geografia do mundo e dos EUA; passar o conceito de que é necessário estudar para ir bem na prova; demonstrar a confiança de Chico Bento em sua avó; passar valores sobre o relacionamento netos – avós; demonstrar a ingenuidade do Chico Bento em relação ao feitiço.

4.1.1.8. Função textual

No caso do objeto de estudo desta pesquisa, temos, nos TF *Um homem de negócios* e *A chamada oral*, a função referencial, a função expressiva, a função conativa, a função fática e a função poética dialogando entre si.

Porém, no momento de categorizar a função textual predominante dos quadrinhos analisados nesta pesquisa, o que ocorre é uma situação nada corriqueira: podemos afirmar que a função referencial encontra-se bastante presente nesses textos, mas esta não aparece sozinha – a função expressiva também se encontra extremamente presente nas HQs, sendo que ambas as funções aparecem com a mesma intensidade, não se podendo, com isso, categorizar qual delas é predominante nesse texto. A explicação para esse caso particular segue abaixo.

A função referencial está bastante presente porque na maior parte do tempo as historinhas preocupam-se em mostrar personagens que

lembrem (fazem referência a) pessoas e animais do mundo real⁵⁰ (ACCÁCIO, 2010, p. 82), e Nord (1997, apud ACCÁCIO, 2010, p. 58, grifos meus) afirma que a função referencial está relacionada à “referência a objetos e fenômenos *do mundo* ou *de um mundo específico*”⁵¹. O que temos, então, é o fato marcante de que em Chico Bento há uma preocupação em representar um mundo real: Chico Bento e seus colegas são meninos e meninas de seis/sete anos de idade; estão inseridos em uma comunidade – com pais, professora, escola, padre, igreja, venda, etc.; estudam; brincam; convivem com animais; seguem convenções sociais; e assim por diante. Isso nos mostra que, na medida do possível e de forma artística, a MSP busca utilizar personagens que remetem ao mundo real⁵². Por esse motivo, então, pode-se afirmar que a função referencial esteja presente praticamente em todas as HQs do Chico Bento, inclusive nas aqui analisadas.

O que acontece, porém, é que a função referencial desses textos exerce função que vai além da informação e da referência, pois a *voz do autor* encontra-se bastante presente nessas HQs. Há, portanto, um aspecto subliminar, que nos conduz à análise de que a função expressiva também se faz bastante presente, na voz do autor, afinal, é ele que quer informar, mas do jeito dele (pelo uso de pseudodialetos caipira, trocadilhos, humor, etc.). O autor tem a intenção bem marcada de mostrar uma “outra” mensagem, nas entrelinhas (ZIPSER, 2012, em comunicação pessoal). Além disso, Nord (1991) alega que, em textos literários (caso dos textos aqui analisados: literatura infanto-juvenil), a intenção do autor não é a de descrever a realidade, mas sim de motivar percepções pessoais sobre a realidade ao descrever um *mundo fictício* (*alternativo*). Nord (1991, pág. 71) cita Beaugrande & Dressler (1981), os quais afirmam que a reprodução mimética do mundo é suplementada pelo elemento da expressividade, e que, por isso, segundo Jakobson (1960), a função expressiva da linguagem é mais forte do que a função referencial em textos literários.

⁵⁰ Porém, devemos lembrar que o contexto dessas HQs é um mundo fictício.

⁵¹ “[...] reference to the objects and phenomena of the world or of a particular world”.

⁵² Obviamente, a referência a pessoas e animais representantes do mundo real não acontece em todos os momentos – há HQs que abordam temas folclóricos, com animais e personagens lendários, por exemplo (saci, mula-sem-cabeça, boitatá, etc.). Outro exemplo é a HQ *Um homem de negócios*, em que temos personagens de contos de fadas.

O que ocorre, então, nesta modalidade de texto, neste caso específico, é que não se pode, com precisão, afirmar qual das funções (referencial ou expressiva) aparece com mais força em relação à outra. Elas estão, certamente, presentes, marcando o texto, ora com uma das funções mais visível, ora com a outra, mas as duas encontram-se fortemente presentes no texto: *referenciando* o tema e *expressando* a voz do autor (ZIPSER, 2012, em comunicação pessoal). Com isso, não foi possível separar as duas funções (a referencial e a expressiva), e dizer que uma predomine sobre a outra. Elas se apresentam juntas, “casadas”: o que seria da mensagem, se não fosse o “tom” dado pelo autor? Certamente, nada atraente para uma criança e nem adequada ao gênero quadrinhos. Da mesma forma, a fala dos personagens, criada pelo autor do texto, não faria sentido se não fosse nesse contexto, com o propósito de educar e divertir (ZIPSER, 2012, em comunicação pessoal).

Quanto ao pseudodialecto caipira presente nas HQs, sua função é caracterizar o usuário da língua, de forma artística e ficcional. Então, além das marcas caipiras presentes no texto não verbal (observáveis na vestimenta dos personagens, na presença de animais da zona rural, nos alimentos, na rotina, na estrutura das casas, na paisagem, etc.), tem-se também a marca do texto verbal – a fala dos personagens. A fala dos personagens é caracterizada pela utilização do pseudodialecto caipira a fim de fazer referência ao ambiente em que se passam as HQs.

Feitas tais considerações, passa-se, abaixo, à análise das funções textuais de Jakobson (1960) com enfoque *específico* de algumas das passagens das HQs analisadas, a fim de se exemplificar a ocorrência de cada função encontrada na análise.

Na função referencial, o texto normalmente apresenta-se na terceira pessoa do singular ou do plural, transmitindo, então, impessoalidade. A linguagem, nessa função, é denotativa, não havendo, com isso, possibilidades de outra interpretação além da exposta. Especificamente na HQ *A chamada oral* (tanto no TF quanto no TA), Chico Bento usa a função referencial quando fala sobre questões geográficas (a capital de um estado, por exemplo), pois transmite, ao falar dessas questões, informações objetivas, expondo dados concretos da realidade.

Encontramos especificamente a função expressiva na HQ *Um homem de negócios* pelo fato de a mensagem transmitida ser centrada no emissor, usando-se a 1ª pessoa do singular (ex: “Agora, eu sô um home di negócio!”), no uso de exclamações (em praticamente todas as falas), nas reticências (ex: “... Eu tenho uma melancia!”), nas interjeições (ex:

“Xiii!”) e no uso de onomatopeia (ex: “vuup”). Essa função também está presente na HQ *A chamada oral* pelos mesmos motivos específicos: mensagem transmitida centrada no emissor, usando-se a 1ª pessoa do singular (ex: “Vô insiná uma simpatia qui vai ajudá ocê!”), exclamações (em praticamente todas as falas), reticências (ex: “Não nove, nem onze... deiz vorta!”), interjeições (ex: “Ara”, “Ixi”) e onomatopeias (ex: “roc, roc, roc, roc”, “Z”, “tuc”).

Já a função conativa expressa-se pelo uso da 2ª pessoa do singular, a mensagem é centrada no receptor e se organiza de forma a influenciá-lo, com uso do imperativo. Temos como exemplos de função conativa na HQ *Um homem de negócios* as seguintes orações: “Pergunta pra Magali!”, em que Chico Bento tenta convencer a fada de que sua melancia é de boa qualidade, e “leva um poco di cada”, situação em que Chico influencia João a levar todos os tipos de feijão disponíveis à venda. E como exemplos da função conativa na HQ *A chamada oral* as seguintes orações: “Consegue uma foia di bananera das bitela!”, quando a avó de Chico Bento pede que ele arranje o material para a simpatia que tem que fazer, e “... pega o livro da matéria qui vai fazê a chamada orar!”, em que a avó do personagem dá as instruções da simpatia.

A função fática ocorre quando o objetivo é o de se estabelecer relação/contato com o emissor (ex: olá), quando há algum tipo de contato que verifique se a mensagem está sendo transmitida (ex: está entendendo?) ou mesmo para alongar ou cortar a conversa. Nessa função, o canal é posto em destaque, sendo que o interesse do emissor é o de chamar a atenção para o canal utilizado para a transmissão da mensagem. Essa função aparece na HQ *Um homem de negócios*, tanto no TF quanto no TA – por exemplo, nas frases “Bão dia”, “Howdy”, “Bom dia”, “Good morning”, “Oi” e “Hi”. Na HQ *A chamada oral*, temos essa função tanto no TF quanto no TA. Alguns exemplos: “O qui si assucedeu?”, “Whut happend?”, “Ansim?”, “Like thet?”, “Pronto, vó, i agora?”, “Ah’m done, granny. Now whut?”.

Por fim, a função poética se faz presente na HQ *A chamada oral*, devido a presença de rimas tanto no TF quanto no TA. Um exemplo: “São **Bartazar**, quero i bem na chamada **orar!**”, “On this test ah take **today** ah shall recive no less than **A!**”. Na HQ *Um homem de negócios*, as rimas também estão presentes: “Meu nome não é vixi! É **João!** E eu quero um saco de **feijão!**” (TF) e “**delishus, nutrishus**” são alguns dos exemplos da função poética presente nos quadrinhos em questão.

Em relação às HQs traduzidas para este projeto, as funções textuais não são exatamente as mesmas no TF e no TA *Um homem de negócios*: no TF, temos a função referencial e a função expressiva na

maior parte do texto, conforme explicado acima, além da função fática, da função conativa e da função poética, mas no TA não há a função conativa. Isso ocorre porque o que foi considerado a função conativa no TF perde suas características no TA, uma vez que “Pergunta pra Magali!” foi traduzido para “Yuh kin ask ma dad’s clients!”, deixando, com isso, de ser um imperativo e passando para uma sugestão. Já a sentença “Leva um pouco di cada” foi traduzida para “Yuh kin have a li’l o’ each!”, deixando de ser um imperativo e passando para uma permissão. Já na HQ *A chamada oral*, as funções textuais são as mesmas tanto no TF quanto no TA.

4.1.2. Fatores intratextuais

4.1.2.1. Tema

No caso do TF *Um homem de negócios*, o próprio título nos remete ao tema da HQ, ou pelo menos a parte dele, uma vez que o tema dessa HQ é sobre negócios, venda e troca de mercadorias. O título do TA também busca manter uma alusão ao tema da historinha, sendo traduzido por *Business*. Já em relação à HQ *A chamada oral*, ocorre a mesma situação: o tema (ou parte dele) aparece no título, uma vez que o tema dessa HQ é sobre prova oral de geografia, e seu TA também mantém a ligação com o tema da HQ (*The oral test*).

4.1.2.2. Conteúdo

O conteúdo do objeto de estudo da presente pesquisa foi, então, identificado pela informação semântica contida nas estruturas lexicais e gramaticais do texto, bem como pode ser identificado por fatores extralinguísticos, por meio do texto não verbal. O conteúdo da HQ *Um homem de negócios* pode ser assim resumido: Chico Bento decide abrir uma venda, intitulando-se um homem de negócios, para vender produtos que sobraram da colheita. Ele acaba trocando seus produtos com personagens de contos de fadas.

O que mudou no conteúdo do TF *Um homem de negócios* em relação ao conteúdo do TA foi o conceito de quermesse presente no TF, que foi substituído por *feira* no TA, pois quermesse tem um sentido diferente nas culturas brasileira e estadunidense, optando-se, portanto, por um termo comum a ambas as culturas; a alusão à personagem Magali e sua ligação com a melancia, presentes no TF, que foi substituída por um termo mais geral (os clientes do pai do Chico), uma

vez que não se pode pressupor que os leitores estadunidenses tenham conhecimento das HQs da Magali e de sua preferência por melancia; e a mudança da fruta *goiaba* presente no TF para *pear* (pera) no TA, que é uma fruta mais popular ao público que se pretende atingir com a tradução.

Em relação à outra HQ selecionada para a tradução proposta neste projeto, *A chamada oral*, tem-se o seguinte conteúdo: Chico Bento vai ter uma chamada oral de geografia e está preocupado com sua nota. Sua avó, então, lhe ensina uma simpatia para ir bem na prova. O que Chico não percebe, no entanto, é que a simpatia não é bem uma simpatia, e sim uma forma indireta que o faz estudar. Ele escreve em uma folha de bananeira as questões mais difíceis referentes ao que vai cair na prova (geografia do Brasil).

O que mudou no conteúdo do TF *A chamada oral* em relação ao conteúdo do TA foram as menções feitas a questões geográficas: no conteúdo do TF, temos informações da geografia do Brasil, uma vez que seu público leitor é a criança brasileira e Chico Bento representa uma criança brasileira, que frequenta uma escola no Brasil. Já no TA, temos informações referentes à geografia mundial e à geografia dos Estados Unidos.

A escolha de se adaptar o conteúdo do TA em relação ao conteúdo do TF foi feita pensando-se no leitor final do TA, que, hipoteticamente, seria uma criança estadunidense. Acredita-se que essa criança se identificaria mais com questões de conhecimento mundial (como, por exemplo, a informação de qual o maior rio do mundo) e de seu próprio país do que com questões específicas ligadas ao território brasileiro. Com isso, espera-se que o nível de interesse por parte do leitor do TA seja mantido. Além disso, no TA, Chico Bento é Chuck Billy, um personagem que representa uma criança estadunidense e que, consequentemente, frequenta uma escola dos Estados Unidos. Então, a meu ver, não faria muito sentido uma tradução literal do conteúdo relacionado a questões da geografia do Brasil, pois assim teríamos uma criança estadunidense de sete anos estudando questões específicas relacionadas à geografia de um país que não é o seu.

4.1.2.3. Pressuposições

As pressuposições em relação aos leitores brasileiros da HQ *Um homem de negócios* são: os leitores do TF já conhecem os contos de fadas e seus personagens, bem como os objetos a eles relacionados;

pressupõe-se que os leitores tenham conhecimento do que vem a ser a festa da quermesse no Brasil, ou que pelo menos já tenham ouvido falar sobre ela; o público-alvo tem conhecimento da personalidade da bruxa, reconhecendo-a como má, e, por isso, entendem o grito de Chico Bento ao ver a bruxa; os leitores conhecem as HQs de Magali sua relação com a Melancia; os leitores do TF relacionam o personagem Chico Bento com a fruta *goiaba*.

Já as pressuposições em relação aos supostos leitores do TA da HQ *Um homem de negócios* são as seguintes: Os leitores do TA já conhecem os contos de fadas e seus personagens, bem como os objetos a eles relacionados; o leitor do TA tem conhecimento da personalidade da bruxa, reconhecendo-a como má, e, por isso, entendem o grito de Chico Bento ao ver a bruxa. Pressupõe-se que os leitores não tenham conhecimento do que representa a quermesse na cultura brasileira, que representa algo diferente na cultura estadunidense, não estando necessariamente ligada a festas caipiras – por isso a troca por *feira*; pressupõe-se que os leitores não conheçam as HQs da Magali – por isso o apagamento da personagem. Pressupõe-se que os leitores não conheçam o personagem Chico Bento a ponto de estarem cientes de seu gosto exagerado por goiabas, e, por isso, optou-se por traduzir goiaba por pera, fruta mais típica nos EUA do que a goiaba.

Quanto à HQ *A chamada oral*, acredita-se que os leitores já tenham um conhecimento prévio sobre: as más notas do Chico Bento e sua dificuldade na escola (sua falta de vontade de estudar); o fato de que o Chico nunca tira dez nas provas e sua ingenuidade. Pressupõe-se que os leitores do TA dessa HQ não tenham os mesmos conhecimentos prévios que os leitores brasileiros, uma vez que as características do personagem Chico Bento não são disseminadas na cultura estadunidense. Além disso, pressupõe-se que esses leitores hipotéticos não tenham conhecimento sobre a geografia brasileira. Mesmo assim, acredito que seja possível manter o humor da HQ traduzida, uma vez que o humor não está ligado somente ao fato de Chico ir mal na escola, e sim ao fato de ele fazer uma simpatia que, na verdade, não é uma simpatia, e sim uma forma que sua avó encontrou de fazê-lo estudar sem perceber que estava estudando.

Todas as adaptações acima mencionadas foram realizadas com o intuito de fazer o texto *funcionar* na cultura de chegada, premissa do funcionalismo nordiano, adaptando-se questões fortemente marcadas na cultura brasileira ora por termos mais gerais, ora por termos que, pressupostamente, sejam do conhecimento do público do TA.

4.1.2.4. Estruturação

No caso das HQs do Maurício de Sousa, pode-se dizer que há certa padronização da estrutura seguida pelas histórias, sendo que a maioria das HQs possui título, textos estruturados em balões, orações simples e a palavra *fim* sinalizando o final de uma historinha. Essa estruturação está presente na HQ *Um homem de negócios*. Na HQ *A chamada oral*, temos a mesma estruturação, com acréscimo de legendas (textos em caixas na parte superior ou na parte inferior da página). São elas: "..."; "e"; "bem depois..." e "na manhã seguinte...". A estruturação de ambas as HQs foi mantida em suas respectivas traduções.

4.1.2.5. Elementos não verbais

Para o objeto de estudo em questão, tanto nos TF quanto nos TA, o texto verbal e texto não verbal mantêm uma relação indissociável: um complementa o outro, sendo que texto verbal e texto não verbal não se opõem. Essa é uma característica comum às HQs de Maurício de Sousa. Os aspectos culturais e intertextuais são sugeridos pelas imagens: na HQ *Um homem de negócios*, os personagens dos contos de fadas, o cenário rural, os objetos culturalmente associados a cada personagem. Na HQ *A chamada oral*, o cenário rural, o cenário da escola, o estereótipo de avó e de professora. Em ambas as HQs, as figuras são coloridas, o que prende a atenção do leitor infante-juvenil.

Nord (1991) afirma que os elementos não verbais são específicos a cada cultura, e, segundo ela, o tradutor deve descobrir quais os elementos não verbais do TF podem ser mantidos no TA e quais desses elementos devem ser mudados, adaptando-se às normas e convenções da cultura alvo. Porém, por questões editoriais, os elementos não verbais dos quadrinhos normalmente não passam por mudanças no TA.

A partir do supracitado, tem-se o exemplo da goiaba na HQ *Um homem de negócios*. Quando Chico Bento segura a goiaba e a chama pelo nome no TF, optou-se por traduzir tal fruta pro uma fruta mais popular no país-alvo, mas que não contradissesse a imagem presente no TA: ou seja, para a escolha de qual fruta seria adaptada para o leitor do TA (*pera*), foram levados em consideração a cor, o formato, o tamanho e a textura da fruta que, primeiramente, fora desenhada para representar uma goiaba.

4.1.2.6. Léxico

De forma abrangente, as escolhas lexicais do TF *Um homem de negócios* podem ser assim categorizadas: utilização do pseudodialecto caipira que busca representar linguisticamente o caipira brasileiro (ex: aprochegá, miór, coiêita, ô porquêra, bão, etc.); palavras *abóbora, Magali, fada-madrinha, Cinderela, carruagem, bruxa, maçãs, Branca de Neve, João* (de “João e o pé de feijão”), *feijão, sapato de cristal, espelho falante e vaca mimosa* demonstram a intertextualidade presente na HQ.

Já na tradução da HQ *Um homem de negócios*, em relação aos elementos do léxico que estão no TF e serão adaptados para o público-alvo, tem-se: utilização de um pseudodialecto caipira inglês que busca representar linguisticamente o caipira estadunidense (ex: garsh, th', whut, kin, etc.); léxico *goiaba* traduzido por *pear* (pera); léxico *Magali* apagado no TA; léxico *João* traduzido por *Jack* (de “Jack and the beanstalk”, “João e o pé de feijão” em português); léxico *quermesse* traduzido por *feira*; léxico *vaca mimosa* traduzido por *Milky-White cow* (nome da vaca no conto em inglês).

As escolhas lexicais do TF *A chamada oral* são as seguintes: utilização do pseudodialecto caipira brasileiro (ex: assucedeu, batuta, ansim, premero, etc.); léxico relacionado a questões da geografia do Brasil; léxico relacionado a santo (São Baltazar) e à simpatia, fator culturalmente marcado no Brasil.

Na tradução da HQ *A chamada oral*, em relação aos elementos do léxico que estão no TF e serão adaptados para o público-alvo, temos: pseudodialecto caipira inglês que busca representar linguisticamente o caipira estadunidense (ex: thet, skool, fer, tiz, etc.); léxico relacionado a questões da geografia do Brasil adaptado culturalmente para questões sobre geografia mundial e dos Estados Unidos; léxico ligado à magia e a cantos de magia.

4.1.2.7. Sintaxe

Os TF das HQs *Um homem de negócios* e *A chamada oral* têm como característica principal em relação à sintaxe o predomínio de frases curtas e simples devido ao público que se pretende atingir (infante-juvenil). No TA, há também o predomínio de frases curtas e simples, não somente para se adequar ao público-alvo, mas também pela questão do tamanho do balão disponível para o texto traduzido, uma vez

que, por questões editoriais, somente o texto verbal foi apagado dos TF e mudado nos TA, sendo que o texto não verbal (balões, figuras, etc.) não foi alterado.

4.1.2.8. Elementos suprasegmentais

Tanto no TF e TA da HQ *Um homem de negócios*, e no TF e no TA da HQ *A chamada oral*, os elementos suprasegmentais foram assim catalogados: palavras com letras repetidas na sequência para representar o tempo de duração dessas palavras; exclamação e interrogação para representar a entonação de voz dos diálogos (oralidade); reticências para introduzir pausa na fala; mais de um ponto de exclamação junto para garantir a entonação; presença de interrogação e exclamação juntas para formular perguntas com maior entonação (esse elemento está presente somente na HQ *Um homem de negócios* e em sua tradução); fonte maior para representar o grito; onomatopéia.

4.1.2.9. Efeito do texto

Uma vez que a análise do efeito pertence à área da interpretação, e não à área linguística, *presume-se* que o efeito causado no leitor tanto do TF quanto do TA da HQ *Um homem de negócios* seja o entretenimento. Já em relação à HQ *A chamada oral*, *presume-se* que o efeito causado no leitor tanto do TF quanto do TA seja o entretenimento e a passagem de conhecimento sobre algumas questões de geografia (geografia do Brasil no TF e geografia mundial e dos Estados Unidos no TA).

Tendo-se feita toda a análise dos elementos extra e intertextuais sugeridos por Nord (1991), chegou-se aos seguintes quadros comparativos das HQs *Um homem de negócios* e *A chamada oral*:

MODELO DE CHRISTIANE NORD
HQ *Um homem de negócios*

	Texto fonte: Português	Texto alvo: Inglês
--	---------------------------	--------------------

FATORES EXTERNOS AO TEXTO

Emissor	MSP	Elisângela Liberatti
Intenção do emissor	Entreter; socializar; educar; introduzir a criança ao mundo da leitura	Entreter; socializar; educar; introduzir a criança ao mundo da leitura; adequar culturalmente ao TA, na medida do possível, elementos da cultura brasileira existentes no TF
Receptor	Público infanto-juvenil brasileiro.	Público infanto-juvenil estadunidense.
Meio	HQ online	HQ online (supostamente)
Lugar	Brasil	EUA
Tempo	2000	2011
Propósito (motivo)	Trazer para o público-alvo a intertextualidade; representar a forma de comércio no campo; demonstrar a ingenuidade de Chico Bento; relacionar os objetos a cada personagem de conto de fadas presente na história.	Manter o propósito da HQ original, mas adequar culturalmente ao TA, na medida do possível, as marcas culturais presentes no TF.
Função textual	Referencial e expressiva predominando, conativa, fática e	Referencial e expressiva predominando, fática e poética.

	poética.	
--	----------	--

FATORES INTERNOS AO TEXTO

Tema	Negócios: venda e troca de mercadorias	Negócios: venda e troca de mercadorias
Conteúdo	Chico Bento decide abrir uma venda, intitulado-se um homem de negócios, para vender produtos que sobraram da colheita. Ele acaba trocando seus produtos com personagens de contos de fadas.	Idem ao conteúdo do TF, mas com algumas mudanças: o conceito de quermesse; personagem Magali e sua ligação com melancia; goiaba traduziu-se para pera.
Pressuposições	Pressupõe-se que os leitores do TF tenham conhecimento prévio sobre: contos de fadas e seus personagens, bem como os objetos a eles relacionados; festa da quermesse no Brasil; medo associado à bruxa; HQs de Magali sua relação com a Melancia; Chico Bento e sua adoração por goiaba.	Pressupõe-se que os leitores do TA tenham conhecimento prévio sobre: contos de fadas e seus personagens, bem como os objetos a eles relacionados; medo associado à bruxa. Pressupõe-se que os leitores do TA não tenham conhecimento sobre: festa da quermesse no Brasil; HQs de Magali e sua relação com a Melancia; personagem Chico Bento e sua paixão por goiabas.
Estruturação	Título; textos estruturados em balões; palavra “fim” sinalizando o final da	Título; textos estruturados em balões; palavra “fim” sinalizando o final da

	história	história
Elementos não verbais	O cenário rural, os personagens dos contos de fadas e os objetos culturalmente associados a cada um deles; as figuras são coloridas, o que prende a atenção do leitor infanto-juvenil	O cenário rural, os personagens dos contos de fadas e os objetos culturalmente associados a cada um deles; as figuras são coloridas, o que prende a atenção do leitor infanto-juvenil
Léxico	Pseudodialecto caipira; palavras <i>abóbora, Magali, fada-madrinha, Cinderela, carruagem, bruxa, maçãs, Branca de Neve, João (João-pé-feijão), feijão, sapato de cristal, espelho falante e vaca mimosa</i> demonstram a intertextualidade presente na HQ;	Pseudodialecto caipira; <i>Goiaba</i> – traduzido por <i>pear</i> (pera) <i>Magali</i> – apagada <i>João</i> – traduzido por <i>Jack (Jack and the beanstalk)</i> <i>Quermesse</i> – traduzida por <i>feira</i>
Sintaxe	Predomínio de frases curtas e simples	Predomínio de frases curtas e simples
Elementos supra-segmentais	Palavras com letras repetidas na sequência; exclamação e interrogação; reticências; mais de um ponto de exclamação junto; presença de interrogação e exclamação juntas; fonte maior; onomatopeia.	Palavras com letras repetidas na sequência; exclamação e interrogação; reticências; mais de um ponto de exclamação junto; presença de interrogação e exclamação juntas; fonte maior; onomatopeia.

Efeito do texto	Entretenimento	Entretenimento
------------------------	----------------	----------------

Quadro III – Modelo de Nord aplicado a HQ Um homem de negócios

MODELO DE CHRISTIANE NORD HQ A chamada oral		
	Texto fonte: Português	Texto-meta: Inglês

FATORES EXTERNOS AO TEXTO

Emissor	MSP	Elisângela Liberatti
Intenção do emissor	Entreter; socializar; educar; introduzir a criança ao mundo da leitura	Entreter; socializar; educar; introduzir a criança ao mundo da leitura; adequar culturalmente ao TA, na medida do possível, elementos da cultura brasileira existentes no TF
Receptor	Público infanto-juvenil brasileiro.	Público infanto-juvenil estadunidense.
Meio	HQ impressa. Revista Chico Bento número 61, Brasil, 2012. Págs. 36 a 41. Maurício de Sousa Editora – Panini Comics. Maurício de Sousa Produções.	HQ impressa (hipoteticamente)
Lugar	Brasil	EUA (hipoteticamente)
Tempo	2012	2012

Propósito (motivo)	Transmitir algum conhecimento sobre a geografia do Brasil; passar o conceito de que é necessário estudar para ir bem na prova; demonstrar a confiança de Chico Bento em sua avó; passar valores sobre o relacionamento netos – avós; demonstrar a ingenuidade do Chico Bento em relação à simpatia	Transmitir algum conhecimento sobre a geografia do mundo e dos EUA; passar o conceito de que é necessário estudar para ir bem na prova; demonstrar a confiança de Chico Bento em sua avó; passar valores sobre o relacionamento netos – avós; demonstrar a ingenuidade do Chico Bento em relação à simpatia
Função textual	Referencial e expressiva predominando, conativa, fática e poética.	Referencial e expressiva predominando, conativa, fática e poética.

FATORES INTERNOS AO TEXTO

Tema	Prova oral de geografia	Prova oral de geografia
Conteúdo	Chico Bento vai ter uma chamada oral de geografia e está preocupado com sua nota. Sua avó, então, lhe ensina uma simpatia para ir bem na prova. O que Chico não percebe é que a simpatia não é bem uma simpatia, e sim uma forma indireta que o faz estudar. Ele escreve em uma folha de	Chico Bento vai ter uma chamada oral de geografia e está preocupado com sua nota. Sua avó, então, lhe ensina uma simpatia para ir bem na prova. O que Chico não percebe é que a simpatia não é bem uma simpatia, e sim uma forma indireta que o faz estudar. Ele escreve em uma folha de

	bananeira as questões mais difíceis referentes ao que vai cair na prova (geografia do Brasil).	bananeira as questões mais difíceis referentes ao que vai cair na prova (geografia mundial e dos EUA).
Pressuposições	Pressupõe-se que os leitores do TF tenham conhecimento prévio sobre: as más notas do Chico Bento e sua dificuldade na escola (sua falta de vontade de estudar); o fato de que o Chico nunca tira dez nas provas; sua <i>ingenuidade</i>	Pressupõe-se que os leitores do TA não tenham conhecimento prévio sobre: as más notas do Chico Bento e sua dificuldade na escola (sua falta de vontade de estudar); o fato de que o Chico nunca tira dez nas provas; sua <i>ingenuidade</i>
Estruturação	Título; textos estruturados em balões; paratextos; palavra “fim” sinalizando o final da história	Título; textos estruturados em balões; paratextos; palavra “fim” sinalizando o final da história
Elementos não verbais	O cenário rural, o cenário da escola; o estereótipo de avó e de professora; as figuras coloridas prendem a atenção do leitor infanto-juvenil	O cenário rural, o cenário da escola; o estereótipo de avó e de professora; as figuras coloridas prendem a atenção do leitor infanto-juvenil
Léxico	Pseudodialecto caipira; léxico relacionado a questões da geografia do Brasil; léxico relacionado a santo (São Baltazar) e à simpatia, fator	Pseudodialecto caipira; léxico relacionado a questões da geografia do Brasil adaptado culturalmente para questões sobre

	culturalmente marcado no Brasil	geografia mundial e dos EUA; léxico ligado à magia e a cantos de magia
Sintaxe	Predomínio de frases curtas e simples	Predomínio de frases curtas e simples
Elementos supra-sintaxiais	Palavras com letras repetidas na sequência; exclamação e interrogação; reticências; mais de um ponto de exclamação junto; fonte maior; onomatopeia	Palavras com letras repetidas na sequência; exclamação e interrogação; reticências; mais de um ponto de exclamação junto; fonte maior; onomatopeia
Efeito do texto	Entretenimento e conhecimento (sobre algumas questões de geografia do Brasil)	Entretenimento e conhecimento (sobre algumas questões de geografia mundial e dos EUA)

Quadro IV – Modelo de Nord aplicado a HQ *A chamada oral*

4.2. Procedimentos de Análise

A categoria analisada para esta pesquisa é o pseudodialecto caipira utilizado na fala dos personagens de Chico Bento. A tradução deste projeto propõe-se a traduzir e manter a fala não padrão em Chico Bento, realizando alguns comentários sobre o pseudodialecto em questão. Por questões de concisão e fluência, não são feitos comentários sobre *todas* as escolhas tradutórias concernentes ao pseudodialecto caipira, e sim sobre alguns aspectos considerados relevantes para a pesquisa. Além disso, são realizados comentários sobre aspectos concernentes à adaptação (cultural) do TF para o contexto do público de chegada, base da teoria nordiana.

5. TRADUÇÃO COMENTADA

5.1. Estrutura da Tradução Comentada

A tradução comentada proposta neste projeto estrutura-se da seguinte maneira: o alinhamento dos textos se dá por quadros, sendo que o primeiro quadro da sequência é o TF e o segundo quadro, o TA. Os comentários se encontram após cada sequência de quadros.

5.2. As traduções propostas⁵³

Abaixo, seguem as traduções (funcionalistas⁵⁴) propostas para esta pesquisa:

- HQ *Um homem de negócios* e sua tradução para a HQ intitulada *Business*, bem como seus respectivos comentários;
- HQ *A chamada oral*, e sua tradução para a HQ intitulada *The oral test*, bem como seus respectivos comentários.

Grande parte das decisões tomadas quanto ao pseudodialetto caipira do inglês norte-americano foram adotadas tendo como base três critérios:

1. (três) HQs do Chico Bento traduzidas para o inglês pela equipe de tradutores da MSP, intituladas “Que furada de reportagem”, “O Unicórnio” e “Ou nós acabamos com as formigas...”, disponíveis, respectivamente, em <http://www.monica.com.br/comics/reportag/welcome.htm>, <http://www.monica.com.br/comics/unicorni/welcome.htm> e <http://www.monica.com.br/comics/formigas/welcome.htm>;
2. Quadrinhos de Li'l Abner em inglês, disponíveis em www.comics.com/lil-abner (pelo fato de essas HQs contarem com uma representação oral do inglês caipira) e

⁵³ As HQs traduzidas neste trabalho não necessariamente representam o estilo de tradução da MSP, e sim o estilo de tradução da pesquisadora, Elisângela Liberatti.

⁵⁴ O que se busca fazer nas traduções propostas é domesticar o texto para o leitor final, trabalhando-se de forma a fazer com que a domesticação não prejudique a relação entre texto e imagem. Acredito que a domesticação do texto ajude a torná-lo um texto funcionalista.

3. Dicionário do *hillbilly dialect* (dialeto caipira dos Estados Unidos), disponível no website <http://dickshunairy.blogspot.com/>. Traz ocorrências de palavras do dialeto caipira da região sul dos Estados Unidos.

O website <http://trishgood1.tripod.com/terms.html> também foi utilizado para pesquisas a fim de confirmar ou refutar algumas das escolhas realizadas, uma vez que traz em seu conteúdo a grafia de algumas palavras do inglês caipira utilizado neste projeto. Com isso, quanto às escolhas tradutórias para manutenção do pseudodialeto caipira em si, são feitos poucos comentários. Abaixo, seguem as HQs e seus respectivos comentários.

5.2.1. Tradução comentada da HQ “Um homem de negócios”

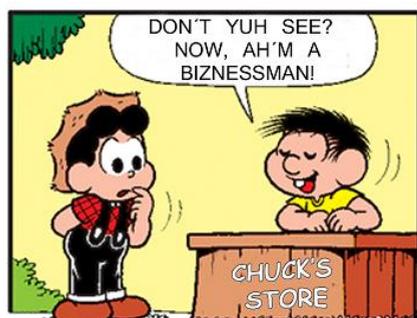
Chico Bento em UM HOMEM DE NEGÓCIOS



© 2010 Copyright Maurício de Sousa. Todos os Direitos Reservados.

Chuck Billy in **BUSINESSMAN**



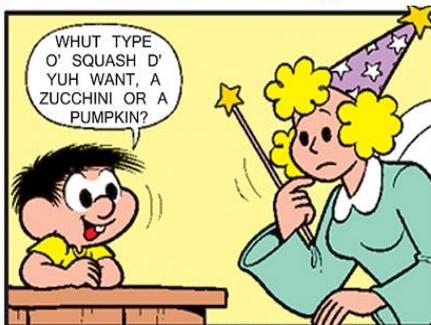


Apesar de o personagem Zé da Roça utilizar linguagem padrão em suas falas em português, nas traduções para o inglês realizadas pela MSP sua fala é representada pela linguagem não padrão da língua. Por isso, optei por seguir a linha tradutória da MSP, deixando as falas do personagem Zé da Roça com o pseudodialecto caipira em inglês (no anexo 3, pp. 166 e 167, seguem quadradinhos exemplificando a tradução da fala do personagem Zé da Roça).

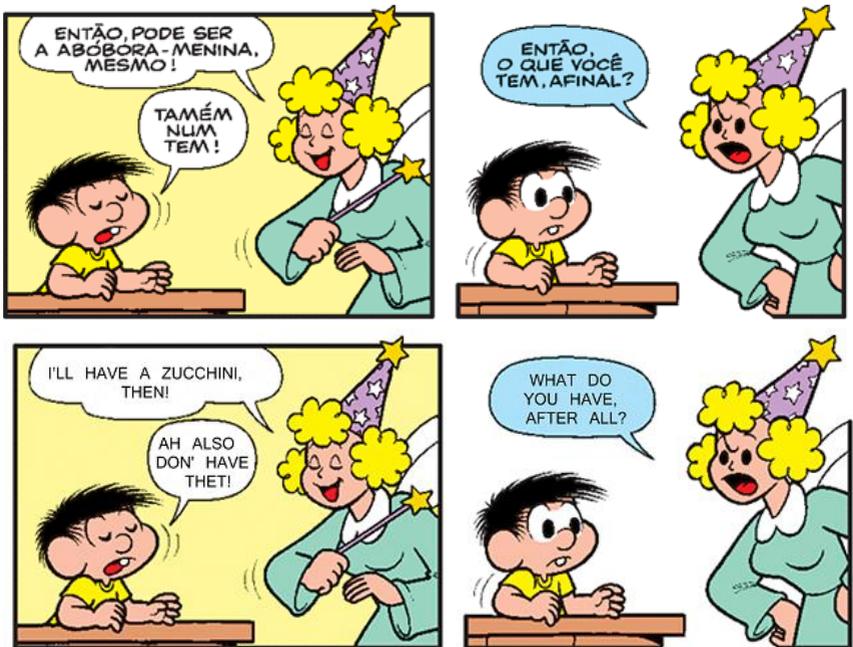
O termo *Quermesse* foi traduzido para *fair* (feira, em Português), uma vez que quermesse tem um sentido diferente nas culturas brasileira e estadunidense. Nos Estados Unidos, quermesse (kirmess) refere-se a qualquer evento ao ar livre, ao passo que, no Brasil, quermesse refere-se a festas paroquiais, religiosas, e, normalmente, com comidas tipicamente caipiras. A quermesse brasileira tem algumas características da festa junina. Por isso, para que a tradução *funcione* para a Cultura Alvo (CA), decidiu-se utilizar um termo abrangente e comum a ambas as culturas envolvidas: *fair*.

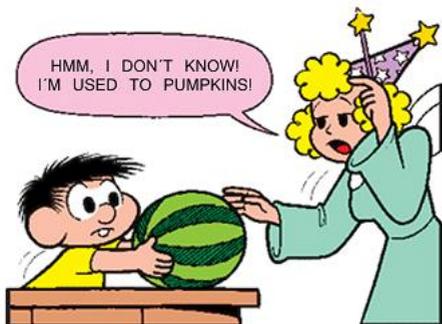


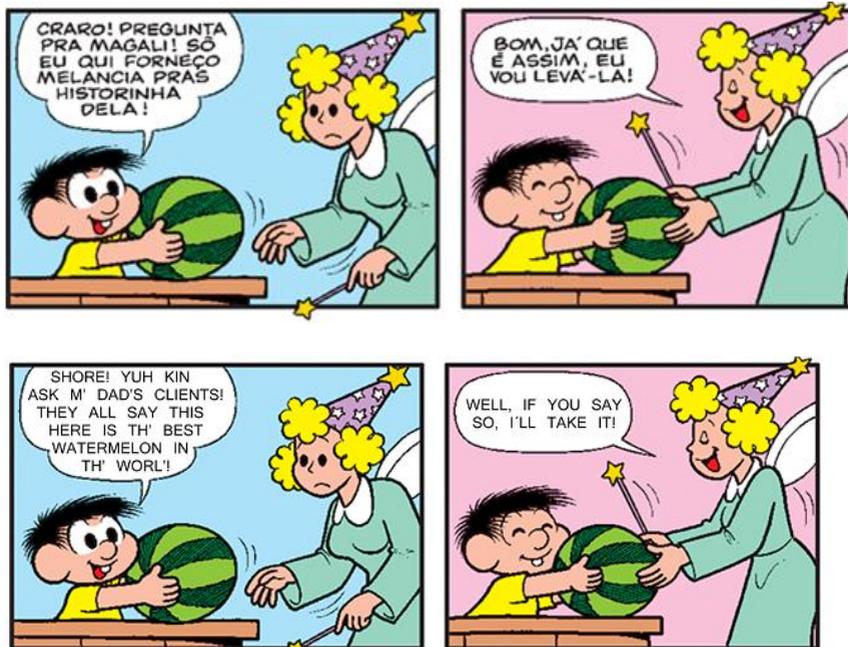




Nas duas sequências anteriores, *abóbora*, *abóbora-menina* e *abóbora-moranga* foram traduzidos, respectivamente, por *squash*, *zucchini* e *pumpkin*. No TF, o jogo de palavras funciona para o público brasileiro, pois a fada pede por abóbora e Chico Bento pode usar o mesmo léxico para perguntar o tipo de abóbora solicitado; porém, no TA, teve que se fazer uma adaptação e, nesse caso, o jogo de palavras não pôde ser mantido. *Squash* é um termo generalizado que inclui quatro diferentes espécies do gênero *Cucurbita*, estando dentre eles a espécie *C. pepo*, que abrange a maioria das abóboras-moranga (pumpkins) e das abobrinhas (zuchinis) (disponível em: <http://www.delange.org/Squash/Squash.htm>). Com isso, o termo abóbora-menina foi traduzido para o TA como sendo *abobrinha*, uma vez que foi o correspondente mais adequado para o TA, pois a abóbora-menina é uma planta brasileira e, portanto, seu nome em inglês pode não ser conhecido para o leitor infanto-juvenil estadunidense.







Na sequência acima, houve o apagamento da referência à personagem Magali e sua relação com melancias, uma vez que não se pode supor que os leitores do TA conheçam a personagem e sua preferência por melancias. Com isso, optou-se por utilizar a referência aos clientes do pai do Chico Bento. No TF, temos: “Craro! Pergunta pra Magali! Sô eu qui forneço melancia pras historinha dela!”. E no TA, em tradução livre para o português, teríamos: “Claro! Você pode perguntar para os clientes do meu pai! Todos eles dizem que essa aqui é a melhor melancia do mundo!”.



A intertextualidade presente na HQ *Um homem de negócios* em relação aos contos de fada apresentados não prejudica o entendimento do público leitor do TA, uma vez que esses contos são mundialmente conhecidos. Por isso, presume-se que tanto o leitor do TF quanto o suposto leitor do TA entendam que a cinderela usa uma abóbora como carruagem, e não uma melancia. O humor, então, continua presente no TA.









A escolha pela mudança do termo *goiaba* por *pears* (peras) levou em consideração o suposto público a ser atingido pelo TA, decidindo-se pela utilização de um termo mais popular para o público estadunidense, já que a pera é amplamente comercializada e consumida nos EUA (disponível em:

http://www.fruitsandveggiesmatter.gov/month/asian_pear.html). A goiaba, por sua vez, não é uma fruta popular nos Estados Unidos, e sim um item de especificidade cultural do Brasil: em comunicação pessoal com o estadunidense William Hanes⁵⁵, colega estadunidense que mora no Brasil há alguns anos, foi passada a informação de que crianças dos Estados Unidos não conhecem a fruta goiaba, mas conhecem a fruta pera.

O texto não verbal permitiu a adaptação de termos pelo fato de existirem peras amarelas e arredondadas (a pera asiática, por exemplo) e possuírem praticamente o mesmo tamanho da representação da goiaba

⁵⁵ William Hanes é estadunidense, casado com uma brasileira, e fala português. Cresceu nos Estados Unidos e mora no Brasil há poucos anos. Sua bisavó viveu na região de Kentucky – segundo relatos do próprio Hanes, ela era uma *hillbilly*.

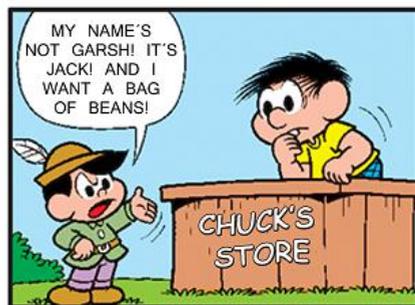
presente na HQ. Além disso, *madurinha* e *vremeinha* foram adaptados para *crisp* (crocante) e *juicy* (suculenta), pois essas são umas das qualidades atribuídas à pera pelo consumidor estadunidense (disponível em: <http://www.simplesteps.org/eat-local/produce/asian-pears>).

Outra possibilidade de adaptação cultural neste caso seria a tradução de *goiaba* por *grapefruit* (toranja), uma vez que existem toranjas da mesma cor e praticamente do mesmo tamanho da goiaba que é representada na HQ em português. A toranja é popular nos Estados Unidos e seria conhecida pelo leitor final. Assim, o texto verbal e o texto não verbal estariam de acordo. Porém, toranja é uma fruta azeda e, normalmente, detestada pelas crianças. Ficaria, então, incoerente colocar o Chico Bento, que é uma criança, como adorador de uma fruta não apreciada pelas crianças.



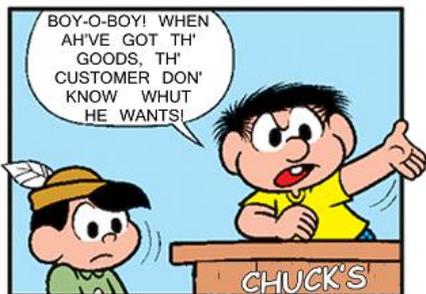
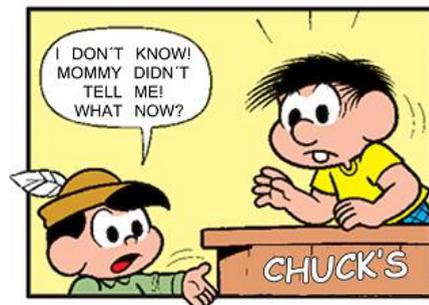


Nos dois quadros acima, espera-se que tanto o leitor do TF quanto o suposto leitor do TA, ao verem a bruxa e sua menção à personagem Branca de Neve, remetam à maçã envenenada que a bruxa dá à Branca de Neve. Por isso, presume-se que o TA atinja o público receptor e o entendimento seja mantido.



O nome *João* do TF foi traduzido por *Jack*, pois esse personagem representa o menino João do conto *João e o pé de feijão*, que, em inglês, chama-se *Jack and the beanstalk*. Com isso, o João do conto em português é o *Jack* do conto em inglês. Aqui, novamente, temos a intertextualidade presente, referente a um conto de fadas mundialmente conhecido. Espera-se, então, que a ligação do João com os feijões também ocorra no TA.











Em algumas variações em inglês de *João e o pé de feijão*, a vaca, personagem do conto de fadas, chama-se Milky-white⁵⁶. Os contos de fadas abordados nesta HQ são de conhecimento mundial; por isso, presume-se que o humor presente no desfecho da HQ, em que os objetos são relacionados aos respectivos personagens dos contos, e o entendimento da HQ como um todo sejam mantidos no TA.

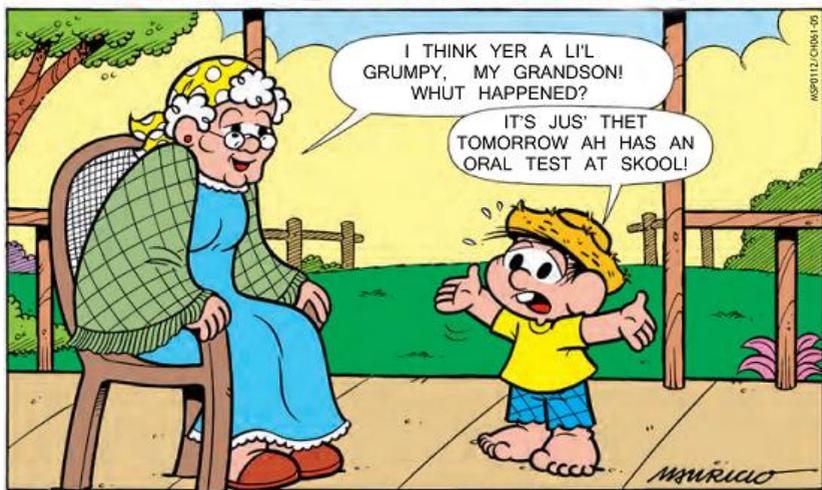
⁵⁶ Disponível em: <http://www.authorama.com/english-fairy-tales-15.html> e <http://www.surlalunefairytales.com/jackbeanstalk/notes.html>.

5.2.2. Tradução comentada da HQ “A chamada oral”



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

Chuck Billy *in*
THE ORAL TEST

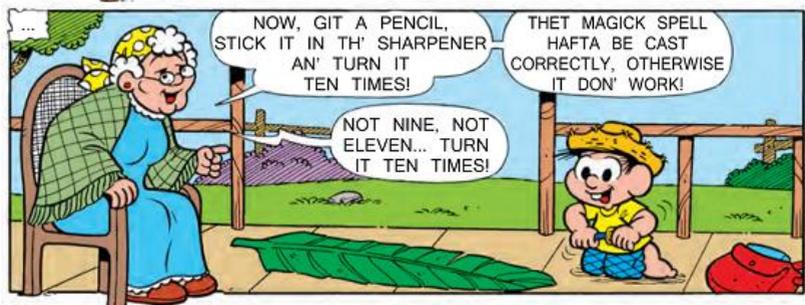




Segundo e-mails trocados com William Hanes em 2012, e também segundo pesquisa realizada no website <http://www.merriam-webster.com/dictionary/sympathy>, a palavra “simpatia” tem uma conotação na cultura brasileira sem correspondente na cultura estadunidense. Por isso, não poderia ser traduzida literalmente por “sympathy”.

No Brasil, simpatia diz respeito a uma crença tradicional ligada ao nosso folclore e pode ser realizada para, por exemplo, trazer o amor perdido de volta. Hanes me informou que, embora na cultura dos Estados Unidos existam muitas superstições, elas não são tão fortes quanto as crenças brasileiras. Segundo ele, simpatia pode ter uma leve aproximação ao que se entende por vodu nos Estados Unidos. Como a palavra vodu é um termo que pode ser interpretado pejorativamente pelo público brasileiro, sendo algo muito específico e, além disso, não adequado para o público infante-juvenil, optou-se pela escolha da expressão “magic spell” (em português: feitiço mágico), por ser um termo mais neutro e abrangente. Além disso, encontrei informações relativas a feitiços mágicos⁵⁷ para quem quer ir bem em algum teste, o que está ligado ao tema da HQ em questão, já que Chico Bento faz um “feitiço mágico” para ir bem na prova.

⁵⁷ Informações retiradas dos seguintes websites:
<http://www.oocities.org/jadeaustin/spells/appalachian.html.tmp>,
<http://www.spellsofmagic.com/spells.html>,
http://www.spellsofmagic.com/spells/luck_spells/good_luck_spells/9597/page.html



Na tradução, a expressão “agulha de injeção” passa a ser apenas “agulha”, com a omissão do termo “de injeção” devido à falta de espaço no balão. O sentido, entretanto, de dizer que o lápis está tão afiado quanto a uma agulha, não se perde no TA.





A tradução da cantiga presente no TF não foi literal, uma vez que a cantiga no TF é um item de especificidade cultural. Pesquisas mostram que existe feitiço em inglês para se obter boas notas em provas, e a cantiga desse feitiço seria: “On this test I take today I shall receive no less than A. Earth, Wind, Fire and Sea, as I say so mote it be!”⁵⁸ (em tradução livre: “Nesse teste que realizarei hoje, não devo tirar menos que A. Terra, Vento, Fogo e Mar, como eu digo então assim seja”). Tive a necessidade de abreviar a cantiga no TA, uma vez que, por ser muito longa, a cantiga em inglês não caberia no espaço disponível nos balões.





Um trecho da simpatia foi reduzido no TA devido à falta de espaço no balão (a passagem "ah take today" foi omitida).



Conforme já explicado em 3.4.2.2 – conteúdo, pág. 77, nas ocasiões em que há referências geográficas relativas ao Brasil no TF, é feita uma adaptação cultural, colocando-se, na tradução, referências geográficas mundiais e estadunidenses. Nos casos dos três quadros acima (em português e em inglês), temos:

- No 1º quadro, a referência ao maior rio brasileiro passou a ser, no TA, a referência ao maior rio do mundo (em tradução livre: “O maior rio do mundo é o Nilo”). Disponível em: <http://ga.water.usgs.gov/edu/riversofworld.html>;

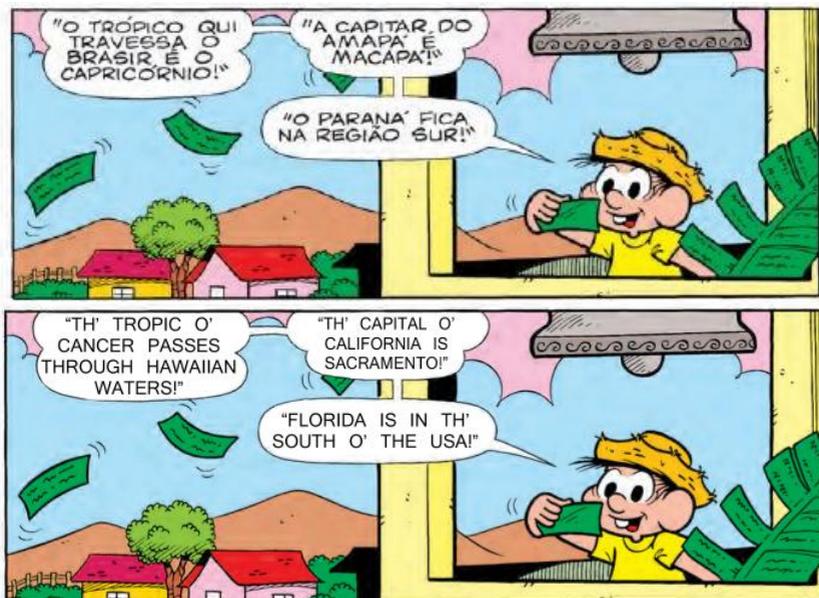
- No 2º quadro, a referência ao ponto mais alto do Brasil, mencionado no TF, no TA passa a ser a referência ao ponto mais alto do mundo (em tradução livre: “A montanha mais alta do mundo é o Monte Everest”). Disponível em: <http://geology.com/records/highest-mountain-in-the-world.shtml> e

- No 3º quadro, o TF faz menção a uma capital de um estado brasileiro, e no TA faço menção a uma capital de um estado dos Estados Unidos (em tradução livre: “A capital do Colorado é Denver”). Disponível em: <http://www.50states.com/>.





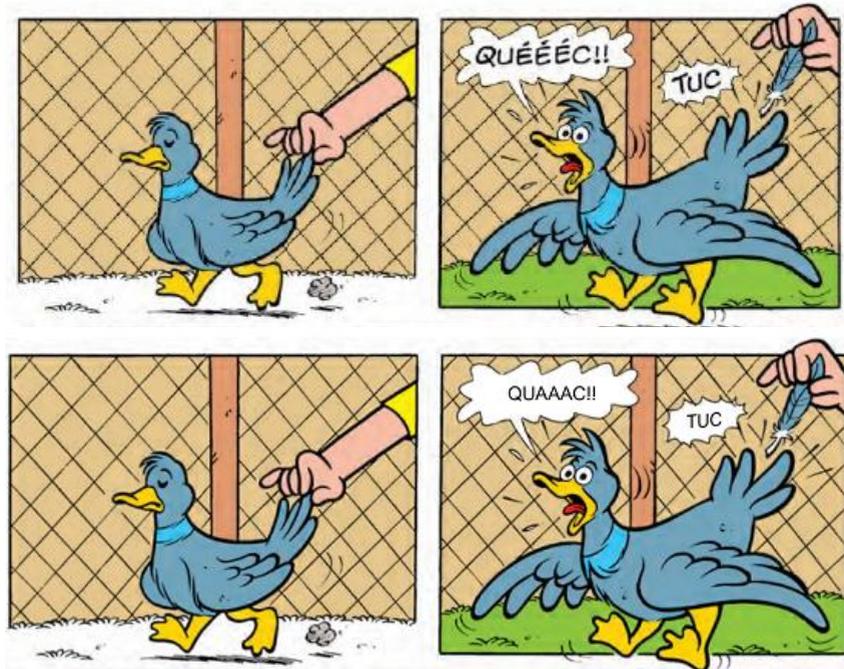
O nome da Vó Dita em inglês é *Granny Mae*. Disponível em: <http://www.monica.com.br/ingles/personag/turma/vodita.htm>.

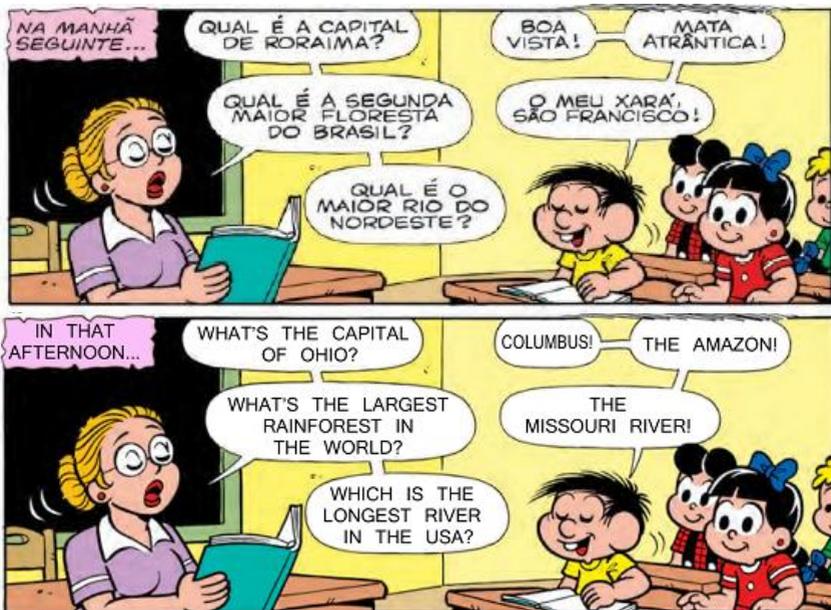


Nos dois quadros acima, temos mais um caso de adaptação da geografia presente no TF do Brasil para geografia mundial / estadunidense no TA. No 1º balão, a menção no TF é sobre o trópico que atravessa o Brasil. Então, no TA, deixa-se a mesma referência aos trópicos, mencionando o trópico que passa pelos Estados Unidos (em tradução livre: “O Trópico de Câncer passa por águas havaianas”). Disponível em: <http://geography.about.com/od/locateplacesworldwide/a/tropiccancer.htm>. No 2º balão, o TF faz menção a uma capital de um estado brasileiro, e no TA tem-se a referência a uma capital de um estado dos Estados Unidos (em tradução livre: “A capital da Califórnia é Sacramento”). Disponível em: <http://www.50states.com/>. E, no 3º balão, adaptou-se a menção à região em que se localiza o estado do Paraná, presente no TF, para menção à região em que se localiza o estado da Flórida, no TA (em tradução livre: “A Flórida está no sul dos EUA”). Em ambos os casos, os estados mencionados estão na região sul de seus respectivos países.



A tradução do nome “Peteleco” por “Plucky” (que significa “valente” em português) foi para gerar um efeito cômico: o pato chama-se “valente”, mas chora ao ter uma de suas penas arrancadas.

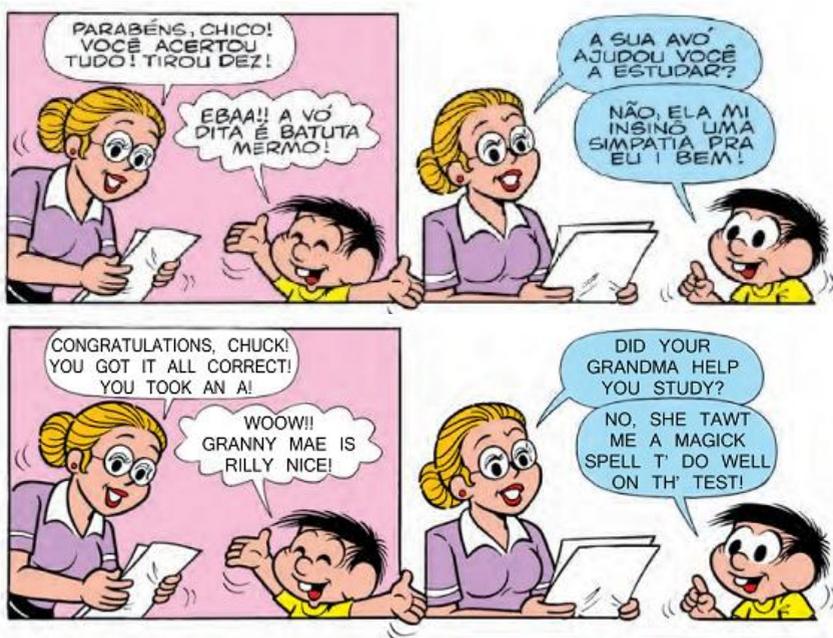




A passagem “Na manhã seguinte”, no TF, é adaptada para “In that afternoon”, no TA (“Naquela tarde”). Isso foi feito para se manter a consistência do enredo, uma vez que o feitiço mágico utilizado por Chico Bento na TA é “On this test I take today” (Em tradução livre: “Nessa prova que eu fiz *hoje*”).

Nos dois quadros acima, temos mais casos de adaptação cultural e geográfica. No 1º balão, o TF faz menção a uma capital de um estado brasileiro, e no TA faço menção a uma capital de um estado dos Estados Unidos (Em tradução livre: Professora: “Qual a capital de Ohio?”. Chico: “Columbus!”). Disponível em: <http://www.50states.com/>. No 2º balão, no TF a professora pergunta qual a segunda maior floresta do Brasil. Como é feita a adaptação cultural para fatores geográficos mundiais ou estadunidenses, optei por deixar a informação no TA sobre qual a maior floresta do mundo, e não qual a segunda maior floresta do Brasil, por dois motivos: o primeiro deles é que acredito ser mais interessante para a criança leitora a informação de qual a maior floresta do mundo, e não qual a segunda maior, e o segundo motivo é porque a resposta traz informação sobre a floresta brasileira, a Amazônia, conhecida mundialmente por seu tamanho e biodiversidade. (Em tradução livre: Professora: “Qual é a maior floresta do mundo?”. Chico: “A Amazônia!”). Por fim, no 3º quadro, o maior rio do Nordeste no TF

foi adaptado para a pergunta e a resposta no TA de qual o rio mais longo dos Estados Unidos. (Em tradução livre: Professora: “Qual o rio mais longo dos Estados Unidos?”. Chico: “O rio Missouri”). Disponível em: <http://www.biomania.com.br/bio/conteudo.asp?cod=3070>.







6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a traduzir duas HQs do Chico Bento no par linguístico português – inglês, comentando-se sobre aspectos culturalmente marcados nas traduções e buscando-se manter uma fala não padrão no TA, já que o TF conta com um português não padrão nas falas da maioria dos personagens. Para isso, foi utilizado um pseudodialecto caipira do inglês norte-americano nas traduções propostas (que têm como um de seus objetivos serem traduções funcionalistas no quesito de *funcionar* para o leitor final do TA).

Esta pesquisa engloba, além da tradução comentada, revisão bibliográfica dos quadrinhos destinados ao público infanto-juvenil, trazendo conhecimento acadêmico sobre as implicações de se traduzir quadrinhos; traz o conceito de pseudodialecto caipira sugerido por Bagno (2011) e as implicações da tradução de (pseudo)dialectos; propõe a criação de um corpus do pseudodialecto caipira ficcional utilizado em ambas as línguas (português e inglês) e utiliza o funcionalismo alemão de Nord como ferramenta metodológica (e teórica).

As três HQs do Chico Bento traduzidas pela equipe de tradutores da MSP usam uma variante não padrão da fala em língua inglesa, denominada *pseudodialecto caipira* pelo linguista Marcos Bagno. A conservação da variante não padrão da língua no TA permite a manutenção da representação, em âmbito linguístico, do que seria o caipira apresentado no TF, ou seja, as HQs em português buscam representar um caipira brasileiro por meio de fatores linguísticos e extralinguísticos (figuras), e as HQs traduzidas para o inglês também procuram representar um caipira (norte-americano), por meio de fatores linguísticos – uma vez que os fatores extralinguísticos permanecem imutáveis na tradução. O que se espera com as traduções propostas, então, é que se atinja o propósito almejado pela utilização do pseudodialecto caipira em Chico Bento. Pode-se afirmar que, tanto nas traduções da MSP, quanto nas traduções propostas nesta pesquisa, busca-se conservar o pseudodialecto caipira nas traduções do Chico Bento, mantendo-se a consistência do TA em relação à variante linguística existente no TF⁵⁹.

⁵⁹ Curioso observar que o personagem Zé da Roça utiliza linguagem padrão no texto em português, mas, nas traduções para o inglês, a MSP optou por utilizar o pseudodialecto caipira em sua fala. O que pode ser observado nas três HQs traduzidas do Chico Bento pela MSP é que tal fato não ocorre com outros

Os textos utilizados como fonte de dados para as traduções propostas neste projeto foram as (três) HQs do Chico Bento já traduzidas pela MSP, quadrinhos de Li'l Abner, de autoria de Al Capp, e pesquisas que extrapolam os limites dos quadrinhos citados. Um dicionário do dialeto caipira dos Estados Unidos foi bastante utilizado, também, principalmente nas ocasiões em que os quadrinhos selecionados não abrangiam os termos buscados.

As traduções realizadas pela MSP são de cunho mercadológico, não seguindo, portanto, um embasamento teórico, o que as diferencia do proposto para a presente pesquisa, que está inserida em um contexto acadêmico e traz comentários referentes a questões culturais e linguísticas. As traduções existentes realizadas pela equipe de tradutores da MSP diferem-se da tradução proposta neste estudo no sentido de não terem como base escolhas informadas pautadas na teoria funcionalista de Nord, o que não quer dizer, de forma alguma, que as traduções realizadas pela MSP sejam melhores ou piores do que as traduções realizadas nesta pesquisa. A semelhança entre as HQs traduzidas pela MSP e as HQs traduzidas neste projeto é que não há neutralização do texto na tradução de Chico Bento para o inglês, diferentemente do que ocorre com a tradução de Li'l Abner para o português – em inglês (TF), os personagens em Li'l Abner usam pseudodialetos caipira para se comunicar, e, na tradução para o português, tal variante não padrão foi homogeneizada, ou seja, todos os personagens se comunicam de acordo com a norma padrão da língua escrita.

O que se pode afirmar, no entanto, é que o conceito trazido pelo funcionalismo alemão de leitor-receptor como meta final na tradução teve grande influência nas escolhas realizadas para a tradução proposta nesta pesquisa. Ressalta-se, contudo, que, segundo a teoria funcionalista, não existe somente uma tradução adequada para um texto. Isso quer dizer que a tradução aqui proposta é uma das possíveis traduções que podem ser feitas, e não a única correta, da mesma forma que as traduções já realizadas pela MSP. É importante lembrar, também, que as traduções aqui propostas não refletem, necessariamente, o estilo de tradução da MSP, e sim o estilo da pesquisadora.

personagens que utilizam a fala padrão no TF, somente com o Zé da Roça. Uma hipótese para isso é o aspecto semiótico que caracteriza o personagem: sua vestimenta, com chapéu de palha e macacão, pode ser motivo para que fosse tomada a decisão de se caracterizar, também pelo texto verbal, o aspecto caipira do personagem.

Ao traduzir um texto, o tradutor passa por importantes momentos decisivos. As escolhas, às vezes, são difíceis – ao escolher algo, abre-se mão de alguma coisa. Sobre a tradução que proponho nesta pesquisa, precisei decidir, em primeiro lugar, entre domesticar o texto ou estrangeirizá-lo. Minha tradução, então, seria toda pautada em cima dessa decisão, de modo a tornar coerente o que me propunha a fazer na pesquisa. Pensando no principal público a ser atingido pelas HQs em questão (crianças, as quais não possuem conhecimento de outras culturas e conhecimento de mundo aprofundado), e também desejando que o texto fosse compreendido por elas da maneira mais clara possível, a decisão foi a de domesticar o texto traduzido para o público-alvo. Ou seja: informações culturalmente marcadas sobre o Brasil foram adaptadas na tradução para informações ora neutras (*quermesse* foi traduzido por *feira*, por exemplo) ora culturalmente marcadas sobre os estados Unidos (país do suposto leitor final do texto). Além disso, o que me ajudou em relação a essa escolha foram as HQs que já haviam sido traduzidas pela MSP – nota-se, nessas HQs, que a tradução é adaptada culturalmente para seu público-alvo. Assim, a escolha da domesticação do texto me pareceu a mais sensata e coerente dentro deste contexto.

Com isso, espera-se como resultado final das traduções sugeridas que o TA atinja seu (suposto) público receptor, a criança estadunidense, por meio de adaptações (culturais) realizadas no ato tradutório dos textos em português para os textos em inglês, sendo possível, então, afirmar que as traduções propostas são funcionalistas. Lembrando que o objetivo, aqui, não é comprovar a *funcionalidade* do texto na recepção, uma vez que, para isso, seria necessária uma análise dos resultados alcançados do TA nos (supostos) leitores das traduções propostas (já que quem decide a funcionalidade de um texto é o seu receptor). O que se tem é um *contexto de recepção ideal*, utilizando-se de elementos na tradução capazes de torná-la um texto funcional, ou seja, que, teoricamente, funcione para o leitor final, o qual é *hipotético*.

Por ser uma área relativamente nova de pesquisa, estudos sobre tradução de quadrinhos não são vastos. O precário conteúdo científico sobre tradução de quadrinhos (e de LIJ, também com muito a ser explorado) existente na área de Estudos da Tradução impulsionou o desenvolvimento deste trabalho. Com este projeto, procura-se enriquecer a área de tradução de LIJ e de tradução de quadrinhos voltados ao público infanto-juvenil, impulsionando novas pesquisas a serem feitas abrangendo ambas as áreas, bem como demonstrar que a tradução de quadrinhos sofre limitações diversas, não sendo um gênero textual de simples tradução.

Levando-se em consideração as limitações concernentes à tradução de quadrinhos, as pesquisas futuras na área poderiam englobar, por sugestão, questões ligadas à relação existente entre texto verbal e imagens, estas ainda bastante negligenciadas por editoras no processo tradutório, as quais muitas vezes não consideram que cores, formas, balões, gestos, símbolos, etc. não são universais; estudo da tradução de marcas culturais e regionais presentes em HQs, envolvendo ambos texto e imagem; traduções comentadas sobre outras HQs, podendo traduzir e refletir sobre questões que envolvem dialetos artísticos, marcas sociais, culturais, políticas e geográficas; pesquisa sobre a adaptação de quadrinhos para outro meio e vice-versa (tradução intersemiótica); pesquisas com quadrinhos orientais e sua tradução para o mercado ocidental (e vice-versa); entre tantas outras pesquisas que podem contribuir para a tão esperada e merecida eliminação do desprestígio referente à área de tradução de quadrinhos e de tradução de LII.

Com a proposta de realizar traduções funcionalistas de quadrinhos do Chico Bento, buscou-se contribuir para (possíveis) traduções futuras no par-linguístico português – inglês de textos que utilizem o pseudodialeto caipira e que tenham como estratégia a manutenção do pseudodialeto no TA. Às traduções das duas HQs selecionadas, podem ser adicionadas outras propostas de traduções de textos diversos que façam uso do pseudodialeto caipira, envolvendo vocabulário que não tenha sido abordado, ou até mesmo sugestões adicionais àquelas aqui presentes, podendo-se aumentar, com isso, o conteúdo do corpus de pequena escala que foi criado durante a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

A *PRIMEIRA a gente nunca esquece*. 2011. Disponível em: <<http://planetamongo.wordpress.com/2011/06/18/a-primeira-a-gente-nunca-esquece/>>. Acesso em: 27/02/2012.

ACCÁCIO, Manuela Acássio. *Tradução funcionalista de literatura infantil*. In: Colóquio (Internacional) de Estudos Linguísticos e Literários, 2010, Maringá, Pr. Anais do I Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários e do IV Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá: CIELLI, 2010. p. 1-12.

ALCÂNTARA, Luciane. *Oficina de Histórias em Quadrinhos*. s/ ano. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/coordenadores/anotacoes-de-coordenadores-sobre-cursos-e-oficinas-diversas/oficina-de-historias-em-quadrinhos>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2012.

ALMEIDA, Marcelo Abreu de; LIMA, Edna Regina Hornes de. *O fenômeno da explicitação como universal da tradução: um estudo exploratório*, 2004. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca/apresentacoes/apresentacao_SIC_2007_LIMA_ALMEIDA.pdf>. Acesso em: 21 de janeiro de 2012.

ÁLVARO de Moya e os 60 anos da exposição de 1951. Disponível em: <<http://quadrinhos.wordpress.com/category/comics-quadrinhos/desenhistas/alvaro-de-moya/>, 2011>. Acesso em: 27/02/2012.

ANSELMO, Zilda Augusta. *Histórias em Quadrinhos*. Petrópolis, Vozes, 1975.

AZENHA JUNIOR, João. *A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional*. Pandaemonium Germanicum, São Paulo, v. 9, p. 367-392, 2005.

AZENHA JUNIOR, João. *Dependências, assimetrias e desafios na tradução para a criança e o jovem no Brasil*. In: SCHEYERL, Denise; RAMOS, Elizabeth (Org.). **Vozes Olhares Silêncios**: diálogos transdisciplinares entre a linguística aplicada e a tradução. Salvador: EDUFBA, 2008.

BAGNO, Marcos. *Dissertação sobre dialeto* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <mbagno@terra.com.br> em 27/05/2011.

_____. *Entrevista com o professor Marcos Bagno*. Revista In-Traduções, v. 6, p. 209-212, 2011. Entrevista concedida a Elisângela Liberatti e Michelle de Abreu Aio.

_____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKER, Mona. Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions of future research. In. **Target**, 7:2 p. 223-243. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

BERANGER, Camila Franco de Carvalho. *Caracterização do universo popular regional nas histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa*: um estudo de caso da Revista do Chico Bento. Iniciação Científica. Universidade de Mogi das Cruzes, 2008. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Folkcom%202009/arquivos/Trabalhos/27%20-Folkcom%202009%20-%20Caracterização%20dp%20universo%20popular%20-%20Camila%20Franco__tmp4c773df3.pdf>. Acesso em: 07/10/2010.

BERANGER, Camila Franco de Carvalho; FERREIRA, Letícia Tiemi Yajima Franklin; FIRMINO, Patrícia Toni. *A Psicologia do mundo mágico de Maurício de Sousa*. 31 f. Pré-projeto apresentado à disciplina 'Projeto de Produtos e Processos Midiáticos' (curso de

Comunicação Social - Jornalismo), Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP, 2008. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6515062/A-psicologia-do-mundo-magico-de-Maurício-de-Sousa>>. Acesso em: 04/08/2010.

BONINI, Luci. *História das histórias em quadrinhos*. 2008. Disponível em: <<http://lucibonini.blogspot.com/2008/05/histria-das-histrias-em-quadrinhos.html>>. Acesso em: 27/06/2010.

CÂMARA JUNIOR, Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAPP, Julie. *About Li'l Abner's dialect* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jcairol@cappenterprises.com> em 01/02/2011.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation – the spread of ideas in translation theory*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2000.

COELHO, N. N. *Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática*. 7ª. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CINTRÃO, Heloísa Pezza. *Notas para um estudo da tradução literária do espanhol no Brasil*. Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas – UFMG, 2008, pp. 2723-2732. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas%20_2502-3078/Notas%20para%20um%20estudo.pdf>

CÓRIO, Maria de Lourdes Del Fáveri. *O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a*

modernidade. 2006. 176 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Estudos da Linguagem). Marília, SP.

CUNHA, M. A. A. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 1994.

DAVIDSON, Clare. *Toon in to Monica! In: Perspectives in Health - The magazine of the Pan American Health Organization*. Volume 9, Number 1, 2004. Disponível em: http://www.paho.org/english/dd/pin/Number19_article04.htm. Acesso em 13/04/2012.

ERDEI, Leni Dias de Sousa; SENA, Teresinha de Jesus da Silva. *Funções da linguagem no gênero gibi*. 19 f. Trabalho apresentado ao curso de Letras da UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande. Várzea Grande – MT, 2008. Disponível em: <http://www.univag.edu.br/adm_univag/Modulos/Producoes_Academicas/arquivos/Leni.pdf>. Acesso em 05/07/2011.

FERNANDES, L. P. *Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: A Corpus-Based Study*. 2004. 270 f. Tese (Doutorado em Letras – Língua Inglesa). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. Acesso em: 09/09/2010.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Spoken and written language*. Victoria, Australia: Deakin University Press, 1985.

HANES, William. *Tradução - mestrado* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <billeza@gmail.com> em 10/02/2012.

HARKINS, Anthony. *Hillbilly: A Cultural History of an American Icon*. Oxford University Press, USA. 2005. Disponível em: <http://www.amazon.com/reader/0195189507?_encoding=UTF8&page=36>. Acesso em: 16/11/2011.

HATIM, B.; MANSON, I. *Discourse and the Translator*. London: Longman, 1990.

HÉBERT, Louis. *The Functions of Language*, in Louis Hébert (dir.), *Signo* [online], Rimouski (Quebec), 2011. Disponível em: <<http://www.signosemio.com>>. Acesso em 08/07/2011.

HONOR, André Cabral. *A identidade modernista no filme “Mônica e Cebolinha no mundo de Romeu e Julieta”*, 2005. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2005%20-%20Andr%C3%A9%20Cabral%20Honor%20TC.PDF>. Acesso em: 05/07/2011.

HILLBILLY Dictionary. Disponível em: <<http://dickshunairy.blogspot.com/>>. Acesso em: 23/01/2011.

HILLBILLY Dialect. Disponível em: <<http://trishgood1.tripod.com/terms.html>>. Acesso em: 23/01/2011.

JOOSEN, V. ‘Breaking time to Postcards: How Aidan Chamber Goes (Or Does not Go) Dutch’. In: *Children’s Literature Translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, p. 61 -78, 2006.

KAINDL, K. (2004). *Multimodality in the translation of humour in comics*. In: Charles, C.; Kaltenacher, M.; Ventola, M. *Perspectives on Multimodality*. John Benjamins B.V., pp. 173 – 192, 2004.

LACERDA, Patrícia F.A. da Cunha. *Tradução e sociolinguística variacionista: a língua pode traduzir a sociedade?* Tradução & comunicação. Revista Brasileira de Tradutores. Nº 20, ano 2010. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, pp. 127-142.

LEAL, Alice Borges. *Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. Scientia Traductionis, Florianópolis, SC, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2006.

LOPES, Hélio Eduardo *in* Os diferentes tipos de desenhos, 2006. Disponível em <<http://www.globo.com/FlashShow/0,,11226,00.swf>>. Acesso em 25 de junho de 2011.

MAURÍCIO de Sousa. Disponível em Mundo HQ. [20--?]. <<http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=4&id=22>>. Acesso em: 06/03/2012.

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAIS, Maxmyllyanne. *Sorrir é o melhor remédio*, 2010. Disponível em: <<http://multmaxx.blogspot.com/2010/06/sorrir-e-o-melhor-remedio.html>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2012.

NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model of Translation-Oriented Text Analysis*. Translated by Christiane Nord and Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1991.

_____. *Dealing with Purposes in Intercultural Communication: Some Methodological Considerations*. Revista Alicantina de Estudos Ingleses, Alicante, n. 14, p. 151-166, 2001.

MAURÍCIO de Sousa Produções LTDA. Portal da Turma da Mônica. Disponível em: <www.monica.com.br/index.htm>. Acesso em: 15/06/2010.

MAURÍCIO de Sousa Produções LTDA. Portal da Turma da Mônica em inglês. Disponível em: <www.monica.com.br/ingles/index.htm>. Acesso em: 15/06/2010.

O GÊNERO das histórias em quadrinhos. S/ ano. Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/imagem/capitulo/2698445.pdf>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2012.

O'SHEA, José Roberto Basto . *Entrevista: José Roberto O'Shea.* Cadernos de Tradução (UFSC), Florianópolis, v. 4, p. 391-400, 2001.

O'SULLIVAN, Emer. *Comparative children's literature.* Routledge, New York, NY, 2002.

OCHABA, Sabine. *1890: Primeira revista em quadrinhos.* Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,834103,00.html>>. Acesso em: 28/11/2011.

OITTINEN, Riitta. *Translating for Children.* New York: Garland Publishing, 2000.

PFAU, Monique. *Tradução do diálogo feminista entre culturas periféricas sobre o feminismo de culturas centrais: um estudo de caso para a aplicação do modelo funcionalista de Christiane Nord.* 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. Acesso em: 15/09/2011.

QUEM inventou a histórias em quadrinhos? In: Revista digital Mundo Estranho. Paginação irregular. [2012?]. Editora Abril. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quem-inventou-a-historias-em-quadrinhos>>. Acesso em: 05 de maio de 2012.

RIBEIRO, Antônio Luiz. [20--?]. *Guia dos quadrinhos.* Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=3661>. Acesso em 10 de outubro de 2011.

RICCALDONE, Yuri. *Quadrinho.com: Uma Nação Sem Fronteiras. A tradução e os quadrinhos ou o albergue do longínquo na arte sequencial*, 2010. Disponível em: <http://www.quadrinho.com/index.php?option=com_content&view=article&id=22:a-traducao-e-os-quadrinhos-ou-o-albergue-do-longinquo-na-arte-sequencial&catid=10:artigos&Itemid=18>. Acesso em: 04/05/2010.

SANTOS, Aparecida de Fátima Amaral dos; SILVA, Célia Francisca da. *Tiras do Hagar: caracterização e sequência didática para leitura*. Anais do 6º Seminário de Pesquisas em Linguística Aplicada (SePLA), Taubaté, 2010. ISSN: 1982-8071, CD-Rom. Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/6sepla/site/resumos_expandidos/SANTOS_Aparecida_de_Fatima_Amaral_dos_SILVA_Celia_Francisca_da_p_54_70.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

SARDINHA, Tony Berber. *Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução*. S/ ano. Disponível em: <150.162.1.115/index.php/traducao/article/download/5980/5684>. Acesso em: 23 de janeiro de 2012.

SHAVIT, Zohar. ‘The Double Attribution of Texts for Children and How It Affects Writing for Children’. In: Sandra L. Beckett (ed.). *Transcending Boundaries: Writing for a Dual Audience of Children and Adults*. Garland: New York & London, 1999, p. 83-98. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~zshavit/articles/57_the_double.pdf>. Acesso em 17/05/2011.

SOUTO, Marina Ubeda. *A metáfora situacional na HQ Mafalda: análise dos contextos tradutórios*. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. Acesso em: 18/06/2011.

SOUSA, Maurício de. *Guia dos quadrinhos. Chico Bento*. [20--?]. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=469&nome=Chico+Bento>. Acesso em: 02/02/2011.

VENTOLA, Eija; CHARLES, Cassily; KALTENBACHER, Martin. *Perspectives on multimodality*. John Benjamins Publishing Company, 2004. 249 pp.

VERGUEIRO, Waldomiro. *História em quadrinhos em debate*, 2009. Disponível em: <<http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-conversa-com/historia-em-quadrinhos-em-debate>>. Acesso em: 19/11/2010.

VILELA, Túlio. *Quadrinhos e 2ª Guerra Mundial - Capitão América e os roteiristas judeus*. [20--?]. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia/quadrinhos-e-2-guerra-mundial-capitao-america-e-os-roteiristas-judeus.jhtm>>. Acesso em: 27/01/2012.

WILLIAMS, Jenny & CHESTERMAN, Andrew. *The Map – A Beginner's Guide to Doing Research*. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

ZANETTIN, Federico. *Comics in translation*. University of Perugia, Italy. St. Jerome Publishing, 2008.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Dissertação – ajuda* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <metazipser@gmail.com> em 28/04/2012.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. 2002. 274 f. Tese (Doutorado em Letras Modernas). Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. Acesso em: 18/01/2012.

MATERIAL DE APOIO:

Gibis de Chico Bento disponíveis em versão eletrônica e gibis de Li'l Abner disponíveis em versão eletrônica.

ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de autorização cedido pela MSP em 2010

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

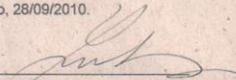
Pelo presente instrumento MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES LTDA, sociedade brasileira por quotas de responsabilidade limitada, com sede à Rua do Curtume, n. 745 - Bloco "F", Lapa de Baixo - São Paulo - Capital - CEP 05065-900 - Brasil, representada neste ato pela Sra. Yara Maura Silva, infra-assinada, doravante denominada "MSP", vêm pelo presente termo, AUTORIZAR, sem quaisquer custos, inclusive de Direito Autorais e Conexos, a estudante: Elisângela Liberatti, brasileira, solteira, portadora da Cédula de Identidade R.G. sob o n. 8202724-6, inscrita no CPF/MF sob o n°. 060659509-04, residente e domiciliada em Florianópolis, estado de Santa Catarina, a utilizar as imagens que ora seguem em anexo a este termo, com o fim único, exclusivo e sem fins lucrativos, para ilustrar/elaborar o trabalho denominado: artigo científico, para publicação na revista acadêmica "Cadernos de literatura em Tradução" e uso das imagens na dissertação de mestrado, intitulado: "Análise da tradução do dialeto interiorano brasileiro nos quadrinhos do Chico Bento", que tem como orientador o Professor Dr. Lincoln Fernandes, do curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), localizada no Campus Reitor João David Ferreira Lima - Trindade - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil - CEP 88040-970, inscrita no CNPJ sob o n. 83.899.526/0001-82.

Em todas as imagens (doc 1) deverá constar o crédito: ©2010 Copyright Mauricio de Sousa – Todos os Direitos reservados.

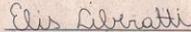
Qualquer outra destinação contrária ao exposto neste "Termo de Autorização" deverá ser solicitada expressamente.

Esta autorização vigorará até o dia 01 de agosto de 2012. Findo o prazo especificado, se faz necessário nova solicitação de autorização expressa, para continuidade da mesma.

São Paulo, 28/09/2010.


Yara Maura Silva
Vice Presidente Internacional MSP

De acordo:


Elisângela Liberatti

ANEXO 2 – Termo de autorização cedido pela MSP em 2012

Prezada Elisângela Liberatti,

Informamos que trabalhos escolares ou teses com qualquer citação de personagens que são de autores que detêm o copyright são somente para fins estritamente acadêmicos.

Veja as restrições abaixo, por favor:

DADOS IMPORTANTES PARA TESES REALIZADAS COM PERSONAGENS QUE TÊM AUTORES DETENTORES DE DIREITOS AUTORAIS, COMO É O CASO DE MAURICIO DE SOUSA:

ASSIM QUE A TESE FICAR PRONTA, POR FAVOR ENVIE CÓPIA EM CD PARA CÁ E PARA A MSP BRASIL, PARA REVISÃO DE DADOS.

SE FOR USAR ALGUMA ILUSTRAÇÃO NA TESE SERÁ PRECISO QUE AS ILUSTRAÇÕES SEJAM EM ALTA RESOLUÇÃO - NAO PODEM SER TIRADAS DA NET EM NENHUMA HIPÓTESE.

PARA USO DE ARTES E FOTOS VOCE PRECISARÁ OBTER A DEVIDA AUTORIZAÇÃO POR ESCRITO DA EMPRESA.

A citação do copyright do autor nas artes é imprescindível.

©2011 Mauricio de Sousa - Todos os Direitos reservados - www.monica.com.br

ESTA TESE É UNICAMENTE ACADÊMICA E NÃO PODERÁ SER PUBLICADA E/OU DISTRIBUÍDA EM LIVRO.

INFORMAÇÕES CONFIDENCIAIS DA EMPRESA NAO PODERÃO SER DIVULGADAS SEM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO.

AS HQs TRADUZIDAS NESTA TESE SÃO AS SEGUINTEs:
A CHAMADA ORAL
UM HOMEM DE NEGÓCIOS

AS HQS TRADUZIDAS NESTE TRABALHO NÃO REPRESENTAM O ESTILO DE TRADUÇÃO DA MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES. REPRESENTAM O ESTILO DE TRADUÇÃO DE ELISÂNGELA LIBERATTI.

Atenciosamente,

Yara Maura Silva

International Vice President
MSP INTERNATIONAL INC.
email : monicatoon@aol.com

De acordo,



Elisângela Liberatti
email: elisliberatti@hotmail.com

ANEXO 3 – Quadrinhos personagem Zé da Roça
(disponível em:

<http://www.monica.com.br/comics/formigas/welcome.htm> e
<http://www.monica.com.br/ingles/comics/formigas/welcome.htm>)



© 2002 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2002 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2002 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2002 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.